

Rozinaldo Ribeiro da Silva
Renato Pinheiro da Costa
Leonardo Zenha Cordeiro
Marcelo Leandro Neres

AO VIVO

• AO VIVO

LIVRO DAS LIVES

EM

EDUCAÇÃO

Discussões sobre o Ensino Remoto
em Tempos de Pandemia

AO VIVO





Trata-se de uma obra do gênero científico e nela constam as opiniões de profissionais da Educação Básica e Superior, das diversas áreas, como Educação, Química, Medicina, Políticas Educacionais, História da Educação, Psicologia, Educação do Campo, Didática, Etnodesenvolvimento, Pedagogia, Escola Básica, Engenharia Florestal e Engenharia Agrônômica. A obra tem os traços de um trabalho em que, embora já houvesse aqui acolá, no referido campus, algumas atividades desenvolvidas por meio da internet como realização de vídeos por alguns docentes (entre eles, eu) e discentes, nada se compara ao que se viu, nesse sentido, a partir do mês de outubro de 2020. As lives apresentam, portanto, sentimentos de profissionais da educação trabalhando cercados pelas mortes de companheiros de profissão, amigos e parentes. Desde o dia 12 de março de 2020, quando o Brasil registrou a primeira morte, até esta data, não houve um dia em que a morte não tenha sido lembrada por estes profissionais. Inclusive, alguns deles foram infectados e adoeceram de Covid-19, passando por uma situação de risco para suas vidas.



editora *fi*.org



LIVRO DAS LIVES EM EDUCAÇÃO

LIVRO DAS LIVES EM EDUCAÇÃO

DISCUSSÕES SOBRE O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rozinaldo Ribeiro da Silva
Renato Pinheiro da Costa
Leonardo Zenha Cordeiro
Marcelo Leandro Neres



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SILVA, Rozinaldo Ribeiro da; COSTA, Renato Pinheiro da; CORDEIRO, Leonardo Zenha; NERES, Marcelo Leandro

Livro das lives em educação: discussões sobre o ensino remoto em tempos de pandemia [recurso eletrônico] / Rozinaldo Ribeiro da Silva; Renato Pinheiro da Costa; Leonardo Zenha Cordeiro; Marcelo Leandro Neres – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

216 p.

ISBN: 978-65-5917-519-2

DOI: 10.22350/9786559175192

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Ensino remoto; 2. Pandemia; 3. Lives; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Rozinaldo Ribeiro da Silva

9

INTRODUÇÃO

12

1

17

LIVE 1: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TECNOLOGIA E POLÍTICA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Davis Castro

Rozinaldo Ribeiro da Silva

Leonardo Zenha Cordeiro

Renato Pinheiro da Costa

2

46

LIVE 2: ESCOLA E ISOLAMENTO SOCIAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Ronaldo Marcos de Lima Araújo

Natamias Lopes de Lima

Léia Gonçalves de Freitas

Rozinaldo Ribeiro da Silva

3

82

LIVE3: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO REMOTO NA UFPA

Roseane Rabelo Souza Farias

Rozinaldo Ribeiro da Silva

Renato Pinheiro da Costa

4

111

LIVE 4: POR DENTRO DO LOCKDOWN, EM ALTAMIRA-PA: IMPRESSÕES

Priscilla Bellard Mendes de Sousa

Rozinaldo Ribeiro da Silva

Vitoriano Bill

5

153

**LIVE 5: UM ANO DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CAMPUS DE ALTAMIRA/UFPA
- RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES**

Anderson Borges Serra

Djair Alves Moreira

Fernando Jorge dos Santos

Jose Queiroz de Miranda Neto

Luís Antônio Loureiro Maués

Miguel Alves Junior

Raílys Cravo Herrera

Carla Giovana Souza Rocha

Gizelia Maria da Silva Freitas

REFERÊNCIAS

213

OS AUTORES

215

APRESENTAÇÃO

*Rozinaldo Ribeiro da Silva*¹

O Projeto de Extensão Mesa Virtual realizou diversas lives durante os anos 2020 e 2021, dando visibilidade a debates inviabilizados na forma presencial, no Campus Universitário de Altamira-Universidade Federal do Pará(UFPA), durante a pandemia de Covid-19, quando todas as universidades brasileiras tiveram que paralisar suas aulas, passando ao Ensino Remoto Emergencial.

Quatro das oito lives foram selecionadas para constar neste livro eletrônico: **LIVRO DAS LIVES EM EDUCAÇÃO: DISCUSSÕES SOBRE O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA**. Que se encontram no canal EDUCAÇÃO EM DEBATE no https://www.youtube.com/channel/UC8C_4R5-8MVDW7Abvv93UQA, do projeto mesa virtual.

Ao ler o conteúdo transcrito das lives, o leitor encontrará a visão de cada um dos convidados para participar dos debates acerca dos temas referentes à situação política vivida no Brasil e questões diretamente ligadas ao ensino por meio das redes sociais. Muitos intelectuais aceitaram participar dos eventos, entre eles Prof. Ms. Rozinaldo Ribeiro da Silva, Prof. Dr. Leonardo Zenha Cordeiro, Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa, Tec. Esp. Marcelo Leandro Neres, Prof. Dr. Davis Castro, Prof. Dr. Ronaldo Araújo, Prof. Dr. Natamias Lopes de Lima, Prof^a. Dr^a. Léia Gonçalves de Freitas, Prof^a. Dr^a. Roseane Rabelo Souza Farias, Dr^a. Priscilla Bellard Mendes de Sousa, Prof. Esp. Vitoriano Bill, Prof. Dr. Djair Alves

¹ Coordenador do Projeto de Extensão Mesa Virtual

Moreira, Prof. Dr. Luís Antônio Loureiro Maués, Prof. Dr. Jose Queiroz de Miranda Neto, Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos, Prof^a. Ms. Gizelia Maria da Silva Feitas, Prof^a. Dr^a. Rairys Cravo Herrera, Prof. Dr. Miguel Alves Junior, Prof^a. Dr^a. Carla Giovana Souza Rocha, Prof. Dr. Anderson Borges Serra.

Trata-se de uma obra do gênero científico e nela constam as opiniões de profissionais da Educação Básica e Superior, das diversas áreas, como Educação, Química, Medicina, Políticas Educacionais, História da Educação, Psicologia, Educação do Campo, Didática, Etnodesenvolvimento, Pedagogia, Escola Básica, Engenharia Florestal e Engenharia Agronômica.

A obra tem os traços de um trabalho em que, embora já houvesse aqui acolá, no referido campus, algumas atividades desenvolvidas por meio da internet como realização de vídeos por alguns docentes (entre eles, eu) e discentes, nada se compara ao que se viu, nesse sentido, a partir do mês de outubro de 2020.

As *lives* apresentam, portanto, sentimentos de profissionais da educação trabalhando cercados pelas mortes de companheiros de profissão, amigos e parentes. Desde o dia 12 de março de 2020, quando o Brasil registrou a primeira morte, até esta data, não houve um dia em que a morte não tenha sido lembrada por estes profissionais. Inclusive, alguns deles foram infectados e adoeceram de Covid-19, passando por uma situação de risco para suas vidas.

É uma obra construída em meio a um contexto perigoso, que reflete o estado guerra, em que o inimigo tinha como principal aliado o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que não combateu a

pandemia de covid-19 e até mesmo, contribuiu para disseminação da doença entre os brasileiros.

É, por fim, uma obra construída por sobreviventes, a cada dia, como um filme de suspense, que o leitor poderá encontrar nas linhas e entrelinhas das páginas esboçadas a diante.

INTRODUÇÃO

Esta obra é o resultado do Projeto de Extensão Mesa Virtual, que ao longo de um ano realizou importantes debates sobre as temas inerentes as condições em que vem ocorrendo o ensino superior e na educação básica, contando com a colaboração de professores de diferentes áreas de conhecimento e com participação em diferentes níveis de ensino, e que gentilmente se disponibilizaram a colaborar para o enriquecimento do debate educacional e lutar para o enfrentamento da solidão, do desespero, da tragédia causada pela pandemia da Covid 19.

A suspensão das atividades acadêmicas presenciais na Universidade Federal do Pará foi uma ação imediata determinada pela Reitoria devido ao grave risco de contaminação que a comunidade acadêmica passava devido a disseminação do vírus da COVID19. Desse modo a reitoria em UFPA (2020) determinou através da Portaria nº 1206/2020, com início no dia 19 de março de 2020, a suspensão de todas as atividades presenciais na instituição.

Naquele momento tínhamos a clareza de que a pandemia era uma crise de saúde pública, e que poderia ter sido amenizada se tivesse havido ações efetivas de enfrentamento por parte dos agentes públicos com a criação de políticas como a distribuição imediata de renda e suspensão de serviços não essenciais, para que a população mantivesse o isolamento social, mas, entretanto, a presidência da república preferiu ignorar os alertas dos especialistas na área da saúde e demorou em realizar ações efetivas para conter a disseminação do vírus. Como essas

medidas não ocorreram em tempo hábil, a pandemia ganhou enorme proporção necessitando de mais tempo para ser contida, daí a determinação da suspensão das atividades presenciais na UFPA foi mantida. Devido a necessidade do ensino, pesquisa e extensão precisarem continuar ocorrendo por causa dos muitos projetos de pesquisa e extensão estarem em andamento e a comunidade acadêmica necessitar concluir seus cursos, foi determinado a realização de aulas síncronas e assíncronas com a utilização de plataformas digitais como o *Google Meet*, *Google Classroom*, Canais do *YouTube* e tantos outros recursos que auxiliassem nas atividades acadêmicas a distância.

Após meses com a realização de atividades *on-line*, no que se popularizou chamar de ensino remoto, muitas situações de desconforto e desigualdades dentre a comunidade acadêmica foram sendo notadas, pois, a situação de vulnerabilidade social e econômica dos estudantes influenciava negativamente na realização das atividades, devido poucos terem acesso à *internet*, computador, telefones celulares e a um ambiente adequado para o estudo.

Eram muitos os problemas que a comunidade acadêmica sofria, que um grupo de professores Davis Castro, Leonardo Zenha Cordeiro, Rozinaldo Ribeiro da Silva, Renato Pinheiro da Costa e o técnico administrativo Marcelo Leandro Neres, se mobilizaram para a elaboração de um projeto de extensão denominado “Mesa Virtual”, que consistia na realização de *lives* voltado para a discussão de temas educacionais, e apresentar as principais questões que os professores e estudantes dos cursos de graduação, em especial do curso de Pedagogia, enfrentavam e que precisavam ser externados e ao mesmo tempo discutidos.

Como método de trabalho, foi aberto um canal no *site* do *YouTube* para a transmissão das mesas virtuais, e também para garantir a

segurança do evento, pois, logo que as instituições de ensino superior começaram a usar o ambiente virtual para realizar suas atividades, grupos *facistas* começaram a invadir os canais de *lives* e promoveram ações de vandalismo virtual, com o intuito de desarticular o trabalho acadêmico. Assim, passamos a adotar a estratégia de somente os integrantes da mesa de debate teriam o acesso a plataforma da conferência e essa era transmitida pelo canal do projeto com o título Educação em Debate, no https://www.YouTube.com/channel/UC8C_4R5-8MVDW7Abvv93UQA, a partir daí realizávamos a divulgação antecipada pelas redes sociais do *link* de acesso ao canal e de um formulário do *Google Forms* para emissão de certificado de participação.

O livro está dividido em partes que denominaremos de “*Live*” para fugir da convencional estrutura dos capítulos. Desse modo, a primeira *live*, que foi o evento teste, que inaugurou o projeto, teve como tema: “Ciência, história, tecnologia e política na educação do século XXI” realizada no dia 21 de maio de 2020, situada no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=LUIPIOLF2tE>. Contou com a participação dos professores Dr. Davis Castro, Dr. Leonardo Zenha Cordeiro, Ms. Rozinaldo Ribeiro da Silva, Dr. Renato Pinheiro da Costa e o técnico administrativo Esp. Marcelo Leandro Neres, onde os participantes procuram fazer um apanhado geral da situação histórica em que a acadêmica estava passando e que a comunidade acadêmica precisava ser esclarecida sobre as questões conjunturais que implicavam sobre a suspensão das atividades presenciais.

A segunda *live*, cujo tema foi: “Escola e isolamento social: diálogos possíveis”, realizada no dia 15 de junho de 2020, situada no endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=kHrsw6x_Yto. Teve como conferencistas os professores Dr. Ronaldo Araújo, Dr. Natamias

Lopes de Lima, Dr^a. Léia Gonçalves de Freitas e o Ms. Rozinaldo Ribeiro da Silva, onde buscou-se mais discutir as implicações do isolamento social para o desenvolvimento da escola, para a realização do trabalho docente, a situação dos estudantes tanto da graduação quanto da educação básica. Apresentando as evidências da fragilidade do sistema de ensino e as possíveis estratégias de ações educativas para o enfrentamento da crise política e institucional que assola o país, e sobretudo as regiões do estado do Pará como a região do Marajó e a região do Xingu.

Na terceira *live*, que teve como título: “Experiências no ensino remoto na UFPA”, realizada no dia 22 de outubro de 2020, situada no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=95-AR-GYxUpA>. Tve como debatedores a Professora Dr^a Roseane Rabelo Souza Farias, Professor Ms. Rozinaldo Ribeiro da Silva e o Professor Dr. Renato Pinheiro da Costa, com a mediação de Marcelo Leandro Neres, ambos da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da UFPA. Na oportunidade o ensino remoto já estava ocorrendo com orientações normatizadas pela UFPA, o que ajudou a promover um debate em cima dos problemas e das condições em que essa modalidade de ensino estava ocorrendo e transmitido à comunidade acadêmica.

A quarta *live*, que teve como tema: “Por dentro do *lockdown*, em altamira-pa: impressões”, realizada no dia 2 de abril de 2021, situada no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=naJk61QB6i8>. Contou com a participação dos conferencistas, Professora Dr^a Priscilla Bellard Mendes de Sousa, Ms. Rozinaldo Ribeiro da Silva e Esp. Vitoriano Bill, professores que debateram sobre as consequências do trabalho remoto para a educação básica e o ensino superior, as repercussões da forma como essa modalidade de trabalho pode ocasionar para o

rendimento educacional e a qualidade de vida dos educandos e dos profissionais da educação.

A quinta *live*, que teve como tema: “Um ano de Ensino Remoto Emergencial no Campus de Altamira/UFPA - Relatos de Experiências Docentes”, realizada no dia 10 de novembro de 2021, situada no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=rTc6bh4ixsc>. *Live* realizada com o intuito de fazer um balanço das experiências docentes após um ano de suspensão das atividades presenciais no âmbito da Universidade Federal do Pará, contou com a participação de vários professores de cada Faculdade do Campus da UFPA de Altamira, onde eles relatam suas experiências e formas de trabalho durante a pandemia no formato de ensino remoto que compreende atividades síncronas e assíncronas.

O grupo de professores envolvidos neste trabalho buscou fazer a exposição das discussões de forma escrita a fim de possibilitar a todos um material denso, com qualidade e de fácil acesso. Por isso, os autores certificam que esta obra apresenta de forma verdadeira e fundamentada em concepções teóricas e científicas, as principais inquietações de um tempo em que a sociedade mundial se sentiu impotente e que a educação precisou ser olhar por outras lentes, a fim de encontrarmos soluções viáveis para sua realização.

Altamira, 23 de setembro de 2021

1

LIVE 1: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TECNOLOGIA E POLÍTICA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

*Davis Castro*¹

*Rozinhaldo Ribeiro da Silva*²

*Leonardo Zenha Cordeiro*³

*Renato Pinheiro da Costa*⁴

MEDIADOR MARCELO NERES

Boa noite! É muito bom estar aqui com vocês, nesse espaço que criamos, no canal Educação em Debate.

Meu nome é Marcelo Neres. Sou técnico da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira.

Este canal veio como uma iniciativa dos professores da Faculdade, que têm a intenção com este projeto piloto, abrir um canal de diálogo com estudantes, professores e a população em geral, sobre temas diversos. As mesas virtuais irão acontecer durante o ano, com diversas temáticas abordadas. Vivemos em um momento único e muito complicado. Por isso, o mais importante é para quem puder: fique em casa.

Bom, o tema desta primeira mesa é “CIÊNCIA, HISTÓRIA, TECNOLOGIA E POLÍTICA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI”.

¹ Doutor em Química pela Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

³ Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará, Professor da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

A dinâmica usada será a seguinte: ocorrerá a primeira rodada com as exposições dos professores e, posteriormente abriremos para rodadas de perguntas que poderão ser feitas no *chat* do *Youtube*.

Os professores da mesa serão: o professor Doutor Leonardo Zenha, Professor Doutor Renato Pinheiro, Professor Doutor Davis Castro e Professor Mestre Rozinaldo Ribeiro.

Bem, passo agora a palavra para o Professor Leonardo Zenha, para iniciar sua temática sobre Tecnologia da Informação e Comunicação em EAD (Educação a Distância).

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

Boa noite gente! À todos e todas! Boa noite aos colegas! Boa noite, Marcelo, que está aí com essa iniciativa importante. Boa noite, Rozinaldo! Boa noite, Davis! E boa noite a vocês que estão aí no canal. Já vi que tem muita gente que está subindo aí. Sejam colegas, sejam professores, estudantes e a comunidade de forma em geral.

Vivemos em um momento muito difícil, como o Marcelo ressaltou. A Universidade de forma correta paralisou as atividades, lembrando que o isolamento social é a maneira mais correta de prevenir a contaminação do vírus do Covid e, ao mesmo tempo, como o Marcelo ressaltou, nós criamos esse canal. Esse espaço é um projeto piloto para começar a dialogar com vocês, estudantes.

E, para começar a gente pensou esse tema. A gente estava discutindo esse tema para tentar conversar com os estudantes. Para começar, vou falar um pouco nesse contexto de tecnologia e EAD.

Como eu disse, sou Leonardo. Sou professor aqui da UFPA, Campus de Altamira e minha área específica é essa área de tecnologias. O que a

gente vem pensando ultimamente, a gente vem fazendo trabalhos sobre tecnologias, pensando a EAD no país e no mundo. E, nesse momento, o que é que o vírus vai expor? Na verdade, as desigualdades sociais, as desigualdades educacionais e a desigualdade de acesso que está na tecnologia, elas já estavam postas antes do vírus.

O que é que o vírus faz? Ele, a partir do momento que traz o elemento do isolamento social para todos nós, ele só expõe todos os problemas de forma mais visceral, de forma tão visceral que estão acontecendo milhares de mortes, e a gente está extremamente triste com esse com esse processo. Então, o vírus traz esse elemento e aí, a partir do momento que a gente tem que se isolar, vem todos os problemas. Nós nunca vivemos!

E no campo educacional, as únicas formas que a gente tem para fazer o contato é a internet, as tecnologias. E aí expõe o primeiro problema. Inclusive, saiu um artigo novo de um colega – Eucídio Arruda (ARRUDA, 2020) –, que é [sobre] a desigualdade em relação ao acesso à internet e às tecnologias [que] é imensa no país e, no norte ela é mais ainda. Esse é o primeiro problema que nós vamos ter que enfrentar.

Então, nós tivemos aí no final do século XX e século XXI, as políticas públicas de acesso às tecnologias. Elas conseguiram avançar um pouco, mas não alcançaram a maioria da população. Então, nós temos aí milhares de pessoas sem acesso a essas tecnologias e as políticas públicas. A gente tem aí um processo como o PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), ou até mesmo a Educação a distância. Isso não chegou. Inclusive, eu faço *mea culpa*. Nós, da universidade, inclusive a Universidade Federal do Pará, no Campus de Altamira, a gente nunca discutiu isso de forma coletiva.

Como pensar a Universidade Aberta do Brasil (UAB) para os alunos terem acesso a esse processo? Como pensar isso, do ponto de vista do acesso das escolas, nesse contexto? Então esse é o contexto que está dado diante de um vírus terrível de todas as formas. Nós temos que, de novo, alcançar esses alunos para essa discussão. Essa discussão está posta. Nós precisamos fortalecer as políticas públicas para o acesso à internet.

Nós temos o Fundo Brasileiro para a Internet. Ele tem 2 bilhões de reais. Estava lendo inclusive isso hoje. Por que, na verdade, o governo Bolsonaro não acessa isso para trazer para as comunidades mais pobres, que na verdade a maioria não tem *wi-fi* em casa e usa dados que não vão aguentar essa questão do acesso? E como pensar essa educação?

O artigo do Eucídio Arruda vai discutir um pouco esse acesso, mas eu já coloco para os colegas Renato, Davis, Rozinaldo, Marcelo, e quem está ouvido aí do outro lado: como pensar isso na nossa Universidade de forma mais orgânica, a partir desse momento tão difícil? Mas que a gente vai ter que pensar essas formas das tecnologias para chegar em lugares que nunca chegaram. A gente sabe que Altamira, até alguns anos atrás não tinha acesso à internet. A maioria dos nossos alunos sem acesso, apenas no celular, a gente não tem nem esses dados sobre esses acessos.

Então, esse é um problema que está sendo colocado para a nossa sociedade, e ainda não entrando na perspectiva do aprendizado. A gente nunca discutiu isso do ponto de vista orgânico. Estou falando inclusive da UFPA Altamira. Como é que os alunos estão aprendendo com esses aplicativos, do ponto de vista da sala de aula? Esse é um grande problema que está sendo colocado.

Para mim, iniciar esse debate, eu vejo como questão central nesse processo que coloco e já passo a palavra para o nosso colega Rozinaldo. E já deixo isso para os colegas aí.

Meu muito obrigado para todos que estão tendo o acesso.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado professor Leonardo. Agora, vamos com o professor Rozinaldo.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Meus amigos boa noite, é um prazer estar aqui com os companheiros de trabalho da Faculdade de Educação e, também, possivelmente falando com os que não estão aí, mas são todos colegas de trabalho e atingidos por essa mesma situação que nós atravessamos e que havemos de retornar um dia à normalidade ainda.

Nesse momento, o que eu tenho realmente observado nesse tempo é que nós estamos afastados da sala de aula, mas nós não saímos do planeta. Assim como nossos alunos também não saíram. Há um processo de acompanhamento da situação que se encontra no mundo, no Brasil, no Pará, aqui em Altamira. Ninguém aqui, porque saiu da sala de aula, está perdido. A tecnologia hoje, como colocou bem o professor Leonardo, apesar das falhas, nos temos várias possibilidades de acompanhamento, pelo menos do ponto de vista geral.

O que eu tenho observado aqui dos meus amigos da Faculdade, com o pessoal, acompanhado pela internet, é uma visão sobre o governo, sobre a política desse governo atual. Pela primeira vez, no Brasil você tem abertamente um governo nazista, fascista, um governo com as

características bem de acordo com os pensamentos fascistas, que é um pensamento anti-ciência. Isso é importante para vocês, que estão na academia, que são estudantes. Esse foi um governo em que a situação da humanidade é impedida. Se retorna antes do iluminismo, entendendo a Terra ainda como um planeta plano. O próprio presidente da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), diz-se criacionista.

É uma situação assumida pelo governo: de uma posição anti-ciência. E ser anti-ciência é ser antiescola, antiestudo, pelo menos escola que comprove. E no formato que está se desenhando a política do governo, em um formato mais geral, você observa os cortes dos recursos nas universidades que praticam a ciência, que ensinam a ciência. E aí, você precisa entender: “Olha não tem dinheiro para a ciência, mas tem dinheiro para outras coisas”. Porque o fascismo é anti-ciência!

A intenção é, parece, fazer o Brasil exportar minério, exportar laranja, exportar soja. Ninguém deve pensar aqui nesse nosso país. E eu diria para vocês que o marco do que eu estou falando é que o governo pratica não só a anti-ciência como ele propõe a desmoralização da ciência, pela situação apresentada pelos cientistas, pelos pesquisadores no campo da saúde. Veja bem: você tem a situação em que os pesquisadores dizem “não” para um remédio, a presidência da república diz “sim”. É como se a fala de um cientista fosse qualquer coisa pior que vocês estão imaginando aí e que a fala da presidência seja melhor que a fala dos cientistas.

Passam dois médicos pelo Ministério da Saúde. Todos os dois são demitidos por não aceitar o uso de um remédio e, o cidadão para poder colocar o remédio, para dizer que não se importa com a opinião da ciência chama um cidadão que é paraquedista, sem qualquer formação na

área, para aprovar o uso do remédio. Ou seja, é um tapa. Dá pena de ver um médico, os pesquisadores que se formaram no campo da ciência, que falam, mas que não são ouvidos. Eu diria que esse é um ponto principal de destaque nesse momento. De como a voz da ciência, nesse governo, não importa. Não importa se você é médico, se você é ambientalista. O que importa é só a opinião dele, que não pode ser contradita.

Do ponto de vista educacional, esse momento tem um caráter excludente. Reparem a dificuldade que no meio da pandemia, os alunos, as pessoas, estão perdendo parentes, e sem a menor condição de acompanhar a tecnologia. O professor Leonardo destacou essa questão e nós sabemos que para os nossos alunos de ensino médio, as escolas não oferecem laboratórios em boas condições de uso, de acesso à internet. Os nossos próprios alunos, um grupo muito grande se encosta na lanchonete para poder tomar um lanche e ver a mensagem ali. Eles não têm condição de ter um acesso direto.

E no meio de toda essa questão, o governo propôs manter o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), na data certa, ou seja, se baseando só naquele aluno que tem condições de estudar, para excluir o pobre. Ele diz que quer manter o calendário, mas já perdeu no Senado e, agora, vamos para uma nova discussão na Câmara dos Deputados. Mas é preciso entender esse caráter de exclusão, de ir deixando cada vez mais o pobre fora do contexto do estudo, formando apenas mão de obra, e num capitalismo que, sendo anticência, se torna um capitalismo selvagem, sem acesso à tecnologia.

Você pode ser explorado do ponto de vista moderno. Agora, você ser explorado de forma natural, bruta e, sem acesso, faz com que o trabalhador fique numa condição muito pior dentro do capitalismo. Então, eu diria para vocês que nesse momento, eu queria colocar essas duas

questões: essa característica de anticiência e esse caráter excludente no que se refere exatamente à educação. Para mim, a briga maior sobre a questão da Cloroquina, a questão que o governo não está ouvindo os cientistas e a luta que estamos tendo para adiar o ENEM é a prova de que o governo, por ele, “realiza [o exame] e, quem puder, faça. Quem não puder, que fique fora”.

Era isso. Eu vou ficar por aqui nessa discussão.

Muito obrigado.

MEDIADOR MARCELO NERES.

Agradecemos ao professor Rozinaldo. Vamos agora para o professor Davis, que falará sobre ciência, educação e o enfrentamento da pandemia.

PROFESSOR DAVIS CASTRO

Boa noite a todos! É um prazer estar ao lado dos outros colegas, vir a esta mesa e falar sobre este tema, que está tão em voga, que é a questão da pandemia. E, diante da situação que está imposta, vale uma reflexão, haja vista que esta pandemia, vem de certa forma tirar a cortina que estava à frente dos olhos de muitos de nós. Eu me coloco também como cidadão. Muitas coisas que, devido a minha área da atuação, eu tinha conhecimento, após esta crise veio trazer muitas situações que estavam camufladas: os problemas, não só do ponto de vista da ciência, mas do ponto de vista do desenvolvimento de tecnologias, o desenvolvimento da indústria e, por que não falar, das relações interpessoais.

A gente vive nessa nossa relação frenética de trabalho. Então comumente você vê de manhã o chefe de família, o homem, a mulher,

saindo para trabalhar, de manhã deixando o filho na escola e, à noite, eles se encontravam e sempre diziam “poxa! A gente não tem muito tempo para se encontrar. A gente se fala pouco devido essa questão do trabalho, essa vida frenética que tanto nos atinge”. E hoje é o inverso: a população, de um modo geral, teve que se *re-acostumar* nessa permanência constante dentro de casa. Eu estou aqui dentro de casa com bastante gente: tem criança, cachorro, idoso. Então, assim a gente está tendo que reaprender a viver. Isso aí mostra, na parte de dados, a questão da violência doméstica por falta de tolerância entre os casais; e outras faces perversas em problemas que foram postos agora que, necessariamente, não estão ligados a essa pandemia. Na verdade, eles só vieram ser potencializados.

Pegando um gancho no que falaram o professor Leonardo e o professor Rozinaldo, sobre o papel do estado nessa questão da ciência e tecnologia, a negação – essa visão negacionista nessa questão da ciência –, você vê líderes de grandes países cobrando da comunidade científica uma resposta rápida para se criar uma vacina e você vê a comunidade científica no mundo todo, cada um trabalhando no seu país, muitos trabalhos em parceria. Mas, mesmo assim, há uma dificuldade muito grande. Por quê?

A comunidade científica vem respondendo com um trabalho árduo. Mas, com isso, houve a dificuldade com o pouco investimento não só em tecnologia, mas em educação básica, como foi falado. Eu trabalhei muito tempo na educação básica. Hoje trabalho no nível superior. Mas por muito tempo vi essa falta (de certa forma) do compromisso por parte do estado com a questão dos investimentos na educação básica. Não se faz ciência do dia para a noite. Não se faz uma vacina do dia para a noite. Precisa de várias coisas. Primeiramente, investimento em estrutura,

pessoas qualificadas, capacitadas, treinamento de pessoas e, aquela coisa, a vontade política. Sem a vontade política muitas coisas não acontecem no nosso país.

Vocês viram que foi cobrado da comunidade científica internacional e daí falaram: “Poxa! Você vai fazer cortes na área da educação, cortes na área da ciência e tecnologia. E agora você cobra? Não se faz tecnologia do dia para a noite, não se faz ciência do dia para a noite.

E a nível de Brasil o que a gente vê? Há tempos, a gente ouvia dizer de como ia dividir a questão dos royalties do petróleo e agora vem uma discussão de como é que a gente vai fazer uma política que impeça o aumento de salários por 20 anos? Então, essa é uma mudança da água pro vinho muito drástica e isso me preocupa, como pesquisador, como professor, como educador.

Dentro dessa questão da pandemia, dentro das coisas que verifiquei, eu vejo o lado bom dessa situação, como pessoas, empresas que vem ajudando. Você vê o aparecimento de projetos sociais, mas em volta dessa questão do Coronavírus, associações comunitárias se organizando. Quero dizer, dando maior visibilidade para essas pessoas, para o trabalho, está reverberando com mais eficiência o trabalho voluntário, o trabalho de empresas, até empresas privadas investindo em ciência e tecnologia no Brasil. Isso está muito bom. Mas também vem mostrar o lado inescrupuloso de empresários e da indústria em geral. Você pega o exemplo do álcool em gel. Quando estourou a questão do Coronavírus no Brasil, na verdade, já estava em nível mundial, mas quando as pessoas começaram a se inteirar, todo mundo correu para comprar álcool em gel, e aí um dia você comprou um álcool em gel a 10 reais e no outro dia tinha um aumento de mais de 10% na garrafa de álcool em gel. E daí, até faço *mea culpa* nesse sentido, porque a gente de certa forma fica no

nosso quadradinho, ali na universidade, e falta a gente expandir mais projetos que venham trazer informações de como, de quais são as maneiras alternativas de combater a pandemia dentro de casa. Por exemplo, os nossos alunos – que, neste momento estão assistindo a nossa aula aqui nessa nossa mesa – sabem da aplicação do hipoclorito de sódio? Você teve estudo de hipoclorito? Ai a pessoa diz “mas a gente não tem hipoclorito e não sabe o que é isso”, “onde é que compra isso que é uma linguagem química?”.

Daí eu digo, você tem *Quiboa*? Então, vou te dar uma informação de utilidade pública: A *Quiboa* é a mesma coisa que hipoclorito. Basta você dissolver. Você borrifa sobre objetos que vêm da rua. Higieniza sua casa. Na ausência do álcool em gel, você poderia estar fazendo a higienização dos objetos com esse produto. E é aquele produto barato. A *Quiboa* é barata. É um higienicida poderoso que tem várias aplicações com algumas poucas exceções. Tem algumas restrições, mas, no geral, pode ser usado. Então, vejam que a gente levar essa informação aos alunos e os alunos devem reverberar essa informação junto a sua família, junto de seu pai, sua mãe, porque a população, de modo geral, está apavorada. Está muito preocupada em sair e pegar o vírus, porque ele está aí, está no ar, na sola do seu sapato. Ele pode vir na embalagem do *delivery* que você está recebendo na porta de casa. Ele pode estar na embalagem que você foi comprar uma fruta na mercearia, na fruteira. Então, ele está aí. Existe uma maneira de a gente combater, que é uma maneira simples de se combater, dentre outras e outras ações que a gente pode fazer de maneira prática com nossos alunos.

Obrigado!

MEDIADOR MARCELO NERES

Valeu!

Agradecemos ao professor Davis. Agora, a gente passa a palavra para o professor Renato que vai abordar o seguinte tema: “Entender a história para entender o contexto em que vivemos”.

PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Boa noite a todas e a todos.

Bom, primeiro eu quero agradecer pela participação dos colegas que, nesse momento, se disponibilizaram para a gente realizar essa mesa – Marcelo, Professor Leonardo, Professor Rozinaldo, Professor Davis –, que nesse momento de distanciamento procuramos nos reunir para fazer uma atividade educacional.

Sobre a mesa virtual, na verdade, já vínhamos há algum tempo elaborando a proposta. Só não imaginávamos que aconteceria nesse momento de isolamento social. Mas, já que estamos aqui, vamos aproveitar o momento para fazer o nosso melhor e, por isso, a temática “Ciência, história e política na educação do século XXI”, porque esse século que inicia traz muitos desafios para nós professores, estudantes, técnicos, pais, mães, filhos, enfim, a sociedade em geral, e a pandemia é um deles.

Então, quando estava pensando em temática para abordar nesta data de hoje, eu pensei sobre “Abordagem historiográfica da região transamazônica no panorama do desenvolvimento”.

Por que?

Nos vimos que, diante das tantas evoluções que nossa sociedade teve, em todo o momento a educação foi sempre um ícone, um ponto de

referência para que a sociedade pudesse ter um aporte seguro do desenvolvimento. Só para vocês terem uma ideia, eu vou dar uma notícia que saiu no jornal do dia 30/11/1911, Jornal Estado do Pará (1911, p.1). Meio antiga essa notícia. Ela diz assim: “Em 24 do cadente mez, o sr. Dr. Governador do Estado baixou o seguinte decreto, creando uma eschola elementar mixta na villla de Alta-Mira”. Então, a primeira escola criada em Altamira, foi no dia 24 de novembro de 1911. “[...] Para reger essa eschola foi nomeada, inteirinamente a normalista Ignacia Jacyntha de Azevedo”. Então a primeira professora que teve em Altamira, nomeada por concurso, foi a professora Inácia Jacinta de Azevedo.

Depois desse momento tivemos outros fatos, na década de 1930: a criação do primeiro Grupo Escolar de Altamira. Em outro momento, 1953, a criação do Instituto Maria de Mathias. Isso daqui é resultado da pesquisa que a gente vem desenvolvendo no campo da História da Educação em conjunto com a bolsista Larissa Santos. Em 1973 também foi criada a escola do SESI (Serviço Social da Indústria); na década de 1980 chega o ensino superior em Altamira, mais especificamente em 1987 com o curso de Pedagogia através da Universidade Federal do Pará, pelo processo de interiorização.

O que eu quero colocar com essas datas, esses dados específicos é que, em momentos pontuais em que se visava o desenvolvimento de uma região como a região da Transamazônica, em um município como Altamira, que é uma referência para a região, em todo momento e em cada momento desse, foi criada uma estrutura educacional. Isso demonstra que para a sociedade, para o estado, a educação escolar, a educação formal é essencial. E isso é o que chama a atenção para esse momento grave de crise que estamos vivendo. É que, neste momento, por exemplo, nós temos profissionais de saúde que são os nossos heróis

do momento, porque muitas pessoas estão perdendo a vida, muitas pessoas estão adoecendo por causa da COVID 19, e os profissionais da saúde estão se dedicando exclusivamente para tratar de nossa população. Só que, mais tarde, quando passar esse processo de pandemia, de adoecimento, virá um outro momento que será o momento educacional. Será educar nossa população para viver em uma nova sociedade.

E aqui, gostaria de chamar a atenção dos nossos cursos de licenciaturas para os nossos professores, para os diretores de escola, da importância que as unidades de ensino têm, da importância que cada professor vai ter nesse momento, porque é o professor quem será o condutor de um processo educacional, para que nossa sociedade aprenda a conviver, a se cumprimentar, a se relacionar, a fazer sua higiene. Agora, claro, sozinho não vai ser suficiente, como o professor Rozinaldo nos fala. A questão da criação de políticas públicas vai ser necessária para que a escola tenha condições de promover o processo de higienização para as nossas crianças, adolescentes, para os jovens. Como o professor Davis também nos fala – e o professor Leonardo –, [é preciso] que a escola tenha suporte tecnológico e instrumental, científico, para que nosso professor possa trabalhar adequadamente.

Então, sem dúvida, este momento está nos chamando a atenção para o momento depois, que vai ser do nosso novo comportamento. O que podemos fazer para poder intervir na sociedade? Para isso chamo atenção também, porque as Secretarias Municipais de Educação, o Ministério da Educação, nenhum desses órgãos está prevendo as ações educacionais para o futuro. Estão muito no imediato, no aqui e agora, no presente. Mas eles não estão pensando a escola pós-pandemia, não estão pensando uma forma estratégica de calendário ou de acompanhamento educacional das crianças, jovens e adultos.

Para não me alongar muito, deixo esse alerta de que observemos cada vez mais a importância da educação, e dos profissionais da educação, para que a gente possa fazer um trabalho coeso, um trabalho que a gente possa contribuir cada vez mais para o desenvolvimento de nossa sociedade.

Era isso. Obrigado a todos e fico a disposição para responder às perguntas que vierem.

MEDIADOR MARCELO NERES

Dando continuidade, finalizando nossa primeira etapa do debate dos professores, agora vamos abrir para algumas perguntas do pessoal que está acompanhando a gente. E a primeira pergunta é do professor Jonata: “Numa perspectiva histórica, o apagão na educação básica poderia ter sido evitado se tivéssemos sido mais receptivos aos projetos históricos de *homeschooling* (HS)? É possível a não partidarização do HS?”

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

A gente está tentando dialogar com essa complexidade que é a sociedade, o contexto, e essa coisa da política, da ciência, a perspectiva histórica e a perspectiva educacional. E, como eu disse, o momento da pandemia só vai expor as fraturas de uma herança histórica: herança da invasão, da escravidão, da desigualdade social brutal que a gente tem, principalmente no Norte. Está evidenciado. Isso é uma perspectiva histórica.

Tentando responder à pergunta do Jonata, e seja bem-vindo, Jonata, de novo à Faculdade. Pensando nessa perspectiva do

homeschooling, o que a gente tem que perceber é que é uma discussão mais alongada, porque a tradição brasileira, essa coisa do *homeschooling*, ela não tem essa tradição. Isso é o primeiro ponto, do ponto de vista principalmente das políticas públicas.

Se a gente for pensar, como você diz, no “apagão da educação básica”, a meu ver tenho algumas discordâncias. Eu acho que a educação básica no século XX tem vários avanços, principalmente se a gente for pensar a universalização. Isso do ponto de vista da escola. A escola como espaço de sociabilidade. A gente pode pensar, como o Renato disse, na perspectiva histórica, [sobre] o papel do professor. Mas, se a gente for olhar isso, a gente vê a precarização, o acúmulo de funções... e isso está dentro desse processo. Agora, eu fico pensando essa perspectiva de partidarizar. Eu tenho discordância, porque nós somos seres políticos. Então, qualquer projeto ou política pública é um projeto político para o processo do país. E aí, a gente pode dizer o seguinte, a gente não tem um projeto político para o país, principalmente nesse momento. E volto a afirmar: trabalhei, o Circuito dos Afetos, de Vladimir Safatle, e ele coloca claramente que esse governo é fascista por vários elementos (SAFATLE, 2015). Então, como começar a pensar um governo com cunho fascista diante dessa desigualdade brutal, essa questão desse *homeschooling*? Como pensar essa perspectiva *homeschooling* quando a gente tem famílias ainda jovens e adultos analfabetos? Como pensar isso?

Eu acho que tem vários processos aí. Agora uma coisa eu posso concordar: nós precisamos de políticas de estado, e não políticas de governo. Vamos pensar então, a Universidade Aberta do Brasil (UAB), ou até mesmo a educação a distância nesse país. A gente vem pulando de galho em galho, de projetos em projetos. A gente não tem essa perspectiva. Isso é um problema grave.

Agora eu fico pensando: diante da pandemia a gente quer resolver vários problemas. O que eu acho que o mais importante nesse momento é acalmar os ânimos, repensar processos a partir da volta e esperar como vai ser o momento do combate ao vírus, porque agora é o isolamento social, mas nós vamos ter que pensar quais as vacinas. Não vai ser uma Cloroquina goela abaixo, porque a gente não tem pesquisa em relação a isso que vai resolver os problemas, atropelando problemas antigos. Eu acho que a gente tem que repensar esse processo a partir desse contexto e, nesse contexto atual, é de enfrentamento ao vírus e no caso da educação. Como o Rozinaldo bem disse, ninguém está parado. Todo mundo está estudando de forma informal. Todo mundo está conseguindo fazer uma coisinha ou outra. Mas tem várias questões. Tem a questão da casa. A gente não pode estar invadindo a casa do outro, porque ele tem toda uma dinâmica social.

MEDIADOR MARCELO NERES

Tem aqui a pergunta da Kayae Rodrigues:

Boa noite professores! Gostaria de saber a perspectiva de vocês sobre o que há de semelhante e de novo na COVID-19? E se as medidas que foram tomadas no passado servem para a atualidade?

PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Eu vou responder essa questão. Primeiro, eu vou falar da perspectiva da história, embora eu não seja historiador. Mas o que vemos nos noticiários é que esta não é a primeira situação de pandemia. Esta aqui é diferente porque ela colocou a população brasileira como um todo numa espécie de sítio. Mas ela não é a primeira. Em outros momentos

também já houve. Constante na história do Brasil. Nós vimos vários surtos que foram surgindo, em várias regiões do país. Varíola, peste e, inclusive, a gripe espanhola, no início do século passado e que também assolou nosso país.

Então, o que há de novo? É que este é um vírus mais letal e o cuidado agora é redobrado, porque ninguém quer adoecer e ninguém quer morrer. Nós já temos consciência disso. E aí tem aquela situação: quem precisar, na última situação, precisar sair de casa para ir até algum local, ou a farmácia ou supermercado ou fazer uma compra, retornar, e com todos os cuidados fazer sua higienização, como o professor Davis colocou. Isso é o essencial, porque esse vírus que, diferente dos outros, ele não tem cura e, mesmo que tenha cura – a não ser que cura venha para fazer o tratamento ideal – ninguém vai querer ficar doente para passar por um processo de cura.

Mas do passado nós podemos tirar exatamente essas lições: como nos comportar diante de uma situação extrema que é esta agora e redobrar os cuidados com a higiene, sobretudo, e redobrar os cuidados com a família, com seus pais, avós, filhos, as crianças que têm em casa, consigo mesmo. Então, acredito que esta aqui é a nossa principal atitude que serve de lição para este momento e para o futuro [que] é pensarmos alternativas, já que temos bastantes recursos tecnológicos, bastantes técnicas e procedimentos também bastante avançados. Mas que possamos, para o futuro, pensar estratégias, para desenvolver a nossa relação social.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu também queria colaborar um pouco.

Eu diria que [nas] formas da organização da sociedade algumas coisas são parecidas, em alguns momentos. Há uma dificuldade nas pessoas em se isolarem e há uma dificuldade em se passar informações simples. No tempo da gripe espanhola o presidente do Brasil naquele momento faleceu. Agora você tem uma dificuldade que é os cientistas dizendo e o trabalhador chega de noite em casa, assiste o jornal e tem o Ministro da Saúde dizendo para ficar em casa. Daqui mais um tempinho, aparece o presidente no meio da multidão dizendo que é para sair de casa. Amanhece o dia e ele vê [notícias] no telefone, nos jornais e diz para ele ficar em casa e, daí mais tarde, meio dia, aparece o presidente e diz para ele sair de casa. Então, essa é uma dificuldade de se implementar qualquer medida que tenha sido implementada antes no Brasil, e o que vem ocorrendo aí é o Brasil subindo no número de casos, em número de óbitos, e essa coisa de ficar insistindo de fazer-se de forte, de organismos superiores e dizer que isso não vai acontecer. E eu tenho observado que estas pessoas que estão insistindo em sair estão adoecendo e um bocado delas está morrendo, inclusive teve dados estaduais, médicos ligados a esse pensamento de não se adequar ao novo, como se fosse uma fantasia da comunidade científica essa história.

Então eu diria que essa é uma dificuldade de enfrentar algo que mata. Eu conheço a história de um homem de Belém, sem histórico de doença, de 41 anos. Ele apresentou os sintomas e foi a óbito em 24 horas, ou seja, ao mesmo tempo que pessoas de 100 anos escapam, ele mata pessoas novas, mata crianças também. Para nós que estamos aqui, talvez o ideal seja álcool mesmo, evitar sair na rua enquanto a gente pode, porque hoje mesmo o Hospital de Altamira não tinha nenhuma vaga. Se eu adoecer e precisar de uma assistência médica de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), eu vou morrer.

Hoje eu não sei, mas ontem recebi a informação do Domingos, que é da área da educação e acompanha a área de envolvimento da educação e família, e ele estava dizendo que não há espaço. Talvez a questão do momento é que a gente possa observar que este vírus é letal e, dependendo da carga viral, você pode morrer rapidinho, até em 24 horas.

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

Eu queria só pontuar uma coisa sobre a questão do vírus. É que o vírus está potencializando o que já está posto para a sociedade. Os dados que estão saindo agora estão até começando a contar um pouco a questão de raça, a questão de classe. Então, quando o vírus chegou, no início era quem estava viajando para o exterior, e a gente sabe que quem vai viajar para o exterior são brancos, ricos. Agora, quando o vírus vem chegando e alastrando pelo Brasil, ele tem raça e tem classe. Quem está morrendo são os mais pobres, são os negros, quem não tem oportunidade de trabalho. A maioria dos trabalhadores do Brasil, os dados estão mostrando, são os trabalhadores informais. Então, esses trabalhadores informais é quem estão mais expostos ao vírus, porque, o auxílio emergencial do governo não saiu. Tem muita gente sem ter esse acesso e a pessoa tem que comer. Ela vai para fora e as prefeituras e os estados e o governo federal demorando em chegar nessas pessoas com cesta básica, com dinheiro para pagar sua conta de luz.

A gente precisa colocar essa questão também. Para os mais ricos, para a classe mais abastada desse país tem a saúde privada. Agora para os mais pobres... está colocado, aí, em cheque essa questão.

MEDIADOR MARCELO NERES

Temos mais uma pergunta, da Elizete Monteiro: Como as escolas devem se preparar para receber seus alunos nesse novo normal pós-pandemia?

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

As pesquisas estão demonstrando que o vírus vai demorar. A gente não tem nem previsão de uma vacina eficaz. Então, as escolas vão demorar. Então, como organizar as escolas diante de que vai ter que ter distanciamento social para receber esses alunos? A gente tem a experiência da China, mas a gente não é a China. Esse é um primeiro ponto.

Um segundo ponto é que a gente não pode pensar mais a educação do ponto de vista do acumular: “Ah! Perdeu o conhecimento, perdeu tempo”.

Eu acho que é muito mais pensar como vamos abrigar essa criança, abrigar esse jovem para entender esse processo do ponto de vista psicológico, social. Isso é um fator fundamental para pensar caso venha essa “pós”, porque a gente não tem essa luz no fim do túnel. É o que estou vendo alguns especialistas tratarem. É pensar esse acolhimento dessa criança, desse jovem. Mas precisa muito mais política pública para isso.

PROFESSOR DAVIS CASTRO

Gostaria de fazer um complemento ao que o Leonardo falou sobre a questão de este ser um vírus, muito provavelmente, importado para o Brasil. Então, o que acontece? Muitos estudos mostram que esse vírus é termotolerante.

O que isso quer dizer?

Em tese, o Brasil é um país tropical, com muitas cidades com altas temperaturas. Em tese, esse período de pandemia será mais brando aqui. Mas o que se sabe hoje é que esse vírus aqui no Brasil já tem características próprias. Ele já sofreu mutação e, de certa forma, já está se adaptando a essas condições climáticas do Brasil e aí é que mora o perigo. As comunidades são mais suscetíveis. Antes acometiam as pessoas que vinham de fora. Hoje, a contaminação comunitária é real. Já não se sabe de onde ele vem e o que se sabe é que esse vírus recebeu mudanças genéticas e que ele está cada vez mais forte. Daí, a dificuldade de se conseguir a vacina.

PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Eu gostaria de ainda colocar uma questão rápida sobre “Como a escola deve se preparar?”. E eu acredito que não é a escola, mas “Como o sistema educacional do país deve preparar a escola?”, porque apontar para a escola é apontar para a instituição de ensino que está lá na periferia, que está lá nas ilhas, que está lá na zona rural, que são estruturas sem nenhuma condição física mínima para direcionar.

Enquanto em períodos melhores já não tinham uma educação de qualidade, imagina em um momento em que as pessoas vão ter que manter o distanciamento social em um processo de limitação padrão. Então, não adianta apontar para a escola. É uma coisa muito mais profunda, que exige grandes investimentos em educação. Esse recursozinho do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) não vai ser suficiente, tanto é que vai ser cortado mais ainda, porque ele é uma

arrecadação feita a partir dos impostos e os impostos estão reduzindo. Logo, o recurso do FUNDEB vai ter que ser modificado. Então vai ter que ter mais investimento.

MEDIADOR MARCELO NERES

Temos a pergunta da Silvana da Rocha Mourão: Diante da atual situação, o ensino à distância seria a solução para amenizar os impactos com relação ao processo de ensino-aprendizagem, haja vista as complexidades geográficas e o não acesso as TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação)?

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

O artigo do Eucídio, professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), diz que está acontecendo é que o ensino a distância que a gente tinha, de certa forma, nos últimos anos – até mesmo quando eu estava no Ministério da Educação, trabalhando no PROINFO no campo –, a gente tinha ainda uma Secretaria de Educação a Distância. Depois disso, eu vejo que mudaram as políticas públicas para a educação a distância, porque a educação à distância não pode ser feita da mesma forma que o ensino presencial. O que está acontecendo é a gente querer transportar o ensino presencial da mesma forma para a educação a distância e isso não dá certo. A educação à distância tem métodos, tem uma avaliação própria, tem toda uma dinâmica própria para acontecer.

Então, de certa forma, esse ensino remoto que está acontecendo é uma transposição do ensino presencial para o ensino a distância, pensando que é à distância. Isso é o ensino remoto. Isso não vai dar certo dessa forma. O que a gente precisa pensar é “Como é o contexto de

nossos estudantes?”, porque o ensino à distância não pressupõe apenas lives ou apenas Internet. Tem ensino à distância que usa o material didático impresso.

E pensando na complexidade geográfica, pensando na região de Altamira que tem as Reservas Extrativistas (RESEX), os indígenas, a gente não tem Internet, não tem nem política pública. Agora, o Governo Federal está implantando o que ele chama de Educação Conectada, mas nenhuma discussão mais orgânica com as universidades foi feita. Então, como o Renato colocou, a coisa é muito mais complexa.

O que a gente pode fazer, como já estamos fazendo com o ensino remoto, é algumas questões para ser colocadas muito mais informal, mas o ensino organizado com as tecnologias precisa de investimento, precisa de projetos de políticas públicas, precisa de discussão fomentada pela universidade. Eu volto a dizer: a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que é um projeto grande, muitas vezes é como se fosse um apêndice. Ah! Tem o ensino presencial e o apêndice é a Universidade Aberta do Brasil. Ele não é organicamente construído.

Então, por isso é que eu acho que ele pode amenizar mais do ponto de vista informal. Mas, do ponto de vista do ensino ele não consegue. Infelizmente. Agora, o que a gente pode pensar é a partir da pandemia começar a discutir projetos a médio e a longo prazo, a partir do Ministério da Educação que, nesse contexto desse governo, eu não acredito que isso vai acontecer, pois, nem o ENEM eles estavam querendo adiar. Então, é difícil!

É o momento para a gente pensar as universidades e a Universidade Federal do Pará está sendo protagonista discutindo um pouco mais isso, discutindo o processo de ensino, mas é muito mais complexo pois

precisa de formação, inclusive dentro de nossa Faculdade a gente tem pouca formação para a educação à distância.

A educação à distância não vai ser possível. Precisa de mais tempo para isso.

MEDIADOR MARCELO NERES

A Aldy Ribeiro está perguntando: A pandemia nos mostra de forma mais nítida a desigualdade social. Quais os principais desafios dos professores quanto a realidade de muitos alunos que não têm acesso às TICs?

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

Eu acho que um dos desafios que foi colocado para o grupo, inclusive o de realizar essa mesa aqui, foi o de dialogar no *aqui-agora*. Isso do ponto de vista dos professores. Agora, do ponto de vista dos alunos, eu acho que no momento adequado a gente vai precisar de muito mais investimento do estado. Vamos pensar: a maioria dos alunos da universidade pública ou a maioria dos alunos da educação básica, muitas vezes, não têm recursos. A desigualdade do país é brutal e no caso das tecnologias também é. Quando a gente vai olhar o mapa da inclusão digital (FGV, 2012), os alunos das regiões Norte e Nordeste têm celular. Mas quando olha para outros recursos com o *wi-fi* em casa ou de ter computador em casa, o aluno da região Norte, em relação a região Sudeste, tem quatro vezes menos esse acesso.

Na verdade, o que a gente vai ter que pensar é como pensar políticas públicas de forma efetiva para que, assim como a gente tem o Bolsa Família, tenha também o bolsa internet; vai ter que ter internet para

todos. Inclusive autores com Nelso Pretto e Sergio Amadeu estão cobrindo a liberação do fundo de tecnologia que o governo está travando. O Ministério da Educação não está querendo fazer isso.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu acho que nessa pandemia é muito ruim que as pessoas tenham que observar algumas coisas na sociedade de um modo tão bruto, de um modo natural, enquanto você poderia aprender de modo saudável. Nós não acreditamos que a forma de aprender seja diante dessa situação. Mas a sociedade é assim mesmo, não estou dizendo que vai ser sempre assim, mas ela tem essa característica de que as pessoas que são abastadas de dinheiro chegam a cantarolar pelas redes sociais: “Acabou a curva dos ricos, agora vão morrer só os pobres”.

Essas coisas vão acontecendo e vai ficando claro que o alvo do vírus não tão tem essa distinção de que você é pobre, negro, gay, lésbica, evangélico, católico. Quem ele topar pela frente que conseguir absorver uma carga viral potente, ele mata. Agora o problema é que justamente as pessoas mais pobres é quem estão mais propensas, porque são as que ficam mais expostas. Por exemplo um aluno pobre, hoje, sem tecnologia da informação, é influenciado a sair para se encostar no muro da casa do vizinho para pegar o wi-fi e isso não é um lugar para alguém estudar, fazer uma prova, se tornar um pensador científico.

Por isso que nós fomos contra a realização da prova do ENEM, porque nós sabemos que muitas pessoas vão tropeçar. Eu não conheço nenhuma situação de crise no capitalismo que quem pague não seja o pobre. Quando a crise é econômica, o pobre paga com dinheiro. Quando

a crise é a saúde, ele paga com dinheiro e com a saúde e, nesse caso, pagando coma vida.

MEDIADOR MARCELO NERES

Vamos para as considerações finais.

Professor Leonardo pode fazer suas considerações finais.

PROFESSOR LEONARDO ZENHA

Eu quero agradecer a todos pela iniciativa. Acho que é super importante esse momento. E a questão é: Como a gente pode pressionar e fazer com que o estado brasileiro reconheça o seu protagonismo?

O que a gente percebe, enquanto professores, é que estamos aí dando aula, discutindo, fazendo artigos, conversando, escrevendo relatório, orientando. A universidade está com seu papel. A UFPA está fazendo vários processos de ensino, pesquisa e extensão, por mais que o ensino formal esteja parado. Mas estão acontecendo milhares de atividades, inclusive, 95% das pesquisas que tem no Brasil são da universidade pública.

Meu muito obrigado a todos e boa noite.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Quero concluir falando dessa minha satisfação de participar dessa discussão com meus colegas de trabalho, com o pessoal que a gente conhece, acompanha. E dizer dessa situação toda que vai chegando aqui na nossa cidade, no nosso local de trabalho. Nós temos a situação dos

casos de COVID que estão avançando e dessa discussão aqui é que precisamos nos cuidar.

Um abraço e tomara que tudo se resolva! Um abraço para vocês!

PROFESSOR DAVIS CASTRO

Quero agradecer pela oportunidade de a gente estar fazendo essa roda de conversa muito produtiva. Quero dizer que aprendo a cada dia com os senhores e com a situação que está posta para a gente.

Espero que todos nós façamos uma reflexão sobre o que está acontecendo e tiremos ensinamentos positivos de tudo isso. Cada um em seu coração sabe.

Como já foi falado, fique em casa! Se você realmente não precisar sair, não saia. É uma doença grave. É uma doença que mata, e a gente deve se manter longe para não ser acometido por essa doença. Isso eu falo como cidadão.

Como professor, educador, a situação trouxe muitos desafios. Como os professores falaram, a gente não está trabalhando na universidade, mas estamos fazendo outros trabalhos em *home office*. Acho que essas ferramentas, esse canal em que estamos, que a gente preserve e valorize.

Um grande abraço e até a próxima.

PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Quero dizer que estou satisfeito com esse momento de reunir para tratar de uma temática atual. Queremos continuar. Essa aqui foi uma tentativa para sacudir a poeira de depois de dois meses distantes de nossa comunidade acadêmica, dos discentes, dos professores, dos

amigos. A gente sente falta e fica incomodado e essa foi uma forma que encontramos de poder estar um pouco mais próximo.

Parabéns a todos e até a próxima oportunidade.

2

LIVE 2: ESCOLA E ISOLAMENTO SOCIAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Ronaldo Marcos de Lima Araújo¹

Natamias Lopes de Lima²

Léia Gonçalves de Freitas³

Rozinaldo Ribeiro da Silva⁴

MEDIADOR MARCELO NERES

Boa Noite!

Iniciamos agora nossa segunda *live* Mesa Virtual, do canal educação em debate de hoje que abordará a temática “Escola e Isolamento Social: diálogos possíveis” e, para isso, convidamos os professores Dr. Ronaldo Araújo, Titular do NEB (Núcleo de Educação Básica) da UFPA; também o Prof. Dr. Natamias Lopes de Lima da Faculdade de Educação da UFPA do Campo, do Campus de Breves; temos também a Prof^a. Dr^a. Léia Gonçalves de Freitas, Adjunta da UFPA, no Campus de Altamira; e o Prof. M.Sc. Rozinaldo Ribeiro da Silva da Faculdade de Educação, Campus de Altamira.

Eu sou Marcelo Neres, técnico e secretário da Faculdade de Educação do Campus de Altamira – Pará. Lembrando que essa é uma iniciativa

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Titular da Universidade Federal do Pará

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Educação do Campus de Breves da Universidade Federal do Pará

³ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Pará. Coordenadora de Estágio da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

dos professores da Faculdade de Educação e tem por intenção abrir um canal de diálogo com estudantes, professores e a população em geral sobre temas diversos. As mesas virtuais ocorrerão durante o ano com diversas temáticas abordadas.

A metodologia utilizada será a seguinte: uma primeira rodada com exposição dos professores e posteriormente abriremos para duas rodadas de perguntas, que podem ser feitas pelo *chat* do YouTube. Posteriormente será novamente dada a palavra aos convidados para suas considerações finais. Dessa forma a gente passa agora a palavra ao Prof. Ronaldo Araújo, para abrir a sua explanação.

PROFESSOR RONALDO ARAÚJO

Boa tarde a todos! Boa noite, né? Já passamos das dezoito horas. Boa noite! O canal Educação e Debate eu acho que é uma excelente iniciativa. É o que demonstra que não apenas nós trabalhamos, mas nós somos irrequietos, porque a pessoa podia estar na sua casa curtindo o seu isolamento, mas inventa um canal “Educação e Debate”, que é exatamente para poder continuar trabalhando, continuar dialogando e fazendo aquilo que a gente gosta de fazer, que é conversar sobre educação e pensar a realidade e projetar perspectivas para a educação brasileira e em particular a educação nosso estado.

Bom, o tempo que a gente tem é pequeno, de 5 a 7 minutos, e queria dizer que eu comungo da avaliação que uma série de analistas fazem de que a realidade mundial vai ser outra depois da pandemia. Esta pandemia vai ter impacto muito forte sobre toda a sociedade e, em princípio, a gente não pode afirmar que sejam impactos positivos ou negativos. Mas que ela vai ter impactos vai. Sobre as instituições, sobre as formas

de relacionamento. É sobre diferentes teorias, né? Então, a gente vive, a meu ver, uma situação paradigmática. É um momento em que a realidade vai dar uma mudada e a gente não tem clareza de para onde isso vai dar. Alguns dizem que a pandemia valoriza a ciência, valoriza o conhecimento, e ela tende a produzir isso, né? Não sei. Considerando a correlação de forças existentes na sociedade brasileira, nós ficamos temerosos que essa pandemia justifique exatamente o oposto: a desvalorização da ciência, da educação e da universidade.

Então, eu acho que essa pandemia vai ter impactos muito importantes sobre toda a sociabilidade humana, sobre economia, sobre os mais diferentes aspectos da vida e na vida social, inclusive sobre a educação. Acho que as formas de educar e as formas de aprender devem se alterar, devem ser impactadas por esta pandemia. Se a gente até algum tempo atrás nutria algum tipo de preconceito com a educação a distância, por exemplo, a gente tem que reavaliar esses preconceitos.

É! Eu vou falar uma coisa que eu não sei como é que vai ser entendido. Mas acho que a gente cada vez mais vai ter que lutar é pelo oposto. A gente vai ter que lutar para que as nossas populações, para que as crianças e os jovens de origem popular tenham acesso aos instrumentos que permitam e se utilizem as novas tecnologias de informação e comunicação, enquanto estratégia auxiliar e, às vezes, como estratégia principal nos processos de ensinar e de aprender. Acho que a gente não pode mais se colocar numa perspectiva de sermos simplesmente contra a Educação a Distância (EAD). Acho que o que a gente tem que buscar é lutar pelos processos e inclusão digital, pela socialização das tecnologias de informação e comunicação.

Hoje em dia, por exemplo, quem não tem uma boa conexão de internet, uma boa plataforma, uma boa ferramenta para acessar a

internet se vê uma situação desfavorável para ter acesso às informações e ao conhecimento. É isso que tá colocado! Então, a questão não é contra ou a favor a EAD. Mas é buscar lutar pela inclusão digital, como a EAD, diferente do que a gente tem visto. E alguns têm identificado como chamado ensino remoto, que é o ensino feito de qualquer jeito, de qualquer modo. A EAD é uma modalidade de educação que a gente deve buscar tê-la como uma ferramenta, em alguns casos. Eu acho que, na maioria dos casos, enquanto uma ferramenta auxiliar para o processo de formação. Não como uma ferramenta principal. Acho que a gente não chegou no momento em que vai abrir mão da relação direta professor-aluno. Eu acho que esse momento não está colocado, mas acho que, enquanto uma ferramenta auxiliar, a gente pode pensar na EAD. É importante que a gente considere.

Aí a gente pega alguns dados sobre a realidade brasileira, sobre a realidade da Amazônia. Eu trouxe aqui alguns dados para a gente dar uma olhada. É uma pesquisa feita pelo Observatório do Direito à Comunicação. São dados de 2018. Portanto, não estão muito defasados. Revelam que mais de 50% dos domicílios brasileiros não estão conectados à internet, considerando as classes sociais; enquanto 98% das classe “A” no Brasil estão conectados à internet, somente 8% das classes “D” e “E” possuem acesso à internet. Portanto companheiros, eu estava aqui e comecei falando do potencial da EAD. Agora, se a gente considera esta realidade, a gente diz: querer o ensino e a educação básica ou a educação superior por meio de EAD é defender a exclusão, porque como – vou repetir – como é, considerando as classes sociais, apenas 8% das classes “D” e “E” têm acesso a uma conexão de internet com qualidade (INTERVOZES, 2018).

Então, por isso que eu digo: a luta nossa deve ser uma luta por uma inclusão digital e enquanto, por exemplo, de uma forma concreta, considerando a realidade Paraense, no mês passado, finalzinho do mês passado, o Conselho Estadual de Educação junto com a Secretaria de Estado de Educação (PARÁ, 2020), divulgaram uma nota técnica na qual eles preveem o retorno às aulas no estado para a partir de 1º de julho, feito prioritariamente com o ensino remoto. Então, na verdade eles estão brincando de educação básica, porque, se a gente considera esses dados que eu coloquei para vocês aí, tem outros dados que também são importantes de a gente destacar: no Norte, apenas 26% dos domicílios têm acesso à internet. Apenas 15% das residências nas áreas rurais brasileiras tem acesso à internet (CGI, 2016). Ou seja, são dados que revelam e não dá para a gente pensar ainda numa educação básica feita a distância. Hoje você querer o retorno às aulas, se utilizando das ferramentas do ensino remoto, é você desconsiderar a realidade do povo paraense, a realidade do povo brasileiro.

Sequer os jovens que estão inscritos no ENEM têm acesso à internet. Então, faça uma sugestão de que a gente procure conhecer e estudar essa nota feita pelo conselho de educação, pelo conselho estadual de educação, aliás, que tem como presidente a reitora da UNAMA e tem como vice-presidente a representante do sindicato das escolas particulares. Olha só a composição desse conselho estadual de educação! E é claro que eles fazem uma nota que satisfaz os interesses dos setores que eles representam e não satisfaz os interesses das crianças e dos jovens e dos adultos que estão matriculados nas escolas públicas, muito menos aquelas crianças, jovens e adultos que estão matriculados nas escolas rurais dos rincões da Amazônia, nos rincões do estado do Pará.

É uma nota que prevê – por exemplo, companheiros – que as aulas, que no retorno [depois] da pandemia, as aulas tenham as jornadas de 7h30min de aula por dia, e isso é uma fantasia. Provavelmente, uma hora de aula presencial e 6h30min de aula feita por meio remoto, ou seja, lá da forma como ela vem a ser dada. Ou seja, essa nota técnica merece ser repudiada pela sociedade paraense. Ela precisa ser denunciada pelos órgãos de fiscalização e controle, pelo ministério público e por nós da academia. Nós, que somos da área de educação, devemos conhecer esta nota, denunciar esta nota, denunciar essa indicação. A nota já prevê o retorno às aulas a partir de 1º de julho [mas] com que condições sanitárias? A nota é absolutamente fantasiosa. Ela traz algumas previsões, por exemplo, de aula, de salas de aula para atender até 10 alunos de cada vez. A gente ainda não tem sala de aula para atender 50 alunos de uma vez quanto mais para atender 10 alunos. Então, tem uma série de condições colocada na nota para o retorno às aulas que são irrealizáveis, considerando a realidade paraense e considerando a capacidade de gestão da atual Secretaria de Estado de Educação.

Então, companheiros, para finalizar essa introdução do debate eu diria que, sintetizando, a pandemia vai ter efeitos muito grandes sobre a organização social, em particular sobre as formas de organização de gestão, do ensino e da aprendizagem. A educação à distância cada vez maior, as ferramentas, o uso ou, mudando a expressão, o uso das ferramentas das tecnologias de informação e comunicação cada vez mais se tornam uma estratégia enquanto ferramentas de acesso ao conhecimento e às informações. Mas na realidade dada, revela um grande processo de exclusão das nossas crianças, dos nossos jovens e dos adultos matriculados na educação básica, no que se refere a esse processo de inclusão digital.

Acho que a nossa defesa deve ser pelo retorno às aulas apenas e somente quando houver as condições sanitárias que garantam a saúde dos profissionais da educação e dos alunos, e que seja o retorno às aulas de forma presencial, porque, se não, você está excluindo uma grande parcela de jovens, de crianças, de adultos que estão matriculados na educação básica paraense, mas que não tem nem conexão, nem ferramenta necessária, nem formação para a utilização da EAD.

É isso! Boa noite! Eu fico por aqui e, pra gente continuar nossa conversa. Obrigado, Marcelo.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok! Obrigado, professor Ronaldo. Professor Rozinaldo, vai fazer alguma consideração?

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Ah, não! Agora, nós podemos dar a sequência normal. Boa noite a todos os que estão nos acompanhando pela internet. Podemos passar para o professor Natamias, do Campus de Breves, nosso convidado. Vamos deixar os anfitriões. Eu e a professora Léia [ficamos] para o final.

PROFESSOR NATAMIAS LOPES DE LIMA

Boa noite! Estão me ouvindo direito? Boa noite para o Professor Ronaldo, realmente um professor amigo aí, que acabou de falar. Fez considerações importantes. Professora Léia, que eu não conheço; Professor Rozinaldo, que já até falei no início aqui que ele foi meu professor na Pedagogia, em 1999 por aí, aqui no campus de Breves. Então é uma

satisfação muito grande estar com essas pessoas. O professor Ronaldo, que a gente sempre se encontrava lá pelo ICED, na época do mestrado e do doutorado, já vi por aqui também o Renato que já se manifestou aí, professor Eraldo do Carmo lá do campus de Cameté e todas as demais pessoas que estão nos assistindo nesse momento.

O professor Ronaldo falou um pouco da educação à distância e é importante nós fazermos uma observação de que a educação a distância em si não é o problema, tá? Porque talvez alguém possa pensar isso. O problema são as condições para a educação à distância no Brasil. Como eu estudo um pouco da área, tenho inserção. Imagine essa situação com relação à educação do campo na Amazônia e no Marajó, onde a partir dos estudos que eu fiz e que a muita gente conhece essa realidade aqui no Marajó como um todo, as crianças não têm condições de ir para escola, quando não tem merenda escolar, as crianças não vão para a escola. Ou elas vão para a escola porque a única alimentação do dia é alimentação escolar, onde muitas pessoas até tem um celular, até tem uma antena para internet, mas que é suficiente pra mandar uma mensagem no *WhatsApp*, para fazer um tipo de acesso muito, muito básico. Mas para educação à distância, como foi uma das promessas de campanha do presidente que aí está, é uma situação muito complicada de se pensar até mesmo em centros urbanos como Belém, como outras cidades maiores como Breves. Vocês viram que a minha internet caiu agora há pouco várias vezes. Eu tive que voltar agora. Saí do *wi-fi* e coloquei direto na minha internet do celular.

Então, pensar a educação do campo na Amazônia, no Marajó, na modalidade em que supõe-se que vai funcionar, é muitíssimo complicado porque, primeiro, pela forma como tem-se tratado a educação na Amazônia é extremamente complicado. Acabei agora, antes mesmo da

pandemia... Fiz a socialização das disciplinas de estágios, onde muitos alunos fizeram estágio em escolas do campo. Gente, o Marajó que tem cinco dias de aula, tem três dias de aula e o professor volta para cidade para ver se consegue combustível para dar mais alguns dias de aula, porque, quando não tem combustível, não tem transporte escolar. Quando não tem transporte escolar, os alunos não vão para a escola. Os alunos não indo para a escola, não tem aula. Não tendo aula, não tem 200 dias letivos e não tem as 800 horas asseguradas por lei.

Não tendo isso, se desencadeiam arranjos que vão acontecendo para se cumprir a “carga horária” e aprovação no final do ano, sem a menor qualidade. Rotatividade de professores, falta de informação adequada para professores trabalharem na educação do campo, falta de condições estruturais, salários. Acabou de sair o edital do município de Breves (BREVES, 2020), não tem vaga para professor de educação do campo, então, assim, esse é o cenário para se fazer educação a distância, online, virtual, como professor estava falando. Não existe isso. Nós temos que lutar por educação de qualidade, para a volta da escola, mas de forma presencial, porque do jeito que está sendo proposto, é extremamente complicado. E eu diria que é um crime contra a educação, tendo como base a Constituição, no artigo 205 (BRASIL, 2016), que é um direito do cidadão, é um dever do estado, inclusive, falando das condições de igualdade para acesso e permanência à educação.

Então, assim, falando de um modo geral já é complicado. Agora, falando especificamente da educação do campo, é mais ainda, devido à precariedade que nós temos de acesso, de condições, onde as pessoas não têm condições sequer para se manter com aquilo que é básico do seu dia a dia, muito menos para fazer uma modalidade de educação que é nova, inclusive para nós, imagine para as famílias que moram nas

regiões ribeirinhas da Amazônia como um todo, do Marajó, dos igarapés, dos lagos das florestas. É algo, eu diria, que não está ainda no nosso horizonte pensar esse tipo de educação. Então nós temos na verdade, que continuar aprofundando esse debate, fazendo novos debates, amadurecendo essa discussão, para que nós possamos também fazer um tipo de enfrentamento baseado em situações mais solidas, mais concretas, porque – com certeza – a avalanche em cima dessa mudança vai continuar. Ela já está aí, posta, como o professor falou e ela vai continuar. Então, eu quero me manter também, por enquanto, nesse limite aqui de debate. Depois podemos ampliar mais e aprofundar mais alguns.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok. Obrigado, Professor Natamias. Agora, a gente passa a palavra para professora Léia.

PROFESSORA LÉIA GONÇALVES DE FREITAS

Oi! Boa noite, colegas! Prof. Rozinaldo, Marcelo, Natamias – que eu não conhecia, só por informações de amigos e colegas –, e o meu querido professor Ronaldo, que foi meu professor na graduação, foi meu professor na especialização aqui em Altamira. Gosto muito das suas reflexões. Elas estão sempre muito politizadas, muito teóricas e fazem a gente refletir sobre uma realidade que, como o Natamias falou, é de todas as pessoas da região amazônica, e isso não exclui professores. Isso não exclui a escola como um todo, e os próprios alunos. Então, se nós, professores, temos péssimos recursos tecnológicos, temos péssimas condições de internet – a minha também não é diferente, [pois] eu moro ao lado do provedor e sempre está caindo –, então, se nós temos essas

situações problemáticas, vamos pensar os alunos que estão há quilômetros da sede da cidade, como é o caso de Altamira, onde temos toda essa experiência de educação ribeirinha, quilombola, indígena, do campo, educação infantil e todos os níveis de modalidades.

Eu vou trazer a minha fala a partir das pesquisas que tenho realizado no grupo de pesquisa que coordeno. A gente está entrevistando – através de redes sociais, *WhatsApp*, *e-mail* – alguns professores para nós tentarmos identificar como está acontecendo esta situação em Altamira e região. Então, o meu foco é mais local, onde nossa intenção é identificar qual é a contribuição da escola para o processo de aprendizagem dos estudantes, bem como na realização das atividades didáticas e pedagógicas que estão sendo propostas.

Fico feliz porque o prof. Ronaldo vai trazer uma contextualização política que a gente tanto precisa, e eu posso estar contribuindo com essa discussão mais prática, mais local, da região, a partir das pesquisas que a gente tem realizado.

Na primeira quinzena de março, as atividades escolares foram visando as medidas adotadas na contenção da COVID. Então, a escola começa a vivenciar uma nova realidade, que é esse isolamento social, desconhecido pelas crianças e por nós, professores, também. Tudo é muito novo e todos começam a *experienciar* realidades que são só nossas, das próprias crianças, das próprias famílias que não sabem muito bem como lidar com a situação das crianças em casa, tendo que acompanhar essas atividades. Então, a gente acaba se preocupando com a situação da doença, que é uma doença letal, e a gente parte da família, mas também com a deterioração da política em que o país se encontra. Toda essa situação é bem problemática.

Então, essa preocupação no cotidiano vem se expressando numa real necessidade de ter que nos reinventar, de ressignificar essa prática a partir dessa nova realidade. Lembro-me que, em uma reunião da Faculdade de Educação, a minha grande preocupação era como que eu ia estar orientando os alunos, haja vista que eu sou professora de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, e aquilo – o ensino remoto – como seria? Como a Universidade iria adotar isso? Aí, eu fiquei pensando. Se nós que estamos no centro cultural, científico, que é a Universidade, temos toda essa necessidade de nos adequar, de ressignificar essa prática, de reinventar essa prática, imagine os professores que lidam no cotidiano da escola pública, com toda falta de aparato tecnológico, com falta de tempo para estudar, atualizar suas pesquisas, atualizar seus estudos teóricos e metodológicos.

Bom, eu levanto algumas coisas pra gente considerar nesse primeiro momento. Então, levanto algumas questões a se considerar. Primeiro é que na área educacional, sejam diferentes docentes, diferentes níveis, diferentes modalidades de ensino, eles tiveram que buscar alternativas, teóricas e metodológicas, para melhorar, e ao mesmo tempo atender uma demanda de educação. E eu analisei principalmente os instrumentos que a gente utilizou pra fazer a pesquisa: algumas escolas do município e, aproximadamente, 40 professores. Percebi que essas alternativas são diversas, que os professores têm tentado – na medida do possível – fazer mudanças teóricas e metodológicas do seu próprio fazer pedagógico.

Outra questão que eu quero considerar, ponderar nessa discussão, é que esses professores, tiveram que reaprender, ou seja, reaprender a comunicar com os alunos agora por uma via *online*, pelo *WhatsApp*, pelo *e-mail*, pelas vídeo-aulas, pelo próprio YouTube, que eles acabam

fazendo essas chamadas. Eles tiveram também que trabalhar atividades pedagógicas e de um planejamento anual que eles já tinham feito no início do ano, eles tiveram que remodelar esse planejamento em meio ao contexto de atividades diferenciadas.

E aí a gente entra no ponto que o professor Ronaldo e o professor Natamias falavam, que é o ensino remoto. E o que que é esse ensino remoto? Como trabalhar esse ensino remoto? Isso foi uma grande preocupação que as pesquisas que eu tenho feito, por meio do grupo, tem evidenciado. E aí a gente começa a pensar, por mais que ela seja uma situação temporária, que nós estamos vivenciando dentro da escola, e ela é uma atividade basicamente pela internet. Como construir essas orientações, se eu não tenho acesso à internet? Então, alguns professores relataram: “professora Léia, o acesso da internet que eu tenho é pelo celular, que nem sempre é boa é pela Vivo, pela Oi, pela Claro, pela Tim” ou então “eu não tenho provedor em casa que me dá esse suporte tecnológico”; “meu computador é antigo, eu não tenho computador mais novo, eu não tenho tablet, meu celular ainda é um celular antigo”. Então, isso tem gerado muitas dificuldades do trabalho.

Mas aí a gente fica pensando na situação emergencial que está posta, e aí a gente precisa entender também que esses usos da tecnologia ele não podem em modo algum desvalorizar o trabalho do profissional, do professor [que] na sua estrutura é presencial, dentro da escola, no acompanhamento, no olho a olho com o aluno, na conversa de vigia, que faz parte. Mas uma finalidade desse ensino remoto é minimizar esses impactos aos quais o professor Ronaldo fala. A gente não sabe se vai ser impactos positivos ou negativos. Ainda não sabemos prever isso. Mas o objetivo é tentar minimizar, de que os estudantes vão

dar continuidade ao seu ano letivo sem que haja fuga deste sistema educacional, originalmente para educação presencial.

Bom, para gente terminar um pouco dessa fala... Isso vem gerando algumas angústias e desafios a esses professores e professoras, porque nós não estamos preparados para realizar as atividades que não são presenciais. Se eu sou uma professora que já trabalhava com ensino a distância, eu já estou familiarizada com esse processo. Mas os nossos professores da educação básica – e aí eu digo para vocês especificamente na educação infantil, que é aonde eu tenho atuado, aonde eu tenho me dedicado, me debruçado sobre essas pesquisas e esses estudos sobre o ensino fundamental da quarta série – ainda estão presos a essa forma, muito próxima de acompanhar o aluno, principalmente na educação infantil que você está ali próxima dessa criança e aí a gente vai entender que há alunos e professores, que não tem, como eu falei anteriormente, acesso a um computador, a internet em sua residência.

Isso me leva a questionar algumas coisas, por exemplo. O que dizer das tecnologias com acesso à internet sem qualidade que nós temos aqui na região? A gente sabe que em Altamira no dia que começa a dar uma chuvinha – eu estou falando de Altamira, mas isso é um contexto da região como um todo, a região transamazônica como um todo (a gente pega aí de Marabá até Santarém) –, e qualquer chuva derruba as redes de transmissões, derruba esse material e nós ficamos praticamente isolados, sem acesso a comunicação, que é essa rede da internet. Então, a gente vai tendo que reinventar assim essas práticas, rotinas dos professores, e outros fatores do cotidiano. Então eu levanto de manhã vou para lá, dou minha aula, volto, tenho tempo para minhas atividades e disponibilizo pro meu aluno meu *WhatsApp* pessoal e ele vai tirando as dúvidas.

Bom! A gente tem muito a considerar, mas a minha primeira fala fica por aqui e a gente vai ficando aberto para o primeiro bloco, segundo bloco com os internautas e os próprios professores.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, professora Léia. Como a gente viu aí, a internet, realmente, é um dos problemas. Tivemos uns probleminhas no áudio, mas acredito que tenha dado para entender quase tudo que a professora falou. Professor Rozinaldo vai fazer algumas considerações?

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Bom boa noite aos participantes da nossa mesa virtual.

Professor Ronaldo, que dispensa apresentação; Professor Natamias; Professora Léia.

Eu, às vezes, não sei se eu fico feliz ou se eu fico triste por ter alunos já, que estão bem adiantados, já trabalhando, já na universidade. Mas, professores, nós vivemos no meio de um drama. Nós queremos que nossos alunos sigam adiante, cresçam, mas quando eles crescem, a gente começa a perceber que a gente tá ficando velho. E aí fica aquela sensação.

Mas é sempre um prazer Natamias, Professor Ronaldo e, também, Professora Léia. Esse projeto é resultado de uma conversa. Vou aproveitar pra fazer uma propaganda do nosso projeto. Projeto de extensão, resultado das conversas entre mim, o Professor Renato, o Professor Davis, Professor Marcelo, Professor Leonardo Zenha. Nós construímos esta ideia, que está sob minha coordenação, e já houve um outro debate

anterior, em outro momento sobre outras questões. Recebemos outros professores.

Nós queremos contar com vocês no futuro também em um outro debate, mas aqui nós estamos entrando nessa discussão em torno da EAD e eu queria deixar um questionamento que envolve essa questão da pandemia, que pode ser conjugada com os outros questionamentos das outras pessoas que estão participando, pelo *chat*. Quando eu vejo esse shopping center sendo aberto, tudo sendo aberto, lojas sendo abertas, eu fico pensando na seguinte questão: O que talvez se passa pela cabeça do administrador público? Se eu abro uma loja com os devidos cuidados, se eu abro um shopping center com os devidos cuidados, porque que eu não posso abrir uma escola também com os devidos cuidados? Aí eu queria discutir com vocês. São todos nessa discussão. O problema é reabrir a escola ou os cuidados na reabertura da escola? Qual é como é que vocês estão voltando? Ou a insegurança se dá em todos os sentidos de não abrir a escola enquanto tiver pandemia ou abrir escola com os devidos cuidados? Eu estou fazendo esses questionamentos pra vocês porque depois, se for o caso, eu posso retornar com alguns dados de alguns países que abriram, na dúvida, para fazer o teste, e os resultados não estão sendo muito seguros não.

Mas eu queria ouvir opinião de vocês sobre essa questão. O problema é abrir a escola ou o problema é que nós não temos condições de oferecer essa segurança? Porque nos dias normais já falta! Então é um pouco nesse sentido o meu convite a uma reflexão.

Obrigado!

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok! Professor Rozinaldo.

Então a gente encerra agora essa primeira temática, aberto nas considerações iniciais dos professores e a gente já tem algumas perguntinhas aí. Nós vamos passando os questionamentos e vocês vão respondendo.

E a nossa primeira pergunta é aqui do Armando da Silva Braga Júnior, ele pergunta: Como tentar implementar o ensino remoto se muitos discentes não têm como estudar em casa, pela falta de um bom sinal de internet?

Temos aqui uma do Renato: Gostaria de perguntar aos professores se, diante do quadro de precarização da educação, nesse contexto de pandemia, é possível prever a volta do funcionamento das universidades, das escolas?

Temos outra pergunta do Kaio Carvalho: Gostaria de saber dos professores [sobre] a falta de investimento na educação e os atuais momentos de defasagem da mesma. O que vocês preveem para o ensino em meio a esse período?

PROFESSOR RONALDO ARAÚJO

Queria agradecer. Um abraço à Rai Rodrigues, minha amiga, minha ex-orientanda. Ela mandou aqui pelo chat um abraço. E, Léia, me desculpe! Só depois, te olhando bem, me lembrei realmente que você foi minha aluna no curso de especialização, ai em Altamira. Então, eu posso dizer que é um privilégio estar aqui com três colegas e três colegas foram alunos meus, porque o Rozinaldo foi meu orientando, o Natamias foi meu aluno em Breves. Breves ou Portel? Foi em Breves! Então, é um

prazer, uma satisfação. É uma honra estar aqui com três colegas. Eu gosto de destacar que são três colegas.

Bom, então, eu acho que vou dividir essas questões aí todas colocadas. Vou arrumar em duas. A primeira é essa questão que o Rozinaldo falou, uma coisa que eu acho que é muito importante. Nós queremos que nossos alunos cresçam. É isso que nós queremos. Eu gosto, toda vez que eu falo em público, eu gosto sempre de lembrar, que eu acho que uma mãe, um pai em geral, tem uma boa síntese do que é uma boa educação. E o pai, a mãe, tem amor pelos seus filhos. Querem que seus filhos aprendam a matéria na escola. Acho que eles também querem que seus filhos façam esporte, se possível que desenvolva, faça alguma arte ou violão ou dança, se possível; que eles aprendam uma língua estrangeira, porque os pais sabem que isso é importante; que as pessoas têm acesso à internet; se possível, que façam viagem; ou seja, é isso que a gente quer para os nossos filhos e é isso que a gente quer para os nossos alunos, e hoje a internet é um meio de acesso ao patrimônio cultural acumulado pela humanidade. Por isso que eu digo que a gente deve aproveitar esse debate.

Então, nós não somos contra a educação a distância. Pelo contrário. Nós somos a favor. Queremos um grande plano de inclusão digital. É importante que a internet seja pública e de acesso a todos. É importante que os estudantes tenham acesso a ferramentas que permitam o acesso à internet. Enquanto não tiver isso, não dá para gente dizer que vai fazer EAD, ensino remoto, nas escolas do estado do Pará.

Natamias destacou o aspecto da Educação do Campo. Ora! Essa nota em que eu estou batendo muito, do Conselho Estadual de Educação (PARÁ, 2020), prevê um retorno das aulas por meio de ensino remoto nas as escolas de educação do campo e no mesmo período que as escolas

das áreas urbanas. Ou seja, é um completo descompromisso e descaso. Desconsideração da realidade da população que mora nas zonas rurais do Estado do Pará. Eu não vou dizer que é desconhecimento, porque essas pessoas não são ignorantes, são mal-intencionadas. Volto a dizer: é uma nota que teve como relatoras a diretora, a reitora da UNAMA e representantes das escolas particulares no Conselho Estadual de Educação. Ora! Quem é que eles representam? Não são os profissionais da educação, nem os alunos das escolas públicas. Acho que o nosso Conselho Estadual de Educação tem uma composição horrível, ridícula.

Então, acho, portanto, que a gente deve procurar lutar pela inclusão digital. Por enquanto, o que a gente tem é que procurar lutar. A nossa prioridade, antes que os nossos alunos aprendam. Nós queremos que nossos alunos permaneçam vivos. A luta hoje, a prioridade hoje é pela vida!

Porque a pressa para retornar aula? Tem que ter pressa o dono da UNAMA, o dono das escolas. Eles têm pressa, porque eles estão perdendo dinheiro. Agora, a prioridade nossa não é o lucro do dono de uma escola. A prioridade nossa é a vida das crianças, dos jovens e dos profissionais da educação. Portanto, só é possível pensar no retorno às aulas quando houver condições sanitárias que garantam a saúde dos profissionais da educação e a saúde dos nossos alunos.

Para mim, essa é uma condição. Retorno apenas quando tiver condições sanitárias que garanta a saúde de alunos e professores. Retorno apenas na forma presencial, porque o ensino remoto, hoje, significa a exclusão, considerando a realidade do Pará. E tem uma coisa: alguém levantou aí sobre infraestrutura. Essa nota do conselho de educação é tão ridícula. Ela, por exemplo, prevê que, para o retorno às aulas, se garanta em todas as unidades escolares equipamentos para aferir

temperatura, máscaras para toda a comunidade escolar, estoque de álcool em gel e sabão; se torna obrigatório o uso de máscara, se prevê espaços de sala de aula que não exceda 10 alunos por sala, estabelecimento para uso sanitário limite, estabelecimento de limite para o uso de vaso sanitário, limitando a utilização por mais de três pessoas concomitantemente.

Gente, qual é a escola pública paraense que vai assegurar essa condição? Nenhuma! Nenhuma! Isso é fantasia, isso é fantasia, isso é *conversa para boi dormir*. Ou seja, o que é que eles querem? Implementar o ensino remoto de qualquer jeito, sem garantia de qualidade. Por isso que eu digo que é uma nota fantasiosa. É uma nota mentirosa, que atende aos interesses das escolas particulares, de algumas escolas particulares do Estado do Pará, porque sequer, nas escolas de classe média você garante que, por meio de educação à distância, você vai ter acesso a conteúdo escolares. Portanto, na minha forma de ver, eu acho que a gente não precisa ter pressa para voltar. A gente tem que pregar, priorizar a vida, voltar somente quando tiver garantias de condições sanitárias favoráveis e quando estiver garantias para o ensino presencial para todos, não 25% como prevê a SEDUC. E eu acho que nos cabe também um bom repúdio a este Conselho Estadual de Educação e à Secretaria de Estado de Educação, que se revelam incapazes, insensíveis à realidade dos jovens, dos estudantes paraenses.

É isso!

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok, professor! Obrigado.

O professor Natamias quer fazer algumas considerações sobre as perguntas?

PROFESSOR NATAMIAS LOPES DE LIMA

Começar pela questão do Conselho Estadual. É um efeito cascata, porque aqui em Breves já tem alguma iniciativa do Conselho Municipal de tentar, também, fazer aquilo que eu chamo de arranjos para volta da aula, por exemplo, na educação do campo. Então, isso causa um efeito cascata com relação aos conselhos municipais.

A outra questão é com relação à formação do professor. Primeiro, professor não tem formação adequada para trabalhar nesse modelo. Segundo, o que a gente tem colocado: o professor vai ter internet paga pelo estado? Vai ter internet paga pelo município? Ou ele vai pagar do bolso dele? Ou ele vai usar o computador dele? Como é que vai ser essa situação?

Essas situações precisam ser colocadas. Muitos professores não têm computador, não tem um celular adequado para fazer esse tipo de trabalho, ou eles teriam que usar o celular deles, o computador deles ou gastar do dinheiro deles para pagar uma internet. Então, é uma situação muito complicada e muito fora da nossa realidade. A própria estrutura residencial dos nossos alunos, principalmente da educação do campo... Primeiro, o aparato não tem, segundo a própria estrutura residencial, porque também precisa de uma estrutura mínima para isso, para que ele possa estudar, num local mais adequado. Como é que vão ser as atividades que esse aluno vai ter que ir fazer, que desenvolver para mandar para professora, para mandar para o professor?

Então, gente, é uma situação extremamente complicada que está diante de nós e que estão querendo colocar de qualquer forma, para uma

suposta volta as aulas, mas que nós não temos as melhores condições. Pior do que isso, é muitas pessoas fazerem a defesa desse tipo de educação nos comparando com a Bélgica, nos comparando com a Holanda, nos comparando com a França, que até eles têm problemas ainda para volta às aulas, mas que mesmo assim uma é uma realidade completamente diferente que não tem como fazer um comparativo com a educação no interior de Breves, no interior de Curalinho, no interior de Oeiras do Pará, no interior de Bagre. Mesmo comparando com Belém, com outros centros urbanos, não dá para fazer essa comparação com muitos países europeus, querendo trazer para o Brasil esse tipo de coisa.

Então, é algo que nós precisamos de fato fazer um enfrentamento, precisamos de fato colocar esse debate cada vez mais forte, para que nós possamos achar, e até existir aquilo que está sendo colocado. As famílias do campo, às vezes, não estão no cenário desse debate para dizer o que elas pensam e, às vezes, nem tem condições ainda de se manifestar para falar em relação a essa temática. Então nós professores, alunos... Tem professores aqui do Campus de Breves, de Cametá, professora Cleide, que tá com a gente, a Luciana que tá fazendo doutorado e está acompanhando, professor Renato, muitos alunos da Pedagogia aqui do Campus de Breves, eu penso que de outros *campi* também, nós precisamos fortalecer esse debate.

Mas, volta às aulas nesse cenário não!

MEDIADOR MARCELO NERES

Passamos para professora Léia, para fazer as considerações e posicionamentos.

PROFESSORA LÉIA GONÇALVES DE FREITAS

Bom, essa questão engraçada..., a gente está falando de uma problemática que nós estamos vivenciando, professor Natamias. Mas, faz parte do distanciamento social. Ela é uma realidade, é uma coisa já presente no nosso cotidiano. Ela é diferente para todos nós no uso das tecnologias, das mídias digitais, da internet. Elas são ferramentas que vêm completar essa aprendizagem e o acompanhamento individualizado.

Eu quero falar um pouco com vocês sobre a questão da problemática disso. Eu penso que o próprio Estado, as próprias escolas não têm condições ainda de ter um espaço diferenciado pra esse atendimento, ao mesmo tempo também você se depara com questões relacionadas com a estrutura, como dizia o professor Natamias. Quando você pensa que, quando o aluno de diferentes classes sociais, diferentes situações sociais que estão colocadas na nossa região amazônica, ela se depara com esse isolamento social, ela se depara com essas novas tecnologias, você vai ter não só a falta de acesso a isso, mas como disse o professor, as próprias condições que essas crianças e esses adolescentes se encontram. Como são essas condições?

Esse aluno, essa criança, tem um espaço na sua própria residência par pensar isso? Mulheres que são prejudicadas nesse processo de isolamento social. Onde ela tem que fazer uma compatibilidade entre as ações didáticas e pedagógicas? Entre cuidar do lar, cuidar do idoso que está na sua residência, entre você uma série de exigências pessoais junto a essas exigências profissionais. Então, você considera tudo isso, neste processo de uma grande demanda e, aí, gente vem pensando: é preciso retomar os estudos na escola?

A gente sai na defesa, por exemplo, vamos pensar em dois aspectos. Primeiro, o ensino presencial é importante. Tem uma série de questões que não acontecem no ensino a distância ou remoto. Porém, como disse o professor Ronaldo, tem que pensar na segurança desse sujeito. A escola, o estado tem capacidade, tem condições nesse atual momento de preparar esses profissionais? De qualificar esses professores, não só nas questões didáticos e pedagógicos, mas no próprio campo do processo de avaliação educacional? Qual a função dessa avaliação? Como se dará isso nesse momento? E a retomada disso pra escola presencial?

A escola, como eu disse pra vocês, ela é sim, historicamente construída e constituída como local de produção de saberes, porque ela tem uma série de rotinas de didáticas, de estrutura, de planejamento, e isso faz com que ela aconteça nesse sentido. Mas como que você vai verificar isso? Você vai trazer essas crianças pra escola, mesmo ela sendo importante, mesmo tendo que cumprir esses dias letivos, sem essa segurança que nós professores, que os alunos temos?

Vamos supor que será dado a esses estudantes e a esses professores materiais para enfrentar essa realidade. Mas outra coisa que a gente tem que pensar [é que] não há uma articulação entre as redes de proteção da criança e do adolescente, e nem os próprios direitos de aprendizagem da criança na educação infantil. Então, você não tem uma rede de proteção que liga a Secretaria de Saúde, a Secretaria de Integração Social pra poder manter a questão e saúde dessas pessoas, a empregabilidade desse sujeito nesse momento de pandemia. Ele enfrentou a perda, o desemprego, a perda do cliente, o fechamento do comercio e toda essa demanda que a gente tem percebido.

Outra coisa que a gente identifica que o governo, o estado, vai oferecer pra essas crianças, esses adolescentes, esses sujeitos que estão

dento desse espaço e que precisam ser garantidos esses direitos sociais. Então, quando digo pra vocês que não há uma articulação entre essas redes de proteção, a gente precisa entender que a escola não funciona no seu mundinho. Ela não funciona naquele espaço fechado. Ali você vai se deparar com crianças de várias situações. Crianças que o pai está desempregado, criança que a mãe é a provedora do lar. A escola não consegue perceber. Ela não tem suporte pra aplicar essas múltiplas possibilidades de ferramentas. Então, como vai se dar esse ensino remoto? Qual a forma de trabalho da escola? Eu penso que são muitos questionamentos. Ainda precisamos problematizar melhor o uso desses materiais, o uso dessas questões tecnológicas, qual a incorporação dessas ferramentas tecnológicas para o ensino, considerando o esforço dos professores, considerando o esforço dos alunos para minimizar os impactos que a suspensão das aulas tem causado. E aí você tem essas atividades presenciais nesse contexto. E pensar exatamente também como essas crianças desenvolvem essas atividades.

Então, vamos voltar pra escola, garantir todos esses direitos como o professor Ronaldo vai colocando aí, que é uma fala tendenciosa, que chega a ser tendenciosa, porque às vezes, professor Ronaldo, a gente não tem papel para os professores; a gente não tem o pincel de quadro; a gente vai para escolas, e, às vezes, não tem o próprio quadro, principalmente na educação do campo. Então como prover tudo isso dentro desses ambientes e dentro desses recursos? E para finalizar, quais os espaços e tempos de moradia desses estudantes, desse próprio professor, porque muitas vezes ele não tem um espaço na sua casa. Então, é o filho que grita na hora de fazer uma atividade, é o esposo que chama, é o cachorro que late, é o gato que mia. Agora mesmo, por exemplo estou no meu quarto com uma gatinha em cima da cama, com cachorro aqui

no meu pé pedindo carinho. Então, assim, vamos pensar nessa dinâmica do professor que está nesses espaços da Amazônia, nesse contexto.

Eu queria encerrar essa minha fala... Essa semana, eu assistindo uma entrevista tv cultura do professor Otaviano Helene da USP, e ele falava que o ambiente educacional presencial é fundamental. É para sanar os efeitos da diferença social econômicas e culturais dos estudantes (TV CULTURA, 2013). Contudo, quais são as contribuições positivas que esse ensino presencial vai trazer para o atual momento? Como que vai ser intensificada? Ou ele pode servir nesse atual momento pra intensificar as desigualdade do nosso sistema educacional, uma vez que o estudante mais desfavorecido é que tem as piores condições em situações que precisam ser analisadas, as menores o possibilidades de dispor de todos esses recursos que nós precisamos? Enfim, são várias dúvidas que eu tenho. Eu acho que a minha fala é mais no sentido de problematizar essa situação do que mesmo de refletir, dando uma resposta pra essas dúvidas que estão surgindo.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok, professora! Obrigado!

Prof. Rozinaldo vai fazer alguma consideração agora?

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Eu tenho pensando aqui no momento da sala de aula. Como retorno assim, sem essa conquista, primeiro de uma vacina ou de pelo menos um tratamento com algum remédio para essa questão? É aquilo que o professor Ronaldo estava falando, que as coisas vão passando, os momentos vão passando, e a gente vai começando a conviver com o

inimigo. Eu sempre cito assim: às vezes, com essa questão da Pandemia da COVID19, parece a coisa assim, de um relacionamento onde um homem vai matar uma mulher, mas ela se acostuma tanto com ele que ela esquece que ele vai matá-la. E nós diante da Pandemia da COVID19 vamos nos acostumando com essa coisa, como o professor Ronaldo está colocando, que as crianças podem morrer, que não um número tão grande, mas morrem, e os professores podem adoecer, podem ficar com sequelas.

São tantos problemas. Então eu tive pensando, aqui comigo, no ambiente escolar sem esse retorno, sem trabalhar com o teste, que as crianças e os adolescentes, vocês todos, nós já trabalhamos. Eu não sei se todos, mas pelo menos eu tive essa oportunidade de dar aula na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, também. E, eu não sei se essas pessoas que estão aprovando essas decisões do Conselho Estadual de Educação, se elas já tiveram a oportunidade de entrar numa sala de adolescente do quinto ao nono ano, se elas já estiveram com crianças em sala de aula. Porque você dizer para uma criança “tá entendendo?”, “não toque no seu colega”, “não abrace o seu colega”, “não tire a máscara” é uma coisa que você vai criar um clima dentro da escola. No caso das crianças, eu acho que você pode até anular a possibilidade da escola porque na educação infantil a escola é mais a questão do desenvolvimento social, psicológico né? No caso dos adolescentes você vai fazer o quê? Como é que não é uma criar um ambiente típico de alguém que está entre os dois momentos? Primeiro não parece não acreditar que nós ficamos amigos, que o vírus ficou nosso amiguinho, tá? É por causa dessas ideias de pensar que o vírus virou nosso amiguinho que nós estamos vivendo, tem em prefeituras e prefeitos em que estão na justiça para abrir as coisas, as lojas, de entrar na justiça uma duas três vezes quanto

e as pessoas de repente começam a morrer, sabe, morrer, morre um, morrem dois, morrem três, morrem 10, 20 está entendendo, e essas coisas se dão desse processo de abertura.

Eu só fiquei pensando aqui nessa situação porque as pessoas acham que nós vamos ter essa condição de um professor vir passar a sua manhã inteira atrás de vigiar as crianças. É um mundo sem sentido, sabe? Que bom que você consegue encontrar. Eu vejo um pouco nesse sentido, com essas dificuldades, sabe? Que, remotamente, eu compactuo com essa ideia de que, às vezes, nós, quando se diz que as crianças estão fora da escola o que me parece que tudo, o mundo todo só depende do seguinte: se os alunos não forem a sua aula, se o prof. Ronaldo não der aula, se o prof. Natamias não der aula, se a Prof^a. Léia não der aula, se o prof. Rozinaldo não der aula, Prof. Renato, nosso assistente técnico – Marcelo, se ele não for pra secretaria da Faculdade, o mundo se acaba. Parece. E nós não esquecemos que as crianças estão aprendendo, sim. Estão aprendendo a se cuidar, estão aprendendo a ter, diante de uma situação ímpar.

Esse momento não é um momento vivido pela humanidade a cada instante. Dizer que nossos universitários precisam, que esse estudar, esse momento, que eles precisam de ter alguma coisa... na verdade com essas coisas, eu tenho a impressão de que as pessoas querem tirar da mente da nossa população uma coisa. Os mortos! Entenderam? “Quero que você esqueça que você tá andando em um lugar, vivendo em um país que já é o segundo em número de mortos”.

Essas coisas que querem que esqueçamos os mortos é para dizer “a senhora já morreu”, “quem vai morrer, vai morrer mesmo”, como diz o pessoal, que “chegou a hora”. Só que, nessa história, pode ser um de nós, né? Como, eu por exemplo, que perdi alguns amigos que eu não

imaginava nunca. E essa doença não é uma coisa qualquer. Você é, você some! Você entra no hospital e, se você sair de lá, você saiu. Se você não sai, não é visto mais nunca. Quem quiser ver seu parente, filme antes dele entrar no hospital, porque se ele entrar e for para uma UTI, complica a situação. Você não vai ver ele mais nunca.

Então, voltando à questão da educação à distância, eu tenho essa impressão de querer dizer o seguinte: “vá ao shopping!”, porque, daí, você esquece que as pessoas tão morrendo, que você pode morrer também. “Vá para escola”. Por quê? Porque daí você esquece, está dando aula e esquece, vai se distrair.

Então eu queria saber se o professor Natamias já retornou a conexão dele, se já está tudo bacana para fazer as considerações dele. Tudo certo, professor?

PROFESSOR NATAMIAS LOPES DE LIMA

Primeiro eu quero agradecer pelo convite, da gente participar com vocês. Eu acho que é interessante esse debate. E parabenizar pela ideia, também, da criação. Eu estou pensando em criar uma sala no outro meio aqui que vai ser uma sala de leitura. Vai ser um clube de leitura com alunos e quem tiver interessado para fazer alguma coisa nesse sentido. Mas é válido a gente aproveitar esses instrumentos para que nós possamos nos aproximar, mesmo que seja de uma outra forma de aproximação.

Parece-me que a ideia é o seguinte: “Bem vamos voltar! Mesmo que, para isso, vá morrer algumas pessoas. Mas a gente vai voltando e vai tentando naturalizar as coisas”. Parece que essa é a ideia que tá passando e muitas pessoas, inclusive, estão naturalizando isso no dia-a-dia,

saindo, como eu costumo dizer, de “peito aberto”, e as coisas podem complicar mais ainda. Imagine se acontecer algo dentro da escola. Quem é que vai responder? Quem é que vai se responsabilizar com aluno de universidade, com aluno da educação básica?

Então, as coisas são complicadas, mas quero aqui deixar muito a minha gratidão. Dizer que foi uma satisfação estar com vocês nesse debate, professor Rozinaldo, Marcelo, Léia, professor Ronaldo, pessoas que eu tenho um grande carinho – mesmo ele sendo torcedor do Remo, a gente tem um carinho especial por ele – e agradecer muito às pessoas participando, prestigiando esse debate e mandando as suas perguntas. Que possamos ter mais outros momentos. Obrigado!

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Eu acho que o Marcelo teve uma pequena interferência, mas agora, que nós fizemos a conclusão com o Natamias, tinha passado para professora Léia – para completar o tempo do professor Natamias. Ela falou, completou a parte dela e, aí, nós retornamos pro Natamias.

PROFESSOR RONALDO ARAÚJO

Eu queria dizer... bom, primeiro, eu agradeço o convite, que nesse tempo de pandemia, de isolamento, ver amigos mesmo que de forma virtual já é motivo de alegria, já aquece um pouco nosso coração, aquece um pouco a alma. Então, ainda mais sendo colegas com quem eu convivi em sala de aula como a Léia, como o Rozinaldo, como o Natamias, eu fico muito feliz, muito envaidecido e agradeço muito convite, a oportunidade.

Acho que, em relação a esse tema, eu acho que a gente não pode esquecer quais são as nossas prioridades. Eu acho que a prioridade número zero é salvar vidas. Eu acho que essa é a nossa preocupação principal: salvar vidas dos nossos alunos, garantir a vida dos profissionais da educação, garantir a vida dos familiares dos nossos alunos e dos profissionais da educação. Então eu acho que esta é a prioridade. Em segundo lugar, eu acho que a gente tem que garantir aquilo que o Rozi- naldo falava. Se o nosso objetivo é fazer com que as nossas crianças aprendam, hoje a condição para que os nossos alunos aprendam ainda é ensino presencial pós-pandemia, tá certo? Pós pandemia, ensino presencial para todos depois que tudo isso passar. Acho também que a gente deve, para que a gente não seja apontado ou acusado de “jurássicos”, “os antigos que rejeitam a EAD”, que nós temos que lutar também por um grande programa de inclusão digital na educação. Os alunos e os professores têm que ter acesso à conexão de internet de qualidade. Têm que ter acesso a equipamentos que permitam o uso dessas conexões e têm que ter formação adequada para tal.

Então, eu acho que a gente não pode ficar simplesmente deixando transparecer que nós somos contra as novas tecnologias de informação e comunicação. Acho que qualquer retorno às aulas só pode ser feito depois de ouvida a comunidade educacional, alunos, professores, técnicos. Somente assim a gente pode construir o retorno às aulas [de forma] que seja mais humanitário, mais humano e menos violento. É isso! No mais, um boa noite a todos e um prazer estar aqui com todos vocês, com esses colegas aqui e pessoal aí que tá participado. Muitos abraços aí pelo chat. Eu mandei um abraço a todos aí que estão me cumprimentando. Um beijo e boa noite a todos!

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Agora a palavra fica com a professora Léia, para as considerações. Professora Léia, à vontade.

PROFESSORA LÉIA GONÇALVES DE FREITAS

Eu penso que nós estamos numa encruzilhada. Por um lado, você tem a cobrança na volta dos estudos presenciais, e a própria importância dessa escola presencial, da relação professor aluno, o exercício do debate, a produção das atividades que são desenvolvidas nas escolas. Isso tudo contribui para o aprendizado da criança. As atividades práticas, o próprio recreio que a criança tem, o ambiente escolar, essa participação, enfim, são vários fatores que contribuem para esse processo de desenvolvimento da criança e do adolescente nesse espaço da escola. Por outro lado, você tem a necessidade dos usos das mídias, o uso da tecnologia digital e, também, do acesso à educação à distância e do próprio trabalho remoto.

Bom, a gente precisa pensar. E aí, tanto o professor Natamias quanto o professor Ronaldo já falavam da necessidade já firmada que você tem, de ter a segurança e de voltar, sim, à escola presencial pós-pandemia com segurança. Também é preciso pensar que essas diferentes modalidades de estratégia que o professor tem usado neste contexto traz pontos positivos, assim como traz pontos negativos. Com os dados da pesquisa que gente tem realizado, verificou-se que os professores têm aprendido a usar mais esses recursos tecnológicos que antes, muitas vezes, eram cobrados pelas escolas e nós não sabíamos como estar utilizando esses recursos, e outras questões de destaque nesse rol de instrumentos e ferramentas.

Porém, a gente vai entender também que a frágil condição socioeconômica da maioria dos nossos alunos, professores, da própria escola pública, já coloca eles em desvantagem. Então, é preciso cuidado para que esses estudantes possam ter chances de prosseguir os estudos sem prejudicar seu ano letivo. Mas isso com os devidos respaldos que nós precisamos como saúde, qualidade de vida, que é o mais importante neste contexto.

Pra finalizar eu destaco a problemática que nós temos vivenciado na atualidade: um governo, aparentemente despreparado, um momento doloroso de perda, de transformações familiares, de amigos, colegas de trabalho. Estamos tendo que nos reinventar, nos reavaliando e descobrindo as nossas novas possibilidades de trabalho, novos valores, tentando ser mais humano. Eu acho que essa é uma palavra de ordem nesse momento. É ter mais serenidade, solidariedade, preocupação com a família, preocupação com o consumo consciente. Dar valor ao abraço, ao aperto de mão no pós-pandemia. Agora a gente fica pelos nossos *WhatsApps*, pelas nossas trocas de carinho pelo chat, aqui pelas vídeo-conferências.

Mas é preciso a gente pensar que essas situações que a própria escola vivencia são importantes também pós-pandemia. Os nossos grupos de trabalho, as nossas reuniões, com os nossos colegas de trabalho. Eu, que acompanho muito a escola pública quase todos os dias, por ser professora de estágio supervisionado, verifico que a escola é muito carente de serenidade, de leveza. Seriam essas as palavras que eu gostaria de utilizar neste momento: humanidade, leveza, solidariedade. Essa nova vivencia que estamos enfrentando, penso que vamos sair dessa crise, sim. Claro, eu acho que mais fortes, mais solidários. O prof. Ronaldo falou “eu não sei quais são os impactos que vão ter pra educação. Os

impactos que vão ter pra sociedade”. Eu sou bem positiva. Eu acho que vamos sair dessa, com mais sensibilidade, com mais carinho um pelo outro, mais solidário, mais forte, porque nós aprendemos a lidar com uma situação antes desconhecida.

E no tocante ao uso da tecnologia, também não sou contrária ao ensino EAD. Acho que nós temos condições vitais para esse desenvolvimento, desde de que nós tenhamos formação, aparato tecnológico. Eu concludo pensando [que] é preciso cuidado para que as tecnologias não possam ser usadas para o desmonte da educação, como muitas vezes nós temos visto. Planejamentos feitos de qualquer forma, sem considerar o que de fato se vivencia naquele contexto, naquela realidade. É preciso que a criança seja criança. É preciso que, principalmente na educação infantil, seus diretos de aprendizagem sejam constituídos. É preciso que os objetivos de aprendizagem dos alunos do ensino fundamental sejam garantidos e, por meio de nos tornarmos uma figura mais responsável, mais sensível, em especial frente a esse desmando e desconstrução da figura do professor, na forma como o governo federal tem colocado recentemente.

Eu assistindo uma entrevista – se não me engano, foi do ministro da saúde, se não me falha a memória – aonde ele dizia “bom, quem não serve pra nada, vai ser professor” (SILVEIRA, 2001). Quem é o professor? É o incompetente. É aquele que não sabe ler, não sabe escrever. Aquele que não sabe fazer uma conta das quatro operações. Então, é preciso que os nossos governantes vejam a educação como prioridade. Enquanto a gente não tiver essa educação como prioridade, não adianta recursos tecnológicos, não adianta uma boa internet, não adianta uso de aplicativos. Se você faz uma busca rápida no *Google*, você tem inúmeros aplicativos educativos. Mas não adianta isso. É preciso considera-los

como está sendo feito o desmonte da educação das universidades e das escolas públicas no atual momento.

Bom, é essa nossa reflexão para o momento. Espero que nós tenhamos trocado diálogos e contribuído. Tem muitos questionamentos aqui no chat, mas infelizmente a gente não consegue responder e nem dialogar com todos esses questionamentos. Muito obrigado por sua companhia, professor Ronaldo. É bom estar vendo-o novamente. Marcelo, já estou com saudade. Professor Rozinaldo. E bom conhecer o professor Natamias. Um forte abraço

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Marcelo, é só pra gente concluir.

O Marcelo vai só passar as últimas informações. O meu abraço a todos vocês. Eu estou aqui em casa só com a família e meio que isolado e é bom receber vocês. Eu gostaria, nesse momento, de falar em nome da nossa amizade, que não é só uma questão de estudos, como disse o professor. Também é de trabalho. Esse projeto nasceu como um pouco da ideia de ficar, de a gente atender a uma exigência do tele-trabalho, que nós vamos conversando e se tornou uma questão que, no outro momento, nós teremos ainda a amadurecer. Mas como tem o andar da carruagem do tempo, eu quero só dar o abraço em vocês, para matar a saudade e dizer que o Marcelo vai informar como é que os participantes conseguem o certificado dessa atividade que nós tivemos muitos inscritos. Explica aí pra gente.

MEDIADOR MARCELO NERES

Tá! ok!

Voltei aqui, depois de ter sumido um pouquinho aí, a internet para variar também caiu.

Bom, então, o pessoal que fez a inscrição no canal vai posteriormente, daqui a umas duas semanas, a gente vai estar encaminhando o por e-mail, os dados que vocês inseriram no formulário, vai ser os dados que vão aparecer no e-mail, então se você digitou seu e-mail errado provavelmente o certificado não vai chegar, se digitou só o primeiro nome é o certificado vai sair só com o primeiro nome, porque é um programa que coleta os dados do google docs e já gera o certificado. Então até o amis tardar no final da próxima semana o pessoal já vai estar recebendo via e-mail. Então pra finalizar agora a gente agradece os professores que tiveram aqui com a gente e vamos encerrando aqui essa segunda *live*, alguns problemas na internet aí, a gente pega até desculpa pro pessoal, mas é porque deu uma chuvinha aqui Altamira, infelizmente é assim choveu a internet fica horrível. A gente agradece a todos os ouvintes e até uma próxima *live*, boa noite a todos.

3

LIVE 3: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO REMOTO NA UFPA

Roseane Rabelo Souza Farias ¹

Rozinaldo Ribeiro da Silva ²

Renato Pinheiro da Costa ³

MEDIADOR MARCELO NERES

E aí!

Oi!

Boa noite!

Iniciaremos agora nossa quarta *Live* mesa virtual do canal Educação em Debate que hoje abordará a temática “Experiência no ensino remoto na UFPA”. Hoje contamos com a presença dos professores Rozinaldo Ribeiro, Renato Pinheiro e Roseane Rabelo, ambos são professores da Faculdade de Educação do Campus de Altamira.

Meu nome é Marcelo Neves o secretário da Educação e serei o mediador dessa mesa virtual. Lembrando que essa iniciativa dos

¹ Doutora em Educação com ênfase em Educação Especial pela Universidade de São Paulo (FEUSP/USP). Mestre em Educação e Especialista em Educação Inclusiva (UEPA). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. É docente e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, coordena o Grupo de Pesquisa Escolarização e Acessibilidade e a Divisão de Acessibilidade do Campus de Altamira. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: escolarização de pessoas com deficiência, história da educação, estudos críticos da deficiência e políticas públicas.

² Possui Graduação em Pedagogia (conclusão 1999) e Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Pará (conclusão 2005). É professor efetivo da Universidade Federal do Pará-UFPA/Campus Universitário de Altamira/Faculdade de Educação na disciplina Política e Legislação da Educação

³ Pedagogo. Doutor em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa HISTEDBR/SECÇÃO ALTAMIRA-PA. Professor da Faculdade de Educação - Campus UFPA de Altamira/Pa. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-PROFHISTORIA/UFPA. Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/UFPA.

professores da faculdade através do projeto de extensão Mesa Virtual e tem por intenção abrir um canal de diálogo com estudantes professores da população em geral sobre vários temas as mesas virtuais ocorreram durante o ano com diversas temáticas abordadas.

A metodologia desta mesa desta mesa será a seguinte: em uma primeira rodada com exposição dos professores posteriormente será aberta para duas rodadas de perguntas que podem ser feitas pelo *chat* do *YouTube*, posteriormente será novamente repassada a palavra aos convidados para suas considerações finais. Passo agora, então, a palavra para o Professor Rosinaldo para abrir nossa exposição

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

E aí?

Olá a todos os participantes boa noite. Nós estamos aqui para este momento pelo projeto de extensão Mesa Virtual que Marcelo Neres já colocou já falou. Mas eu gosto sempre de ressaltar porque o projeto ocorre, mas ele não seria realizado sem a participação dos professores da faculdade, principalmente Professor Leonardo, Professor Davis, Professor Renato e o nosso amigo técnico, também de mediador, que é o Marcelo Neres.

Esse projeto foi criado nesse sentido de trazer a discussões para as pessoas do momento atual. Essa é a nossa quarta *live* e eu queria dar boa noite ao pessoal que está ouvindo. Estou vendo aqui vários aparecendo. Sejam bem-vindos a essa discussão de hoje que vamos tratar a questão “Na hora do ensino virtual”, porque nós conversamos muito sobre essas questões e eu estive conversando com os nossos alunos que neste evento nós conversaremos sobre nossas intenções, sobre o que o que é que tem

do lado de cá do telefone, do lado de cá do *notebook*, do lado de cá do *tablet*. Quem são essas pessoas que estão falando com vocês? Como elas estão trabalhando? Como elas estão se sentindo? Como é que nós estaremos amanhã?

Eu gostaria de começar e, nessa sequência, quero convidar a Professora Roseane para usar a palavra. Professora Doutora de nossa Faculdade de Educação; nossa amiga, nossa companheira de trabalho das atividades.

PROFESSORA ROSEANE RABELO

Boa noite, queridos e queridas!

Eu agradeço a oportunidade de estar participando dessa *live*, trazendo para reflexão, para o debate, um tema tão atual desafiador para todos nós professores que no momento pandêmico estamos aprendendo a lidar com tecnologias que até então a gente considerava apenas um aporte, e nesse momento a gente tem percebido que ela tem sido um canal fundamental para garantir a continuidade do processo de aprendizagem dos nossos alunos.

Eu começo a minha fala dizendo que o ensino remoto, mais do que uma metodologia, mais do que uma ferramenta de continuidade do processo de aprendizagem, é uma estratégia de manutenção da vida. É uma estratégia compromissada com a vida, com a saúde de toda uma comunidade acadêmica. Eu friso essa questão porque o ensino remoto não é o subterfúgio, mas sim a ferramenta que a gente observa enquanto própria recomendação de saúde pública. Então existe uma questão que perpassa o ensino remoto. O que a gente precisa, enquanto professor, é sempre fazer discussões com os nossos alunos de que ela é uma

ferramenta compromissada com a vida ou a saúde, e isso permite a gente entender esse movimento que está desenvolvendo agora com o movimento compromissado com a garantia de vida, com a necessidade da gente se manter isolados, mas conectados.

Nos vemos hoje sendo desafiados por uma metodologia que, de certa forma, estamos nos apropriando e aprendendo, fazendo, observando principalmente o *feedback* dos alunos; observando principalmente que é uma metodologia que requer uma nova sensibilidade. A tela do computador a tela do *Smartphone* tornou-se uma nova pele. A gente está conectado agora de uma forma que exige de nós uma nova sensibilidade; exige de nós uma nova escuta; exige de nós uma outra percepção mais curta, mais sensível, porque a gente precisa entender a realidade dos nossos alunos e também compreender a nossa realidade dentro desse momento.

Nesse momento é tudo muito novo. Eu acredito que a gente não venha a se acostumar. Deve tirar hoje os bônus dessa metodologia e pensar culturalmente no ensino híbrido, pois, esse momento mostrou como nós estávamos muito informados, mas pouco conscientizados do papel da tecnologia. Nossos alunos, e nós mesmos, estávamos envolvidos nesse papel da tecnologia, mas pouco sabemos fazer o uso – não diria consciente – mais aproveitável, mais palatável dessa tecnologia. Tanto que quando a gente pensa no início de uma disciplina observa a necessidade de um inicial entrosamento tecnológico, porque muitas vezes, essas ferramentas não são conhecidas, muitas vezes o aluno e o professor têm um acesso, mas às vezes a gente usa de forma muito limitada a tecnologia e esse momento está servindo para a gente aprender a usar as tecnologias, eu acredito. E essa é minha opinião: a usar as tecnologias de forma muito mais produtiva.

Então, eu acredito que esse momento agora exige de nós uma nova sensibilidade, sabe? Pensar em metodologias que possam conectar professor e aluno de uma forma que a gente nunca esteve conectado. Eu tenho observado que no ensino remoto a gente precisa estabelecer uma relação muito mais próxima do que a gente estabelecia no ensino convencional, porque, se você não mantém um *feedback* direto com esse aluno, você não consegue marcar pontos de ancoragem para avaliá-lo, para acompanhá-lo e para de fato estabelecer o processo de aprendizagem.

A gente precisa nesse momento aproveitar a oportunidade e pensar já a longo prazo, em um ensino híbrido, porque a gente crê que essa pandemia vai passar logo, e pensar no ensino híbrido que possa aproveitar as tecnologias de uma forma que nunca foi aproveitada, de uma forma que consiga ir além da informação, ir além do acesso, e garantir de fato aprendizagem.

Quando a gente começa uma disciplina, que a gente inicia o entrosamento tecnológico, geralmente, no primeiro dia de aula, que a gente vai conversar sobre a disciplina, e a gente propõe em um entrosamento tecnológico, a gente vê como a tecnologia assusta, como as ferramentas não são palatáveis. Então é necessário isso. Querendo focar mais minha fala nessa questão metodológica, da necessidade de um casamento tecnológico, em que o professor e o aluno, dependendo da plataforma escolhida, possam pensar nessa logística inicial, nesse entrosamento. Porque, se a gente não começa primeiro a se preocupar com a forma. O conteúdo nós temos, a gente tem o domínio, mas, nesse momento, fundamental é a forma, são as estratégias metodológicas que a gente vai precisar focar para garantir reais pontos de ancoragem, porque senão,

você não consegue demarcar um processo avaliativo justo e equitativo, que considere todas essas peculiaridades que esse ensino apresenta.

Eu pensei para essa minha fala em trazer um pouco dessas metodologias que a gente conseguiu na disciplina que a gente finalizou agora – eu e o professor Jonata, também da Faculdade de Educação. Algumas estratégias metodológicas que são fundamentais para estabelecer esses pontos de ancoragem, em que um primeiro movimento é do entrosamento tecnológico. É preciso no início da disciplina realizar o entrosamento tecnológico para sentir a plataforma que foi escolhida com os alunos. É necessário enfatizar as atividades assíncronas, como os pacotes de aprendizagem com referência de leituras de textos e vídeo aula, que o aluno possa ter esse contato. É importante também a gente oportunizar o plantão pedagógico, que permite o *feedback* mais direto, e usar uma mídia por exemplo como *WhatsApp* para ter o retorno mais rápido, é importante também a gente realizar todo um texto, apresentar um questionário.

A gente tem feito isso. Para cada texto do pacote de aprendizagem apresentar, um questionário que pode ser pelo *Google Form*, que ajuda como o guia de reflexão, para que o aluno possa ler o texto e responder um questionário, não para testar o conhecimento, mas para guiá-lo numa reflexão, numa leitura mais intuitiva, organizar um questionário mais intuitivo que gere uma reflexão acerca do texto.

Então, para cada pacote de aprendizagem, como a gente nomeou esse movimento, pensar em textos, e a gente ter percebido que os alunos têm lido até mais do que no ensino convencional, pensar na leitura de texto, pensar nos vídeos aula, e eu recomendo sempre pensar em vídeo aula com no formato do *PowerPoint*, com a tradução e interpretação, porque na hora que o aluno faz o retorno aos vídeos é mais fácil ele saber

onde parar o vídeo do que o vídeo que é o professor falando. Às vezes é difícil você ter esse retorno rápido. Então eu aconselho os *PowerPoint* com tradução e interpretação, e aconselho esses questionários. Isso em um pacote de aprendizagem. Realizar os plantões pedagógicos, talvez pelo *WhatsApp*, e fazer as sínteses pedagógica no final, e aí numa forma mais síncrona, as sínteses pedagógicas para garantir o fechamento, então pensar a atividade síncrona como fechamento de tópico. Pensar nas atividades síncronas para iniciar uma disciplina para realizar as condutas e acordos pedagógicos e pensá-la no final dos tópicos para fazer fechamento de síntese.

São metodologias que, pelo menos, foi o que deu certo na minha disciplina. Ajudou a diminuir a minha ansiedade a nível de avaliação dos alunos e ajudou também os alunos a diminuir a ansiedade deles, porque eles sabiam o início meio e fim da disciplina. Ou seja, realizados os acordos pedagógicos, eles sabiam exatamente o que ia acontecer. Isso ajudou muito no desenvolvimento da disciplina e permitiu uma devolutiva muito mais eficiente. Então, eu acredito que é necessário da nossa parte enquanto professores uma espécie de uma sedução pedagógica, porque é um movimento muito novo e se a gente não consegue conciliar todos esses pontos que diminuem a ansiedade do aluno e fazem com que ele se em se envolva na disciplina e consiga perceber que o seu processo de aprendizagem não é igual, ou não é melhor ou pior que o ensino normal. Ele é diferente.

Eu acho que não dá para a gente igualar o ensino remoto ao ensino convencional. Ele tem uma forma diferente, ele requer uma sensibilidade diferente. Então, se a gente tentar somente deslocar a metodologia que a gente utiliza no ensino remoto, pode ser que não dê tudo certo. É a gente criar estratégias a partir desse novo contexto. Claro! Se

apoiando no que a gente tem, mas se permitido vivenciar novas metodologias que podem facilitar e podem também servir futuramente para pensar o ensino híbrido.

Seria isso que eu não falar nesse momento.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, professora, pela explanação.

Professor Rozinaldo, o senhor quer acrescentar alguma coisa, a partir de sua experiência no ensino remoto?

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu posso fazer um questionamento para professora na parte dela?

Professora, em algum momento a senhora teve interrupções de *internet*?

PROFESSORA ROSEANE RABELO

Sim!

Mas, na verdade, eu só tive mais problema de *internet* na minha última disciplina, na minha última aula, que meu pacote de dados já estava no final, mas durante a disciplina não tive problema. Alguns alunos tiveram problemas, até porque agora que os alunos estão recebendo o chip de dados do auxílio tecnologia. Então, os alunos tiveram que se organizar a partir das condições deles. Mas eu, particularmente, não tive problema durante a disciplina em relação ao acesso, porque eu acabei me planejando para ter uma *internet* melhorzinha nesse período. Mas eu sei que poderia não ter sido assim podia variar isso aí.

MEDIADOR MARCELO

Vou passar, então, para uns questionamentos do pessoal que está assistindo. Tem uma pergunta do João Kleber: Qual sua percepção sobre o ensino híbrido na educação brasileira?

PROFESSORA ROSEANE RABELO

O ensino híbrido vai ser uma metodologia que pode vir para ficar. Eu penso que como eu falava ainda há pouco, eu acho que essa pandemia, e agora com a questão de ensino remoto, mostrou o quanto que a gente tinha acesso a uma tecnologia e não sabia fazer um uso, vamos dizer, mais propositivo dessa tecnologia. Se a gente fosse fazer uma breve pesquisa, geralmente usa-se *WhatsApp*, o *Facebook*. Mas essas plataformas que a gente tem percebido, tem uma série de ferramentas que podem adensar nosso processo metodológico futuramente, que não deve e depois da pandemia passar. Eu acho que a gente, enquanto professores, ir aprendendo fazer e utilizar muito dessas tecnologias para quando encerrar o estilo remoto, que eu acho que é fundamental para pensar o uso das tecnologias, e a gente está aprendendo nesse momento isso.

Antes dessa situação pandêmica, a gente pouco fazia uso das tecnologias no nosso processo de aprendizagem e agora a gente tem percebido que é possível sim, eu acredito que esse modelo que a gente não pode se acostumar, porque, se a gente for ver, é o modelo barato para o governo e caro para a gente, para nós professores, para nós alunos e, de certa forma, o ensino remoto dimensiona a responsabilidade do processo educativo, da logística, para os sujeitos. Então, a gente não deve se acostumar com isso. Mas a gente tem que, sim, aproveitar o que

esse ensino remoto traz nesse momento agora, para futuramente aproveitar dessas ferramentas, dessas metodologias para o processo de aprendizagem.

Situações pandêmicas não são tão distantes da nossa realidade. A gente pode viver daqui a 5, 6 anos uma nova pandemia e aí a gente vai precisar se reorganizar novamente? Pode ser mais tranquilo a partir do momento e isso – estou colocando na área da Educação –, se a gente já tivesse domínio maior sobre as tecnologias, o que têm revelado que a gente está aprendendo a fazer isso agora.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu gostaria de contribuir com algumas questões na experiência que agora estou tendo nesse formato remoto.

Eu vi a professora Roseane fazendo e eu estava aqui pensando como se como se deu nesse processo também de aproximação nosso para trabalhar. Nossa conversa tem que ser aberta com os ouvintes. Nós não estudamos neste formato. Eu, pelo menos, não estudei nesse formato. Pra não dizer que não estudei nesse formato, eu assisti muitas aulas naquele Telecurso, que tinha na Rede Globo, que passava de manhã antigamente. Aí eu assistia também as aulas do Senai. Então, eu acompanhava todas aquelas formas e eu acabei me lembrando desses tempos dessas aulas daquele período.

Eu estive notando algumas questões.

Primeiro, eu já era meio que virtual. Eu já trabalhava com algumas ferramentas na execução de vídeos. Não com aulas ao vivo, com discussões ao vivo. Eu fazia isso e não tinha nada a ver com pandemia. Não tinha na minha cabeça ou na do professor Leonardo, que realizar

defesas de TCC, de transmitir o que a gente conversa, e quando eu pedia para os alunos fazerem vídeos filmando paisagens, filmando alguns de seus trabalhos, apresentando trabalhos em vídeo na sala, eu não tinha a menor ideia de que um dia seria necessário isso.

O que eu diria para vocês, é que as impressões que tenho é que talvez haja algum preconceito quanto a essa questão que possa ser um monstro, que os professores vão enfrentar uma dificuldade imensa. E nós já vimos que não se trata de um monstro. Pode ser um monstro, mas não é um monstrão. É um monstrinho, digamos. É uma dificuldade que a gente tem, mas que a gente acaba superando à medida que nós vamos percebendo que é bom, que a gente vai deixando aquelas impressões preconceituosas para trás.

No que se refere às turmas que estou trabalhando, uma aqui em Altamira e outra de Letras, em outro município, o que eu noto de modo geral são três questões sobre *internet*: nós temos alunos com internet, alunos com pouca internet e alunos praticamente com internet uma vez na semana, quando ele se locomove do local onde ele trabalha.

O que eu tenho visto um pouco disso é que a informação para nossos alunos resolve muitos problemas. Eu dividi meus plantões para toda hora, porque como alguns alunos meus de algumas cidades, algumas localidades, têm internet de vez em quando, então eles não teriam condições de chegar e fazer a atividade.

Eu vou contar uma história para você. Não vou dizer o nome do aluno, mas o aluno foi de uma comunidade sem internet. Uma certa hora ele me passou uma mensagem e, como demorei para responder, quando eu respondi ele já estava saindo no barco, acho que já estava no último sinalzinho da internet. Ele voltou e me ligou e eu disse “vamos conversar depois” e ele respondeu “Pois, vamos conversar agora, porque

o homem do barco está esperando ali pra gente ir trabalhar”. Então essa flexibilidade de plantão eu tive que fazer. Acabou nesse primeiro momento me servindo para conhecer também a realidade dos alunos

Eu concordo com a professora Roseane, que nós temos que ser persuasivos, nós temos que ter a capacidade de sedução, de persuasão. Nós temos que ter essa capacidade de envolver nossos alunos, envolver eles nas atividades de maneira que eles até esqueçam que nós estamos longe. É bom se nós conseguimos fazer isso. Conseguimos ultrapassar esta tela e dar a impressão de que aquele momento, com aquela pessoa que você está trabalhando com que se sinta segura de dizer “Eu tô aqui. Se eu quiser ligar agora, o professor vai me atender, minha professora vai me atender”. Que essa distância que existe seja uma coisa meramente – como se diz –, seja só virtual. Mas que você esteja presente. Um papel meio parecido com os dos espíritos, que estão distantes, mas que você sente que elas estão ali perto de você.

E é muito bom que a gente consiga cativar esse sentimento, da abertura, da conversa, do espaço, para retirada de dúvidas. E manter, já que passam trabalhando também com turmas que, boa parte, nós já conhecemos. Diante de turmas ainda estranhas, ainda no começo, é bom é ter um pouco de cautela e, de certa maneira, cativar a amizade, porque esse formato é muito fácil para a gente perder alunos. Por exemplo, nós estamos diante dos alunos e pela resolução eles têm direito de desistir até o último momento que eles sentirem que o formato, a aula pela internet, não atende suas necessidades. Eu terminei uma disciplina e não tive nenhuma desistência da minha primeira experiência. Então, eu tô contente comigo.

Eu quero terminar mais disciplinas. Eu quero é dar sequência a esse trabalho, cativando, colocando as pessoas que são trabalhadores, as

peessoas que estão com a gente são trabalhadores, são professores professoras, que estão nos acompanhado nessa trajetória, nesse momento. E eu vejo que os nossos alunos estão com vontade de estudar, vontade para fazer o trabalho para nos devolverem e, se depender deles, parece que as coisas vão caminhar até a gente voltar para o formato normal, que é o que nós sempre trabalhamos.

Sobre o que eu tenho sentido... eu tenho sentido muita saudade dos meus alunos, dos meus amigos. Eu sou de uma família de onze irmãos. Então, desde pequeno, na minha casa sempre foi de muita gente. Aí, e quando eu sou professor me sento ali, trabalhando, eu vejo de novo essa repetição e, de repente, a gente tem que ficar num quarto isolado com um computador ligado, e a gente fica falando... Eu me lembro que hoje uma moça estava apresentando um seminário. Num certo momento que ficou um silêncio no computador dela, ela disse: “Será que não estou falando é sozinha? Será que todo mundo deixou só o telefone aí?”. Chega um momento que você fecha a câmera e fica só o seu símbolo. Aí, nós temos que ter a confiança de que o aluno está lá, sim. Daí, de vez em quando, a gente passa e fala: “Olha, fulano! E aí como é que está?”. Para ter uma resposta. Mas, quase todas as vezes eles estão lá ouvindo e querendo mesmo participar.

É um pouco disso que eu queria dizer para vocês aqui, dessas dificuldades que alguns alunos têm, e a gente tem notado. Mas é também um desafio quando nós terminamos uma disciplina e os alunos não têm desistido. E se os nossos alunos tiverem que desistir, que eles não desistam por causa da gente. Eles não podem desistir por causa do professor. De todas as dificuldades que eles têm – de distância, de internet –, eles enfrentam aí no final quando eles vão desistir vão alegar dizendo “eu desisti não foi por causa do telefone. Eu não desisti por causa da

internet. Eu desisti por causa desse cara, dessa professora”. Então, esse cuidado a gente tem que ter porque são pessoas que estão ali precisando, às vezes que você diga: “Vamos lá! Pega o telefone. Pega o computador, que eu tô aqui para ouvir você”.

É um pouco nesse sentido a minha contribuição.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok!

O professor Renato chegou agora. Resolveu a situação de internet.

PROFESSOR RENATO

Oi!

Boa noite!

Boa noite a todos.

Bom, são as dificuldades que nós temos em relação aos procedimentos da presença remota, da presença virtual, e suas limitações, tempos, espaço, condições...

Infelizmente já cheguei para parte do final, e só queria fazer algumas considerações. Quero dar boa noite, primeiro, a todos os estudantes das turmas 2020, 2018, de outros cursos que também estão presentes, da turma 2016, 1017; colegas nossos também estão participando

Eu quero fazer algumas considerações para não ficar tão ausente do processo. Tem um artigo do Professor Antônio Novoa, em que ele trata da educação para o ano 2021. Claro que o artigo não foi escrito agora, nesse período. Já tem um tempo que foi escrito, mas na sua visão de pesquisador, e também de estudioso da educação, ele verifica umas situações, umas questões muito interessantes que nós podemos levar

em consideração para a nossa aula, esse momento que estamos vivendo com aulas virtuais e para o próximo ano como será essa nossa vida. Ninguém sabe que você vai ter o próximo ano ainda, porque não temos ainda vacina, aquelas promessas de vacinas que tínhamos atenção parece que estão indo pelo ralo, porque não estão conseguindo fazer a imunização ideal correta, das pessoas adoecidas.

Então, Antônio Novoa vai dizer assim, que nesse processo de educação a escola ela surge, tendo o ano de 1870 como referência para o surgimento dessa instituição escolar dos padrões que temos, desde estão à frente, desde os anos 1870 em seguida a educação, a escola, a educação escolar propriamente dita, ela passou a ser referência para o desenvolvimento da sociedade, tanto é que na atualidade é inconcebível é pensamos a sociedade sem a existência da escola. Tudo que nós vamos fazer pensando em desenvolvimento social tem que ter a educação como referência.

Então, atualmente a pandemia, segundo Antônio Nova, atinge diretamente todas as atividades das instituições de ensino, o que levou a comunidade acadêmica, comunidade escolar, o sistema educacional a entrar em pânico, porque teve que suspender as atividades e isso tudo levou a um pânico geral, porque nós não sabíamos fazer outra coisa, se não estar ali no dia-a-dia da sala de aula, no dia-a-dia da atividade acadêmica, sem estar respondendo ali diretamente, diariamente no local, na hora, todas as questões, e isso nos causou um certo incômodo e ainda está causando.

Antônio Novoa vai ser muito perspicaz no sentido de dizer que, talvez, o sistema de ensino não esteja atento aos sinais do perigo emitido pela escola transbordante, ou seja, o modo como a educação escolar vinha sendo desenvolvida nos anos 1870, que ele coloca como década de

referência, o modo como essa instituição vinha desenvolvido o ensino, não estava atenta as situações sociais que vinham ocorrendo, os momentos de adoecimento da sociedade, os momentos de conflitos social, momento de guerra... Tanto é que, quando chega agora no momento de pânico causado pela COVID, pela pandemia, a instituição escolar, o sistema social não tem uma resposta, não tem um planejamento eficaz.

Por quê?

Porque não se preparou!

Há séculos a sociedade vem sendo desenvolvida em um sistema de trabalho, de produção, mas não o sistema de acompanhamento e de atenção aos cuidados prévios. Eu fico imaginando assim, que no Japão, por exemplo, nos Estados Unidos, que têm terremotos, tufões, furacões etc., quando toca a sirene, existe já um treinamento nas escolas e instituições públicas também, e as pessoas têm um procedimento para fazer naquela situação, as crianças vão para debaixo da mesa, outros ficam de baixo do parapeito portas para se proteger, ou seja, já sabem o procedimento. Mas, as instituições de ensino, o sistema de ensino não se preparou para algo maior, que foi um momento de pandemia, não haviam protocolos pensados.

Eu estava olhando um artigo e diz assim que a COVID19, agiu 91% das atividades presenciais, interrompeu 91% das atividades presenciais das instituições de educação do mundo, até maio (2020), 89% das instituições de ensino superior estava com todas as suas atividades suspensas, ou seja, até maio algumas começaram a reclamar de alguma forma remota, virtual. De lá para cá foram tentados fazer procedimento de segurança para que não houvesse prejuízo pedagógico, de saúde para as pessoas, só que o que nós estamos vendo agora atualidade é que esses procedimentos de segurança estão sendo negligenciados, ainda hoje

soube notícia de um orientando meu que está com suspeita de reinfecção da COVID, já tive notícia de outros colegas de trabalho que também tiveram o retorno.

O que é isso?

Os procedimentos de segurança das instituições de ensino e também das pessoas, da sociedade, não estão sendo cumpridos, não estão sendo observados e não estão sendo divulgadas de forma mais eficiente. Diante disso o que ficou mais evidente é que nesse contexto de pandemia causado pela COVID19, não houve preparação dos professores, nem dos estudantes para trabalhar nos ambientes virtuais, e aí a gente pode verificar com desenvolvimento das nossas aulas. Existe uma limitação de tempo, e são os procedimentos pedagógicos de segurança que, por exemplo, o MEC estipula 40% das atividades que nós tínhamos, por exemplo, se era uma aula de 5 horas, então teria que ser 40% dessa atividade para o *on-line*, a UFPA se não estou enganado está estipulando 30% de acordo com a resolução do CONSUN. Mas não é só isso. Existem outras formas de procedimento pedagógico e também metodológicos que precisam ser desenvolvidos e que precisam ser aprimorados, porque nós não estávamos preparados de forma estrutural e nem instrumental para fazer e desenvolver atividades *on-line*.

Os nossos professores da Educação Básica, do ensino superior não tem nas suas casas um ambiente adequado, ideal, para realizar uma *live*, ou realizar uma aula virtual, porque sua casa eu espaço familiar, não é um espaço de ensino, espaço de pesquisa, a mesma coisa são os nossos estudantes, ainda ontem um professor requisitava que fossem implantados procedimento na pós-graduação, em que os estudantes deviam estar vestidos para assistir às aulas, não podem estar deitados, estar à vontade, mas não estão à vontade, porque algumas vezes a gente vê

vídeos de pessoas que estão com roupas íntimas, em situações até constrangedoras na hora de uma reunião, outro em uma aula virtual. Esses são procedimentos que a gente tem que ficar atentos, porque esse é nosso ambiente de trabalho e é daqui por meio desse canal, que nós vamos poder produzir conhecimento científico por um bom tempo.

Eu estou achando que, por mais que passe esse momento de pandêmico, nós vamos ter que encarar a realidade do trabalho virtual com uma possibilidade, que já cogitávamos já isso, só que agora de forma muito mais efetiva, a possibilidade de trabalho remoto, do trabalho virtual, como parte da nossa atividade docente, com parte de nossa atividade acadêmica para o desenvolvimento da pesquisa, aí a universidade, governo federal, governo estadual, os prefeitos vão ter que fazer investimento maciço em tecnologia da informação e comunicação, em espaços sociais de comunicação, um fluxo de rede mais abrangente, porque não dá mais de ser do jeito que estava. Também os nossos comportamentos vão ter que mudar perante a sociedade, aquela situação de aglomerações nós vivíamos constantemente, acredito que até mesmo pensar a quantidade de alunos que uma aula presencial pode ter, porque senão nós vamos cair no equívoco de novo que o Antônio Novoa fala das escolas transbordantes, porque se enche de alunos, se enche de pessoas dentro de um único espaço institucional físico e no momento que passa para o virtual não se tem condições de dar acesso a todos.

Na experiência que estou tendo agora na sala de aula, agora estava tendo disciplina com a turma pedagogia 2020, o pessoal que recém chegou a universidade, já chega infelizmente tendo que encarar uma realidade dura de aulas virtuais, de pandemias, sem ter esclarecido os procedimentos como iria encaminhar, ainda bem que foram muito compreensivos e a gente conseguiu estabelecer uma conversa através das

aulas virtuais, e nessas conversas conseguimos encaminhar algumas atividades, conseguimos estabelecer algumas regras, atividade mesmo, para que alguém pudesse fluir, mas foi duro porque ontem na última aula que tive com eles presencial virtual, síncrona, no meio da conversa a internet de casa parou, aí tive que pegar pacote de dados de celular para ver se conseguia completar as atividades. Mas por que? Os lugares onde nós estamos no estado do Pará, que não é só em Altamira, mas Breves, Belém, Abaetetuba, região do Salgado, estão carentes, os sistemas de tecnologia de informação e comunicação dessas regiões de o nosso estado é precário, é sucateado.

Ainda um tempo desse quando era o governo toda a Júlia ela tentou fazer uma rede de conexão chamado Navega Pará, que devia facilitar a conexão entre as instituições públicas e também ter espaços público para que as pessoas pudessem se conectar. Só que a política de estado com os governos que vier em seguida foi sendo desenvolvida, estão até atualmente chamado de necropolítica, acabou com tudo isso.

Por que “necro”?

O que vem do necrotério mesmo, aquele negócio necrótico, aquilo que vai matando. Porque tá tirando da população direitos e ganhos, conquistas que foram muito importantes. Então, os governos que estão vindo agora estão tirando essas conquistas dentre elas, foi um direito ao acesso à internet. Isso fica até de alerta para o período agora eleitoral que nós temos:

Quais são os candidatos a prefeito que têm na região de Altamira, Uruará, Placas, Medicilândia, que estão tendo discurso mais de democratização das tecnologias de informação e comunicação?

Porque a nossa vida agora vai depender disso, compra no supermercado, compras de remédios, atendimento de serviços, tudo vai ser

por via digital, tudo vai ter que passar por isso. E aí como é que vai ficar nossa sociedade se não tiver acesso?

Eu fico por aqui para não alongar muito, para não entender a conversa, e fica a disponível para responder perguntas.

Obrigado!

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, professor, pela informação.

Vamos fazer agora a última rodada de perguntas e, posteriormente, a gente vai para as considerações finais.

Então!

Qual a principal dificuldade encontrada para as aulas no formato remoto?

Qual será o principal legado deixado pelas atividades remotas?

Qual foi o maior desafio pedagógico de se adequar do ensino presencial para o ensino remoto?

PROFESSORA ROSEANE RABELO

Na minha percepção, a principal dificuldade foi superar inicialmente esse ambiente desconhecido que, como comentava, a gente tinha muita informação sobre esse ambiente, mas pouco entrosamento tecnológico com esse ambiente. Na minha percepção minha, a maior dificuldade foi, primeiro, superar essa representação que o professor Rozinaldo falou, a representação de um monstro. Primeiro superar essa representação de um ambiente que a gente ainda está aprendendo, porque a gente não foi preparado para esse momento.

Segundo, foi também pensar em pontos de ancoragem.

De que forma, eu, enquanto professora poderia estar acompanhando de perto, mesmo virtualmente, a criação de pontos de ancoragem para que eu pudesse ter com esse meu aluno um feedback que possibilitasse estar repensando a disciplina e estar retroalimentando a disciplina a partir da demanda que os alunos vinham trazendo, a partir da resposta do aluno?

Essas foram as minhas primeiras dificuldades, e eu acredito que é fundamental o apoio da faculdade, o apoio das instituições nesse momento, porque eu acho que às vezes fica muito reservado ao professor em pensar a logística, em lidar com as questões próprias do processo metodológico, do estilo. Então, particularmente como eu fiz uma disciplina colaborativas com um outro professor, isso ajudou muito a diminuir essa ansiedade a pensar de forma mais equilibrada o processo metodológico.

Então, acho que talvez, os ensinamentos colaborativos, pensar em disciplinas que dois professores pudessem trabalhar disciplinas a fins, seria bem mais interessante do que reservar apenas uma disciplina para o professor.

Essa é a minha percepção!

Acho que o principal legado dessa experiência é a própria possibilidade de pensar o ensino híbrido, aproveitar o que a gente está aprendendo nesse movimento e trazer para as próximas demandas, que não sabemos quando essa demanda mais natural, sem contexto pandêmico, quando é que a gente vai conseguir restabelecer uma nova normalidade. Mas eu acho que o principal legado é a constituição do ensino híbrido, é poder utilizar essas ferramentas tecnológicas de uma forma mais propositiva aderindo mesmo ela para o nosso contexto profissional com o professor Renato também frisou.

O principal desafio pedagógico consiste nessa questão que, por mais que a gente, nós professores tentemos desempenhar, ao que a gente chama de sedução pedagógica, de tentar envolver o aluno, o maior desafio às vezes é estrutural, a falta de internet que o aluno não tem, também a falta de tarimba com esse recurso tecnológico que às vezes o aluno não tem. Então, o desafio pedagógico é justamente é essa harmonização, é o acesso, é a própria organização mais sistêmica desse ensino, o apoio das instituições.

A minha preocupação com o ensino remoto é ter esse olhar muito setorizado na figura do professor, responsabilizando ele, unicamente, por esse contexto de aprendizado. Então, acho que a gente precisa, nesse momento, tá fazendo isso. Mas também tá repensando o nosso próprio fazer, porque muitas vezes a gente tá setorizando, então fica o professor sozinho fazendo a sua dinâmica de aula, muitas vezes passando por uma dificuldade, cada um fazendo o seu trabalho individualizado remoto e isso acaba nos desagregando. Eu acho que isso a gente não pode, para a própria sobrevivência da nossa da nossa profissão que tem no fazer, que tem na comunicação a sua essência.

Acho que esse é o desafio: Superar as dificuldades mais estruturais, e também, já pensando de forma prospectiva, que a gente não venha criar um problema para a gente setorizando o fazer pedagógico na figura do professor.

É isso!

Seriam essas as minhas questões.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu tenho algumas questões sobre essa atividade que nós estamos fazendo. Nós não podemos deixar de nos lembrar que essa situação não foi desenhada por acaso. Mesmo nos textos que nós temos falado sobre o século 21, alguns dos filmes falam sobre alguma coisa, mas não um dado que indicasse que nós devemos ter que viver com uma situação dessa. Essas aulas remotas podem deixar dois legados. O primeiro legado é que nós somos capazes de nos purificar, nós e os alunos, de desaparecer da sala de aula, mas continuar trabalhando, continuar estudando. Mas eu também vejo um outro lado, além do lado da aprendizagem eu vejo o lado do luto, eu me lembro que estava conversando com a professora Giamili, em uma outra mesa e lá ela nos falava sobre essas aulas, que elas só estão acontecendo por que os brasileiros estão morrendo. Os brasileiros não pararam de morrer ainda. Começamos a morrer, a morrer em massa e fomos para mil, dois mil, três mil, vinte mil, cinquenta mil, cem mil, já vamos para cento e cinquenta mil pessoas mortas. Então eu quero colocar para vocês essa questão do aprendizado e do trauma também que isso pode nos trazer.

As pessoas pensam que nós que estamos no ensino remoto – porque nós estamos sempre aqui mostrando uma certa animação – que não estamos nos importando com isso. E eu achei muito bom o professor Renato trazer essa questão da necessidade se manter esses cuidados. Nós não estamos no ensino remoto por uma questão qualquer. Nós estamos no ensino remoto para que nossos alunos não se aglomerem, para que a gente não se aglomere e adoça, e vá para um hospital e sabe-se lá qual o resultado que seria dessa ida de alguns de nós para o hospital. Então essas nossas. Então essas nossas aulas, elas também são aulas do

luto. Nós estamos trabalhando. Neste momento, agora no meu telefone são 19:19, daqui a pouco o Jornal Nacional vai dizer que morreram trezentos, quatrocentas pessoas em Brasília hoje, e isto tem um significado para nós que estamos trabalhando.

Queria que os alunos soubessem que quando estou conversando com você eu não estou isento desse pensamento, esta conversa que estamos tendo aqui. Já é justamente para a gente se desestressar também dessa coisa, por exemplo. Há quanto tempo eu não vejo ao vivo a professora Roseane? Que não vejo o Marcelo? Que não vejo meus alunos? Eu vi em março. Agora, bota aí: março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro... já vai para oito meses sem ver as pessoas com quem você convive no dia a dia do seu trabalho. Até irmãos nossos, nossos parentes, nós não estamos nos vendo.

Então pessoal, nós não estamos trabalhando neste momento e pregando alienação: “pegue sua apostila vá ler e esqueça mortos, que eles não se levantam mais”, como dizem. Não! Nós estamos trabalhando no luto e querendo que essa situação se encerre. E ela não vai se encerrar se alguns discursos continuarem vencendo. Eu vejo a hora de chegar dezembro, ou julho de 2021 e a gente não poder se encontrar para poder tomar um cafezinho com a turma; de fazermos um encerramento dessa conversa, dessa distância pelos fios dos virtuais da vida.

Eu quero deixar o recado para que as turmas não se atrasarem tanto. Mas eu quero, também, que nossos alunos saibam que nós estamos vivendo essa situação de luto, e nós só estamos nesse ensino remoto porque os brasileiros estão morrendo. E aí, como é que nós podemos ter um discurso neste momento com cerca de 160 mil mortos? E que nós não vamos nos vacinar? Que não é para comprar vacina? Não vão gastar dinheiro como vacina?

Como é que pode esse tipo de conversa?

Nós não perdemos dez pessoas, três pessoas, uma... o que já seria muito, mas nós vamos para 160 mil pessoas.

E quando é que nós vamos nos ver de novo?

Vamos marcar um encontro pra quando nós morrermos, e aí a gente se topa lá no outro mundo, porque nós não conseguimos resolver um problema. Houve país que não teve esse problema todo.

Só para concluir, eu queria dizer isso pra vocês. Eu quero conversar com vocês, vou trabalhar a minha disciplina, eu vou acompanhar vocês, mas eu gostaria que os brasileiros parassem de morrer pra gente voltar ao normal, e uma das formas é que nós vamos ter que nos vacinar e nos cuidar, porque até o momento eu não perdi nenhum aluno não, mas já cheguei perto, já perdi de amigos, já perdemos conhecidos, algumas pessoas perderam parentes. Mas eu tenho que dizer pra vocês, eu não estou vendo as pessoas preocupadas assim não, eu estou vendo governantes com a história que eu não vou comprar de fulano a vacina, porque eu não gosto dele. Assim nós vamos ter que marcar encontros pra depois da morte, porque conversa boa da morte.

Mas vamos superar essas coisas. Tentar trabalhar nesse sentido: aprender, mas não esquecer que o nosso país está nessa situação.

Obrigado!

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, professor Rozinaldo.

Professor Renato vai contribuir?

PROFESSOR RENATO

A dificuldade foi eu consegui o acompanhar, entender, que nem todos os nossos alunos têm condições de acesso. Nas turmas que já ministrei disciplina tem alunos que não têm celular, têm alunos que não tem computador, tem os que não tem computador e nem celular, tem alunos que não têm acesso à internet, que moram travessão, que não moram na cidade de Altamira, mora em outra cidade.

É uma situação muito difícil e aí nós temos que ter a sensibilidade de entender essas dificuldades, essas situações difíceis que cada um dos discentes têm, e aí pensar atividades que possam contemplar todos dentro da disciplina.

Às vezes a pessoa não tem um computador, então vamos ver, pensar uma outra atividade, ou uma outra forma que ele possa entregar esse trabalho, para que possa atender às expectativas da avaliação que também é imposta pela instituição

É como disse a Roseane, temos que nos reinventar, temos que pensar diferente, e aí, esse canal aqui é o legado, esse projeto é um grande legado, porque nós não tínhamos, foi só no momento da crise, nós pensamos de repente fazer algo novo diferente e está aqui o canal, estamos fazendo e vamos fazer mais ainda porque preciso.

É isso aí gente!

Vamos!

Bola para frente! Vamos superar esse negócio aí.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado professor, Renato. Agora, vamos para a parte do debate, que são as considerações finais, iniciando pelo Rozinaldo.

PROFESSOR ROZINALDO

Como eu coordeno esse projeto, eu vou reprisar para as pessoas que participaram desse projeto, nós tivemos uma conversa anterior – eu, o Professor Leonardo, Professor Renato, Marcelo. Nós precisávamos desse canal para a gente colocar essas questões para os alunos, para que eles saibam que, às vezes, a gente também está dando aula aqui e os meninos pequenos nossos batem na porta. Não é só na porta do quarto do aluno. É preciso desmistificar de pensar que são só vocês que estão tendo essas dificuldades. Às vezes, nós estamos aqui e as crianças também. Para não ficar nessa coisa de que os professores são homens de bronze como diz o Dostoievski. “Eles são professores e estão bem”, “eles não têm nenhum problema”, “as crianças deles são super educadas. Elas não entram no espaço onde eles estão trabalhando”. “E quando ele desaparece aqui da imagem? Por que será que ele desapareceu naquele instante?”.

Ele desaparece porque precisa ficar em pé para movimentar, mexer, para não pegar uma trombose nas veias das pernas e sair todo travado, porque nós já éramos meio travados quando tinha aula normal, imagine agora que a tá nesse processo. Então nós temos que fazer essas lives para conversar com nossos alunos, conversar com as pessoas, para que elas saibam da nossa solidão, da nossa persistência aqui.

Eu estou contente de ter recebido aqui no grupo meu amigo Marcelo, Professora Roseane, professor Renato, para conversar com a gente, e agora vamos ouvir as conclusões deles.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok! Passamos agora a palavra para o professor Renato.

PROFESSOR RENATO

Já que cheguei atrasado, primeiro quero pedir muitas desculpas. Infelizmente são as situações. Mas outra coisa que eu quero falar é agradecer nossos alunos, primeiro, pela dedicação. Assim como Rozinaldo falou, também repito: na turma que estou ninguém desistiu. Isso é positivo. E peço que não desistam. São dificuldades. São situações difíceis, mas todos nós vamos conseguir vencer.

Quero agradecer também os alunos pela compreensão. Conseguimos desenvolver uma disciplina, não do jeito que gostaria que fosse promovida, de forma presencial, mas conseguimos desenvolver a disciplina graças a boa compreensão, a boa dedicação de todos. E eu acredito que nas outras turmas [eles] também são assim. Eu estou acompanhando, algumas vezes eu vejo *e-mail* de outras turmas, mensagem *WhatsApp* de outras turmas em que os professores estão, e vou verificando como é que também está o andamento. Ou seja, todos estão empenhados em aprender, estudar, fazer o curso, colar o grau, ser um profissional habilitado pela Universidade.

Então vamos aproveitar! E a gente vai conseguir sim.

Obrigado!

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok!

Obrigado Professor Renato, agora passo a palavra para Professora Roseane.

PROFESSORA ROSEANE

Não sei se consigo ainda falar, minha internet está caindo demais. Mas só agradecer o convite, agradecer também os alunos que têm apostado, realmente, na adesão às disciplinas. Abrem-se as turmas e fecham-se as turmas totalmente preenchidas. Então os alunos querem participar. Isso é bem legal.

E aquilo que o professor Rozinaldo trata: “Nós não somos os super-heróis”. A gente também tem as nossas dificuldades. A gente também tá aprendendo. Então, só agradecer e torcer para que esse momento pandêmico passe logo, e que a gente possa logo se rever, se abraçar e continuar a nossa vida de uma forma muito mais harmoniosa com a natureza, uns com os outros, valorizando o contato, valorizando as amizades, que é isso que a gente sente tanto agora: o contato pessoal.

Muito obrigada aos professores, ao convite e a todos vocês que estão nos ouvidos.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado professora Roseane! Mais uma vez a gente agradece todo mundo que está ouvindo a gente.

E agora a gente encerra a *live* e deseja um boa noite a todos.

4

LIVE 4: POR DENTRO DO LOCKDOWN, EM ALTAMIRA-PA: IMPRESSÕES

*Priscilla Bellard Mendes de Sousa*¹

*Rozinaldo Ribeiro da Silva*²

*Vitoriano Bill*³

MEDIADOR MARCELO NERES

Boa tarde,

Iniciando, agora, a live de hoje, 02 de abril de 2021, 15 horas, que abordará a temática “**Por dentro do Lockdown, em Altamira-PA: impressões**”. Para essa live, nós convidamos os professores Rozinaldo Ribeiro da Silva, da UFPA, que é, também, coordenador deste Projeto de Extensão Mesa Virtual; a professora Priscilla Bellard Mendes de Sousa, Doutora em Psicologia e professora-adjunta da UFPA e Psicóloga Clínica; o Professor Vitoriano Bill, Especialista em Educação, Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará-SINTEPP/Subsede Altamira-Pa; e a professora Verusa Almeida da Silva, que acabou de ter uma pequena queda na internet e já estará por aí. Ela é Mestre em Educação pela UFPA e Pedagoga na Prefeitura de Altamira.

¹ Doutorado em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará. Professora da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

³ Graduado em licenciatura Matemática pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Educação, Diversidade e Sociedade, pela UFPA campus Altamira. Professor da Educação Básica na Rede Pública Municipal de Ensino de Altamira.

Eu sou **Marcelo Leandro Neres**, Técnico em Educação da UFPA, e irei atuar como mediador nessa transmissão e participar dessa Mesa Virtual. Também faço parte do projeto, que é uma iniciativa dos professores da Faculdade de Educação do Campus de Altamira-UFPA, através de Extensão. Tem sido um canal de diálogo com os estudantes, professores e a população, em geral, sobre diversos temas. As *lives* ocorrem durante o ano todo. A metodologia que utilizaremos nesta, será a seguinte: a primeira rodada com exposição dos professores convidados, posteriormente, abriremos para mais uma rodada de perguntas dos ouvintes, que podem ser realizados pelo chat do YouTube e, será dada, novamente, a palavra aos convidados para as suas considerações finais. Passo agora a palavra o coordenador do projeto.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Eu sou Rozinaldo Ribeiro. Boa tarde! Vocês estão conseguindo ouvir bem? Esta é a nossa *live* do Projeto Mesa virtual e eu queria, de entrada, agradecer aos professores que nos colocaram nas suas agendas (que abriram o espaço nas suas agendas, hoje, que é feriado) para vir até o nosso projeto. Buscamos discutir temas de relevância e importância para nossa sociedade, para nossa universidade, aqui no Campus de Altamira.

Quero fazer um breve relato sobre o que é esse projeto esse projeto. Ele nasce de uma ideia que nós tínhamos – eu e alguns professores – antes mesmo da pandemia. Já realizávamos várias atividades como vídeos e a realização de palestras por meio das redes sociais.

Já havia uma intenção de que nossos Trabalhos de Conclusão de Curso – que hoje já são defendidos também pela internet – fossem

transmitidos e que as nossas aulas nós pudéssemos variar. Nós discutimos sobre isso antes da pandemia de Covid-19 e, agora, estamos no meio dela. E com a pandemia nós nos vimos diante da situação onde nós tivemos que, realmente, tornar realidade aquela vontade. É um pouco forçado, também pela situação, que nos deu a chance de nós, como parceiros, podermos colocar o nosso projeto para funcionar. Ou seja, que essa era uma ideia, mas nós resolvemos fazer este projeto de extensão da Universidade Federal do Pará e, o por meio da extensão, abrir este espaço para conversar sempre com as pessoas que estão distantes, para que nós possamos criar um ambiente onde nós conseguíssemos suprir um pouco da carência e da saudade que nós sentimos das pessoas.

Então, aqui as pessoas que são convidadas para o Mesa Virtual são pessoas queridas. São pessoas que muitas outras pessoas gostam também. Nós fazemos aqui uma espécie de união entre o que nós gostamos e o que as pessoas também gostam. Esse nosso projeto foi renovado por mais um ano. Hoje é o primeiro dia do segundo ano do nosso projeto, que já está aprovado. Eu agradeço aos que estão presentes aqui na sala.

Passamos a palavra agora à professora Priscila.

PROFESSORA PRISCILLA BELLARD

Boa tarde a todos os presentes nessa *live* e aos nossos participantes da Mesa, como Rozinaldo. Muito obrigada pelo convite. Marcelo, muito obrigada pela mediação; [Boa tarde] ao Professor Vitoriano Bill e à professora Verusa Almeida, que deverá estar participando daqui a pouquinho.

Eu achei superinteressante esse convite e o tema proposto porque, quando eu o recebi, me veio logo a preocupação: eu vou falar sobre o

quê? E aí, “por dentro do *lockdown*, em Altamira-PA: impressões”. A impressão que eu vou compartilhar com vocês é um pouco da minha vivência, o que eu estou conseguindo apurar nesse período que nós estamos vivendo aqui de novo, o *lockdown*. Nesse um ano e pouco de pandemia, eu trago o que meu olhar clínico vem percebendo; qual a minha impressão, como psicóloga, dentro desse processo e, claro, como professora também, porque que eu tenho dois papéis: psicóloga e professora.

Então, dentro desse processo todo, eu venho percebendo que esse confinamento todo que é a nossa medida maior, uma das medidas maiores de combate a essa pandemia, automaticamente, veio e vem adoecendo a população de modo paulatino, porque essa ruptura do que é rotina, vem desencadeando ao longo do tempo alguns processos de adoecimento emocional e aí, quando a gente fala disso, nós falamos do *lockdown*. Essa palavra que inicialmente nos era tão assustadora, e nós não entendíamos muito bem até ser traduzido, ser habituado na nossa rotina o que era *lockdown*.

Quando eu falo desse processo todo, eu tenho que incluir na minha lista todas as categorias que estão dentro desse processo pandêmico e pelas medidas que estão sendo colocadas a todos nós como medida de combater o avanço dessa pandemia, que é o que nós estamos enfrentando agora. Então, o que é viver trancado, viver em *lockdown*, para todas as categorias? Eu vou fazer uma análise desde lá das crianças que estão fora das escolas, eu vou falar dos jovens que estão sem esse contato próximo com seus pares; eu vou falar da população economicamente ativa; eu vou falar de todos aqueles que precisam trabalhar, que é preciso ganhar pão, e lutar. Eu vou falar da população idosa que está distante dos seus familiares, e o quanto isso tem impactado na saúde

emocional de todos que eu citei aqui. Porque quando a gente fala em emocionar, a gente fala como se fosse o oposto ao adoecimento emocional.

O que eu tenho percebido, a minha impressão, hoje, nesse debate é que nós temos uma população emocionalmente afetada, desencadeando quadros de adoecimento psicológico, que tem um preço dentro desse quadro. A gente vai falar de quadros depressivos, vai falar de quadros de ansiedade muito elevada. Vamos falar de um quadro elevado de estresse dentro desse contexto. Então, essas três categorias de adoecimento psicológico podem estar presentes tanto na criança, quanto nos jovens adolescentes, quanto nos adultos e quanto os idosos. Então, meu olhar, como psicóloga vai ao encontro de reconhecer que nós temos que combater sim a pandemia, mas as medidas que hoje nos são apresentadas, e o *lockdown* é uma delas, têm que vir acompanhadas de políticas públicas que possam favorecer a saúde emocional das pessoas.

Então, nós temos que pensar sobre isso também, sobre a categoria docente, aí está o Vitoriano Bill, que é representante dessa categoria. É bom que, agora, me colocando como professora, como nós estamos dentro desse processo todo estamos sobrecarregados, temos o acúmulo de funções. Nós mulheres, particularmente, que estamos dentro de casa desempenhando o papel de docente, de mãe e de esposa, não é? Então, nós estamos aqui acumulando uma série de papéis, e temos que lidar com isso e, ainda, temos que ter a saúde emocional para passar ilesa por todo esse processo, não é?

A minha impressão é, focando bem no tema dessa *live*, é que nós estamos combatendo a pandemia, mas ao mesmo tempo, nós estamos já começando em um processo que pode ser sim um processo de saúde

pública, já, também, que é o nosso adoecimento emocional que é proveniente de todo esses fatores de estresse que nós estamos passando. A pandemia é um fator de estresse, um fator que nós chamamos tecnicamente de “ansiogênico”. Ou seja, pandemia, a ansiedade, e esse afastamento, e todo esse processo, desencadeiam quadros emocionais muito significativos, e que nós, da saúde pública, enquanto profissionais da saúde mental, temos que estar atentos à grande quantidade de pessoas apresentando quadros dentro desse contexto que eu citei, aqui dentro da Universidade, por exemplo, eu estou à frente de um projeto que propicia o atendimento a nossa comunidade acadêmica.

Qual é a impressão da minha comunidade acadêmica, dentro desse processo que nós estamos encaminhando aqui? Eles estão revelando que as pessoas que estão passando pelos nossos atendimentos, pelos nossos acolhimentos, estão revelando isso! Então, eu estou trazendo já para vocês dados empíricos, eu estou trazendo já para vocês dados do meu olhar clínico, mas também já dados de pesquisa porque o nosso Projeto de Assistência Estudantil e Assessoramento Pedagógico (PASES), aproveitando aqui para falar um pouquinho dele que é um projeto que visa esse atendimento a nossa comunidade acadêmica, e também às pessoas que estão fora da Universidade.

Então, por ser um projeto de extensão também, então, nós estamos percebendo e nós estamos já conseguindo compactar isso essas impressões em dados que futuramente vão mostrar em termos numéricos isso que eu estou falando aqui. A grande quantidade de pessoas que estão adoecendo nesse processo de afastamento de isolamento, de pandemia de incerteza, porque nós temos a vacina, mas mesmo tendo a vacina, nós estamos vendo o número absurdo de óbitos aumentando.

As pessoas adoecendo e morrendo, mesmo já tendo a solução que é algo concreto e aí a gente vai buscar discussões de cunho político para justificar. Então, vira uma bola de neve. Vira uma bola de neve e nós estamos adoecendo junto nesse processo. Nós estamos adoecendo emocionalmente. Então, ao lidar com uma pandemia da COVID-19 nós também estamos adoecendo emocionalmente. Nós temos hoje uma elevada taxa de pessoas que buscam pelo atendimento psicológico apresentando esses sintomas: ansiedade, altos níveis de estresse, e altos níveis de depressão, fora a outra problemática que faz parte daqui, infelizmente, que tem sido corriqueiro na história da cidade de Altamira que é esse número elevado de jovens cometendo suicídio.

Então, nós temos que correr juntos, fora a pandemia, nós temos que pensar em políticas públicas preventivas que possam ajudar a população a se tornar emocionalmente mais saudável, e o que vai acontecer quando a pandemia vai passar? Ela vai passar, não é? Eu tenho por certo: ela vai passar! Mas o que é que vai ficar de saldo disso aí tudo? O que vai ficar aí para nós? Teremos que trabalhar, em termos de cuidados após o fenômeno da pandemia, nós vamos ter que cuidar das famílias das pessoas que faleceram, das famílias revoltadas, nós teremos que cuidar dessas pessoas, as pessoas vão ter que lidar com o luto, estão lidando com o luto com a perda, não é? Estão lidando com aquele sentimento de “nunca mais eu ver aquela pessoa do meu lado” isso é muito o que vem acontecendo e disso aí vem uma melancolia, vem uma depressão, pois a pessoa vai estar ali, fora do seu contexto habitual, e vai ter que se reinventar, e se ressignificar dentro desse processo.

A minha impressão, novamente e, infelizmente, é uma impressão negativa, se eu olhar por esse viés, se olhar pela minha visão clínica e, tendo como foco a saúde mental. A minha percepção, minha visão, é

extremamente negativa. Então, eu acho que esses espaços de debate, como é a proposta da Mesa – e eu, novamente, quero parabenizar essa proposta –, é um espaço de plantar, levando a todos nesse momento, o repensar dos seus próprios sentimentos as suas próprias vivências dentro do que que é vivenciar o *lockdown*, o que é vivenciar um distanciamento social? O que é vivenciar está fora do seu habitual? Um propósito, então, é um processo de resignificação. O que é isso? Como pensar, e como se colocar nesse momento é um processo de resignificação? Então, eu acho que a minha impressão, infelizmente eu tenho que falar isso para vocês, a minha impressão, neste termo, é uma impressão muito negativa ainda do que vem, do que vai ficar de saúde, o que vai ficar de saldo desse processo? Então, é o momento de nos colocarmos enquanto o Projeto, também pertencente, à Universidade, nos colocarmos aqui como esse suporte que por ventura possa vir oferecer esse espaço de acolhimento, esse suporte emocional.

MEDIADOR MARCELO NERES

A gente agradece à professora.

Só lembrando: o pessoal que está assistindo à *live* pode continuar enviando perguntas pelo *chat*. A gente passa a palavra agora ao representante do SINTEPP-Subsede Altamira, professor Vitoriano Bill. A palavra é sua agora.

PROFESSOR VITORIANO BILL

Primeiramente, boa tarde a todos e todas! Muito contente com o convite, muito obrigado, de coração! E hoje é um dia bem importante pra gente fazer esse debate, visto que as dores que gente tem passado

nos últimos dias parece que não tendem a cessar, infelizmente. As dores que a gente tem vivido parece que tendem a se agudizar ainda mais, justamente por isso. Essa fala da professora Priscilla acho que foi muito significativa, porque no meio de todo um caos desse, pra sobreviver, a gente – na pressão que vive – acaba sendo acometido por um outro processo de adoecimento. Esse adoecimento da alma, da mente, e é uma coisa que precisa se cuidada.

Para quem não me conhece, sou professor Vitoriano Bill. Eu sou professor da rede pública municipal de ensino de Altamira-PA. Atualmente, estou como um dos coordenadores do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará da subsede de Altamira (SINTEPP). E como o debate é justamente sobre essa questão das impressões, quero trazer alguns aspectos que eu considero importantes. Primeiro dizer que a população, de um modo geral, está tendo que fazer uma escolha cruel, que eu acho que é o ápice da perversidade humana, de ter que escolher entre ficar com fome ou escolher se contaminar com o vírus e isso é muito significativo para todos nós.

Eu estou colocando isso, porque talvez esse seja ponto que ficou mais explícito para o conjunto da sociedade, nesse último ano que se passou de pandemia, aqui, e o que fica muito explícito nesse debate do impacto da pandemia na vida das pessoas porque a gente não tá falando de algo distante, de algo subjetivo. A gente está falando sobre a sobrevivência real e concreta. Nessa semana teve um ato em Altamira e em outras partes do Brasil também teve, aonde teve aglomeração no meio do *lockdown*, que é o único meio para salvar vidas. A única maneira que se tem de concreto para salvar vidas nessa pandemia é o distanciamento social e a vacina, que ainda não tem para todo mundo.

Os empresários puxaram uma mobilização aonde a maioria, boa parte daquela população ali que estava naquele ato, era de trabalhadores. Eles participam ali porque o patrão está dizendo que eles têm que estar. Esses precisam ir. Quando eu digo que eles têm que escolher entre a fome e se contaminar com o vírus, eu tô até sendo bonzinho nesse termo porque não tem escolha: se o patrão chamou vai ter que ir. Se o patrão chamou, não vai ter que escolher e essa escolha tá acontecendo no campo da sobrevivência.

Essa escolha está acontecendo no campo da sobrevivência, mas se a gente for olhar para a educação, muitas vezes também acontece quase o mesmo!

Eu estou chamando de “escolha”, mas não existe escolha. Pô! Vamos observar hoje o processo educacional aqui em Altamira e em outras partes do Brasil. Mas vamos fazer esse recorte a nível Municipal. Nós vamos perceber o seguinte: o governo anterior custou iniciar o processo de aulas remotas e o governo atual, em vez de pegar a experiência do governo anterior, não o fez. Foi uma experiência bem-sucedida que eu acho que a gente não passa para o zero acho que não parte do nada. A gente tá aprendendo que tem que ser todo mundo junto e tem que ser um processo. Vai pegar as experiências bem-sucedidas, se teve, em questão educacional do ano passado aqui em Altamira, para funcionar a questão das aulas remotas, que é o que nós podemos fazer hoje. O governo municipal, atualmente quer debater como voltar às aulas presenciais. Ignora que estamos vivendo no pior período pandêmico, aqui em Altamira.

Nós fechamos o mês de março com 58 mortes! Então, é um mês de pandemia que mais teve mortes aqui na nossa cidade. E, se vocês observarem, então no ápice da pandemia no nosso município a Secretaria de

Educação ignora e quer debater como voltar as aulas presenciais. Por que elas querem voltar com as aulas presenciais? Porque não querem fazer investimento nas aulas remotas, não querem garantir o acesso dos estudantes nas aulas em remotas, é porque nem sequer uma xerox querem garantir para o aluno.

Tem experiências isoladas de uma escola aqui, outra acolá que garante através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) o acesso a uma apostila que o professor produz. De modo geral é isso de modo geral, professores e estudantes, não tem condição: Professor de trabalho e o aluno de aprendizagem. É isso que se tem de maneira geral. Porque a sala de aula dos estudantes e professores é o *WhatsApp*. Eu vi uma postagem de um professor essa semana passada e muito sensato, inclusive que ele faz avaliação de que a pior ferramenta para trabalhar no período pandêmico nas aulas é o *WhatsApp*. Nas, mesmo sendo, a pior ferramenta é o que todo mundo tem de acesso, é o que tem de acesso ao *WhatsApp*, virou a sala de aula dos estudantes, não se teve investimento e não há preocupação.

Na última entrevista coletiva que o Prefeito deu na Record Altamira, seu eu não estiver enganado, ele falou que a única secretaria que estava com recurso em caixa era da Educação e naquele momento tinha 13 milhões em caixa. Fechou o mês agora caiu mais quase 9 milhões dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). A folha de pagamento da prefeitura estourado hoje se não chegar maracutaia, eu espero que não tenha com pessoal, vai na faixa de 6 milhões. Ou seja, já deve ter chegado aos 15 milhões de recursos acumulados no caixa da Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Agora, para que esse recurso vai servir, se não tá dando qualidade de ensino para os nossos estudantes? E para quê esse recurso acumulado, se os professores não têm condição de trabalho decente? Para trabalhar os professores tiveram que trocar de computador, de celular. Foi isso que teve que acontecer. “É uma luz aqui, ó”. “Tem uma luz me iluminando aqui, ó” para ter um mínimo de iluminação decente! A gente não vai fazer um vídeo qualquer. A gente vai se preocupar com o material estético minimamente decente, não é? Mas no final, na outra ponta, se tu faz um vídeo de qualidade pra chegar nesse estudante, infelizmente não chega nos alunos.

Ano passado, em uma turma que eu tinha, de 25 alunos, eu consegui atingir cinco alunos. Esse ano a realidade não mudou. Por que que essa realidade não mudou? Porque não tá tendo uma preocupação por parte do poder público em fazer essa realidade de garantir o direito constitucional desse estudante a ter o direito aprendizagem.. Então prejudica as condições de trabalho dos professores. E aí, reforçando novamente a fala da professora Priscilla em relação à carga de trabalho, a nossa carga laboral nesse período de pandemia dobrou. Isso, para as mulheres é pior ainda, porque estão dentro de casa e ainda têm de preparar aula, cuidar de criança, porque a maioria tem filho.

Cuidar da família que, sabendo ou não, a sociedade patriarcal traz essa carga para cima das companheiras, não é? Eu, que sou homem, sei o privilégio que é ser homem na sociedade. A carga de trabalho ainda dobrou para mim. Imagina para uma mulher.

E se a gente for observar as condições de aprendizagem dos estudantes, simplesmente não tem! São os pais que estão se virando para garantir o mínimo de condições de aprendizagem.

E aí? Para ir caminhando para os “finalmentes” (você vai me dizer no tempo aí, porque muitas coisas que temos para falar), para ir caminhando, eu quero dizer o seguinte: pegando de maneira geral, as impressões que a gente tem visto, do que a gente tem percebido, e, por conta dos impactos da pandemia na educação, temos visto a violação dos direitos aprendizagem dos estudantes. Quando eu falo violação, alguém pode contradizer: não, ela está vivendo o período que é difícil e que, infelizmente, está todo mundo aprendendo.

Eu concordo, em parte, com esse argumento. Mas, se formos observar, a gente vai enxergar o seguinte: essa pandemia tá servindo simplesmente para aumentar o fosso da desigualdade educacional em nosso país, para aumentar as desigualdades sociais. A pandemia tem servido, apenas, como mais uma desculpa para que as igualdades aumentem, porque a política é a mesma, um projeto para condenar aqueles que precisam do serviço público a não tê-lo, condenar aqueles que precisam de uma educação pública de qualidade a não tê-la.

Então, não é falta de recurso. É o projeto que é esse! Que é de gerar o aumento dessa desigualdade, porque, se chamar o conjunto das pessoas interessadas em debater educação, por exemplo, eu tenho certeza que, coletivamente, a gente conseguiria arrumar uma saída para resolver a questão educacional aqui do município e em todo o Brasil. Estou falando na esfera municipal, mas que tá acontecendo no mundo inteiro! Mas se a gente for pegar as experiências bem-sucedidas em outras partes do mundo, em outras partes do país, a gente pode adequá-las às realidades e fazer com que as crianças tenham o direito à aprendizagem garantida.

Se você for observar, um monte de pais não matricula seus filhos novamente na escola por não acreditar na forma como tá acontecendo.

Já estão oferecendo vaga para uma creche municipal pública gratuita e dizendo “temos vagas”. Aonde já se viu uma creche Altamira fazer anúncio nas redes sociais que tem vaga? É que os pais não se sentem contemplados daquela forma como estão... aí vou dizer que não dá porque ele precisa de presencial de fato quem é que não quer voltar às atividades presenciais?

Agora, precisamos das atividades presenciais de maneira segura e nós só conhecemos uma maneira segura de voltar às atividades presenciais, [que é] com vacinação para todos. E aí não adianta aglomerar no centro da cidade, (os empresários) colocarem os trabalhadores para se aglomerar e colocar a vida em risco para pedir para o comércio abrir, para falar como a escola tem que funcionar. O que tem que forçar é o governo federal a investir em um programa de vacinação verdadeiro e garantir a imunização do nosso povo. E a saída é a luta pela imunização. E, no meio disso tudo, para que as pessoas não morram de fome, garantir auxílio emergencial digno. Garantir subsídios para os empresários para as empresas não fecharem. Ninguém aqui é a favor de *lockdown* para as empresas fecharem e gerar mais desemprego.

A gente é a favor do *lockdown* justamente para garantir distanciamento e salvar vidas. Hoje, eu estou aqui falando com vocês, mas perdi meu tio, pela manhã. Foi mais uma vítima desse vírus, infelizmente, e eu não quero que amanhã tenha mais alguém dizendo que tem um parente que perdeu a vida... E o distanciamento é a única maneira que nós temos para salvar vidas, além da vacina. Queremos vacina para todos, para voltar às aulas presenciais, [para] o comércio abrir e a economia funcionar de maneira plena.

Agora, se não tiver o *lockdown*, como tá hoje de maneira consistente, se não tiver vacinação e se não tiver auxílio emergencial para os

trabalhadores, subsídio para os empresários, vamos morrer de fome, vamos morrer pelo vírus, o desemprego aumenta e está todo mundo perdido, infelizmente. Acho que, para início de conversa, é isso. Estamos abertos ao debate.

MEDIADOR MARCELO NERES

É isso, vamos aqui abertos ao debate. Eu quero agradecer a contribuição do professor Vitoriano Bill. Passo a palavra para o professor Rozinaldo Ribeiro.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

O microfone tá desligado? Para vocês, então, boa tarde de novo. Aqui acontece comigo um pouco do que acontece com o Coronavírus. Eu também me transformo de coordenador do projeto em debatedor, porque quando a gente convida uma pessoa para ir até sua casa, não tem muita animação se a pessoa que convidou ficar calada só ouvindo os outros, não é?

Então, nós permitimos essa mutação aqui, às vezes. Concordo com os outros professores e, também, tenho as minhas impressões... Eu acho que eu vou quebrar um pouco o protocolo aqui, para dar os parabéns à filha do nosso mediador, que está completando aniversário, hoje. Ontem a minha filha Isabel também completou aniversário de 10 anos e hoje é a Alice que está completando cinco anos. Então, registradas aqui do Mesa Virtual como nossas amigas.

Bom, a impressão que eu tenho a dizer, não apenas desta semana de *lockdown* mas desde o ano passado, é que parece que está em curso em no Brasil, em Altamira, Pará, há um certo tempo já, uma certa

tentativa de alguém se sair de uma confusão jogando os outros contra si mesmos. Parece haver um (eu sei lá qual) um funcionário de uma empresa privada. Ele começa a brigar com funcionário público pela internet. O empresário da cidade também. Ele também começa a brigar com um outro empresário ou com funcionário público ou com o prefeito e, assim, vai se formando uma confusão que é de cima até embaixo no Brasil e que chega também a Altamira.

De repente de uns dias para cá, eu vi a hora alguém dizer que o culpado pelo que está acontecendo e que quem criou o Coronavírus foi um funcionário público. Eu só consigo ver nessa discussão toda é que há uma trama por trás de fazer com que as pessoas desviem a atenção de “mim”, eu que estou aqui, por exemplo, que não quero me envolver não quero ser visto como o responsável por algum problema, é que de repente crio uma contenda perguntando e colocando as pessoas em discussão.

Aqui, em Altamira, está assim, e parece que, no meio dessa discussão, toda a intenção é fazer com que nós pensemos que “o Brasil é um país muito pobre. O Brasil, não tem riquezas para nada”, está entendendo? “O Brasil não tem condições de fornecer alimentos para um trabalhador para ele ficar em casa uma semana. Não tem condição de uma de uma empresária fechar seu comércio por um dia por uma semana”. Parece que nós, os trabalhadores todos, nunca fizemos nada, nós nunca contribuimos com impostos, nunca pagamos energia elétrica, nós nunca compramos sabão em barra, sabão em pó, não estamos comprando as roupas, televisores, motos, a gasolina. Então, parece que nós estamos vivendo, assim, numa situação que eu vi um rapaz amigo meu – e que eu não vou citar o nome dele aqui –, me dizer isso também que eu estou vendo, falar lá pelo *Facebook*: “ou emprego ou a vida”.

Estão entendendo? Aí, eu estava lembrando ele daquela situação, que nós assistimos naqueles documentários sobre a vida selvagem, onde existe um lago e aí um crocodilo faminto se esconde naquele lago e os bichinhos tem que beber aquela água lá. Eles ficam com sede e o crocodilo fica esperando quando o animal vai lá beber água e, quando o bichinho começa a beber a água, o crocodilo come eles. E os outros bichinhos ficam olhando e pensando “cara, como é que nós vamos fazer para conseguir tomar água? Não tem aqui perto. Só tem do outro lado e lá também tem crocodilo. Se a gente não morrer de sede antes de chegar lá, então, nós temos que encarar essa realidade e ir lá! E o crocodilo come o outro bichinho”. Entendeu? E nós estamos numa situação dessa. Parece que não existe e parece que nós não temos Estado. A situação que estou dizendo para você – a situação do “Estado de Natureza” –, [é que] vamos parecendo que não temos ninguém no Estado nem Constituição. Que não temos um presidente da república, nem um Congresso Nacional, porque para se colocar um prato de comida para o trabalhador é uma novela!

Olha aquele auxílio que acabou e ainda estamos esperando o outro. Ainda não sabe se vai ter e que dia você vai receber realmente. Então, todas as vezes que eu vejo a internet é esse problema. Por exemplo a empresária: de repente, os guardas chegaram para revistar ela no seu comércio e ela parece que nunca contribuiu também, porque ela tem que tem que abrir as portas dentro de um período de *lockdown*. Parece que ela vendeu todas as coisas e o dinheiro que é uma parte do que ela pagou de impostos ninguém dá notícia.. Ela é obrigada a abrir a loja. Ao mesmo tempo, eu tenho que dizer que os outros que estavam lá, que são os policiais, também parecem que nunca compraram nada e nunca

pagaram nada em impostos, porque também tem que sair da sua casa para ir à rua correr risco.

Ou seja, é um cerco que nós estamos, que está sendo armado para pegar empresários e para pegar o povo. Vai todo mundo para mesma situação e o resultado desse encontro, dessa confusão, é uma situação onde eu, se sou empresário, já não gosto do policial e, se eu sou policial, já não gosto e estar saindo para a rua atrás de emprego que dá trabalho. Se eu sou um cidadão, já não estou gostando de ninguém que fica na rua.

Parece que nós não temos nenhum recurso para ninguém e parece que nós vamos ter que nos virar sozinho.

Contei isso para criar essa distinção. Por um lado, acho que já foi um passo bom. Eu me lembro que, em março do ano passado quando nós estávamos ensaiando para a nossa primeira *live*, tínhamos 17 casos de Covid-19, em Altamira. Eu me lembro que a justiça deu uma decisão para um *lockdown* e a prefeitura recorreu para não fechar o comércio.

Então, já é um certo avanço nesse sentido de abrir o diálogo com a comunidade e, agora, eu acho que depois desse número de mortos é preciso nós entendermos se essas pessoas que participaram dessa manifestação no período de *lockdown*, contra o *lockdown*. Eu acho que o prefeito tem que fechar esta cidade. Ele não pode se iludir diante de uma situação dessa e não fechar essa cidade. O prefeito de Altamira é filho de Altamira. Tenho certeza que ele já viu, no meio dos mortos por covid-19... eu duvido que ele não conheça, de cada 100 pessoas mortas, pelo menos 40 pessoas que sejam conhecidos dele. Agora, é preciso que ele faça isso, porque é claro que ele teve ajuda dos empresários, teve votos dos professores teve votos de muitas pessoas. Mas ele precisa fazer isso porque ele mesmo que tem os amigos daqueles que estão defendendo o não fechamento. Todo mundo sabe que, uma coisa é quando é o seu

amigo, quando está tudo bem. Outra coisa é quando, amanhã, eu ficar sabendo que um filho meu está morrendo no hospital e vai ser enterrado sem que eu possa me despedir. Que a minha esposa, que pode estar grávida, vem a falecer e eu encontro um advogado, em qualquer lugar, e pergunto a ele sobre a situação... E ele me dizer: “as pessoas estão morrendo, mas eu quero dizer para você que tem gente que sabia disso”, “a prefeitura sabe desde o ano passado – se procurarmos arquivos, vamos encontrar documentos. Altamira não precisava cegar a esse ponto” e o prefeito atual, não é o anterior, mas eu acho que esse início de conversa já é alguma coisa.

Então, é bom abrir essa conversa para a comunidade. Se temos uma história da pintura de uma casa, imagine: qualquer um de nós, qualquer pessoa que tem um marido ou uma esposa, vocês dois combinam que vão pintar uma casa e acertam tudo numa sexta-feira; vocês combinam que, na segunda-feira, vocês irão pintar a casa de tinta cor branca, mas na segunda-feira, um dos dois sai e vai comprar a tinta e essa pessoa passa na casa dos outros fazendo movimentação e falando que essa casa jamais será pintada de branco.

Por isso, então, é preciso definir porque senão você cria uma bagunça e é evidente que nessas respostas algumas coisas vão aparecer depois. Logo, precisamos saber se as pessoas que estão se manifestando são as mesmas que foram para a reunião. Se for, não terão condição de se fazer um acordo num dia e no outro dia as pessoas estarem na rua, se manifestando. Quero acreditar que as pessoas que estão fazendo manifestação não são as que estavam na quarta, na quinta e na sexta conversando com alguns movimentos sociais. Senão, aí é que eu não entendi.

Em Altamira, e também no Brasil, você tem que salvar suas coisas. Eu quero só minhas coisas. Era só minhas coisas, porque eu tenho que deixar coisas. Tenho que deixar dinheiro para os filhos. Tem que fazer isso, mas é bom nós pensarmos o seguinte: é bom que antes de se desesperar para deixar coisas para nossos filhos, nós pensemos se, de repente, da rua nós trazemos um vírus para dentro de casa e matamos o nosso filho?

Que nós queiramos deixar as coisas... “eu vou para rua”, “vou fazer isso, aquilo, porque eu tenho que deixar a minha empresa, minha universidade, as coisas arrumadas”. Mas se os seus filhos morrerem primeiro, antes de vocês? E, se você não conseguir ficar bem o suficiente para dirigir as coisas, para poder a garantir isso que você está fazendo. Eu estou falando isso, partindo do princípio pessoal de que as pessoas que não estão indo para rua também estão com a vontade de sair e ir à esquina. “É porque os militares têm que vir para o governo”, “os militares têm que tem que assumir o governo do Brasil”. Desculpa pessoal, mas quem está falando isso, está muito por fora porque os militares já estão no governo. Eles já estão até saindo de uma coisa dessa. Não aguentam mais tantos mortos. Eles já estão dizendo: “Eu vou sair daqui. Eu vou acabar preso ou *sabe lá o quê* vai resultado desse problema aqui na da minha vida”.

Um deles entrou para ser ministro da saúde com 70 mil mortos e saiu por covid-19 e, quando saiu já estávamos com mais de 250 mil mortos. O próprio presidente é capitão da reserva. O vice-presidente, general na reserva. Nessas questões, eu não acredito que o mundo hoje está preocupado com o Brasil. Se nós vamos aglomerar, correremos muito risco, porque o negócio aqui no Brasil está para além do normal.

Estava vendo uma notícia de que, em São Paulo, os cemitérios já estão funcionando 24 horas ininterruptas para enterros pela madrugada. E sabe mais o que fazem com tantos corpos. As filas de pessoas esperando e o número de casos no Brasil está sempre em 79 mil. Por isso, então, temos a certeza de que a teremos, pelo menos, 1.500 mortes, pegando o percentual do dia, e daí para frente até chegar esse ponto de 3.000 ou 4.000.

Eu acredito, e eu vou dizer para vocês, que a preocupação do mundo com o Brasil não é mais essa de “se vai morrer o parente do Rozinaldo”. Com os meus pêsames a todos vocês, não existe essa preocupação do mundo. Já está claro que aqui vai morrer gente de todo jeito e que vai começar a gente até apodrecer no meio das ruas próximas aos cemitérios, aguardando na fila dos enterros, porque a própria indústria de caixões está dizendo que não tem condições mais fornecer tantos caixões.

E nos crematórios no Brasil é preciso formar filas de corpos e deixar para “amanhã” e colocar para congelamento os cadáveres, em São Paulo. Então, qual é o medo que a população do mundo pode estar tendo da gente? Agora, na minha humilde impressão de um professor do Campus, o grande medo que eles têm da gente é porque este vírus está se alimentando muito. Ele está se alimentando muito todos os dias. Ele tem acesso a todos os tipos de sangue de brasileiros: brancos, negros, altos baixos, mulheres grávidas, adultos e idosos, LGBTQi+. Além de todos os acessos de possível alimentação.

Eu notei, por exemplo, três variantes deste vírus. Ele apresentou três variantes, ou seja, ele está numa tentativa de se transformar. Ontem, em São Paulo, surgiu mais uma variante, que estão estudando para ver o que é. Eu acredito que eles estão na fase da seguinte preocupação

conosco aqui: nesse mesmo ritmo que estamos, chegará o momento em que uma pessoa vai adoecer ou morrer de covid-19 e se, vai examinar amostra de sangue e essa pessoa pode ter morrido de coronavírus e mutação, desse de um novo vírus. E aí essa a preocupação que eu acho que eles têm estão tendo e vão dizer o seguinte, então: “No Brasil, a lambança – fechando hoje e abrindo amanhã –, se deu de modo tão avacalhado que o vírus lá se transformou e eles estragaram a vacinação dos outros países” e todos terão que vacinar suas populações novamente.

O que é que vai ser da gente? E o que é que esse pessoal vai defender para gente? Vocês acham que eles vão dizer assim: “Ok! Nós gostamos tanto dos brasileiros, porque que eles criaram uma variante que se tornou mortal! Novamente, estragaram todas as nossas vacinações”. E, nós somos essa coisa. O que é que vai ser feito com a gente? E vou dizer para vocês: uma coisa que eu já notei e que nós temos que ficar bem espertos. Hoje, pela manhã, a Fiocruz noticiou de que há algum problema na chegada de insumos e de vacinas no Brasil.

Qual é um dos problemas? Ora, os pilotos, a tripulação, das empresas de aviação, estão se negando a viajar para o Brasil? É isso aí que estão dizendo? “Mas eu vou entregar a vacina lá no Brasil?”; “Mas porque eu tenho que ir entregar lá?” O que pode estar acontecendo, nesse processo de mutação do vírus, nós vamos ficar isolados como “os imundos do planeta”. Se um brasileiro for passando por lá, feche a porta! Não querem se envolver, não querem tomar providências. Estou com medo que, no dia que eu for me vacinar, a enfermeira me diga desse jeito: “só não sei o que tá fazendo aqui. A vacina já não serve mais”.

Muitos brasileiros que estão com outros problemas de saúde, até aguardado cirurgia, não podem até consultar. E no meio disso tudo,

algumas pessoas dizem que não estão com medo e andam tranquilas pelas ruas, às vezes as pessoas que dizem que não estão com medo pode ser, por exemplo, professora, que sofram de um dano cerebral que as pessoas estão com tanto medo já nem se desesperam, então elas já não estão mais com medo, já está em grave que fazem dizem: “olha, eu não tenho medo de nada”.

Não tenho medo de nada”; Mas o medo é tão grande que a pessoa pirou e perdeu a noção do perigo, já não tem mais não tem mais medo de nada. Como é que uma pessoa pode dizer que não tem medo de: ela sentiu tanto medo que ela está fechando os olhos e fazendo como se fosse crianças dizendo assim: “vai embora, vai embora, desaparece, desaparece, vai embora, desaparece”.

Quando vocês encontrarem um valentão desses, apenas digam sim. Ele já passou foi do limite de tanto medo, que já está ó (girando o dedo indicador direito em volta da orelha direita). Esta cidade vai ter que fechar por sete dias. Eu não sei se vai ter uma variação essa semana. Eu vou ficar na torcida, mas acho que tem algo muito complicado. Como é difícil pensar que uma cidade que passa em todo o mundo, que fica no meio da Transamazônica, vai se curar de Covid-19 sozinha. Só de Belém já vem ônibus, o barco, e é isso que eu queria falar para vocês. Nós vamos ter que apelar e acabar com essa confusão no meio da gente. Estou até bloqueando no meu *Facebook*: mandou confusão, [dizendo] que eu não trabalho, mandou a confusão de que não sei o quê, de “não quero me vacinar”, eu estou bloqueando.

Meu interesse é colocar comida na mesa das pessoas que estão em casa, que estão perdendo emprego. Ainda bem que a minha casa não fica na direção do quartel, para nenhum negacionista passar aqui quando for fazer confusão. Olha, podem ficar tranquilos! Também não vou jogar

pedra em ninguém. A nossa confusão aqui, eu queria registrar, é uma questão da luta pela vacina e pelo auxílio, para as pessoas poderem se alimentar em casa enquanto este desgosto desaparece. Obrigado.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, professor Rozinaldo, nosso coordenador do Mesa Virtual! Infelizmente, a professora Verusa não conseguiu retornar com a internet dela. Então, a gente vai encerrar esse primeiro momento.

Agora, vamos entrar na parte das perguntas. Então, ao pessoal que tá ouvindo a gente: podem continuar enviando as perguntas que vamos repassar aqui para os convidados. Aos alunos que necessitarem certificado ou qualquer outra pessoa que quiser o certificado, favor se inscrever lá no canal e tem o link para solicitar o certificado, que sai em, aproximadamente, 15 dias. Aí, o certificado vai chegar bonitinho lá no teu e-mail. Então lembre de colocar o e-mail bem certinho lá para o envio do certificado.

A primeira pergunta que vou colocar aqui na tela está direcionada à professora Priscila. O Marcelo Salazar e pergunta professora Priscila “o que recomendaria para conter a pandemia neste momento? Estamos em curva exponencial de crescimento de mortes e doenças graves. Quais as medidas mais adequadas?”

PROFESSORA PRISCILLA BELLARD

Obrigada pela pergunta, Marcelo Salazar! Eu vou tentar responder pelo viés aqui do comentário do Rozinaldo. O comentário de Rozinaldo me trouxe muito à lembrança um processo que eu vi logo que a pandemia deflagrou e eu vi no comportamento das pessoas, que foi esse

negacionismo, esse processo de negar a existência de algo, negar a existência do que poderia existir, negar a existência de um vírus que é letal.

Essa negação, pegando assim os princípios psicanalíticos, é um processo que nós psicólogos entendemos como sendo um processo inconsciente, um processo que você se comporta de tal maneira por não aceitar a nível consciente que tá acontecendo. Então, eu vi muito isso no comportamento das pessoas. O comportamento das pessoas de não aceitarem o uso da máscara. O comportamento das pessoas de não aceitarem ficar em isolamento. Eu vejo muito esse mecanismo psicológico de enfrentamento em função dessa questão que hoje a ciência, Marcelo, já apresenta os mecanismos que, no meu entendimento, são os mecanismos necessários e corretos para conter o avanço da pandemia, que é o distanciamento, o uso de máscara, o uso do álcool em gel e, quando a vacina chegar para todo mundo, a vacina... Isso! Tem gente hoje que está ainda no processo tão grande de negação, Marcelo, que não está querendo se vacinar. Eu conheço várias pessoas que, mesmo tendo direito de tomar a vacina, já se negaram a tomar vacina.

Então, nós estamos ainda além de conter um vírus que está nos matando pela sua letalidade. Nós ainda enfrentamos os processos que são peculiares a cada um. E que, no meu entendimento, deveria haver um maior engajamento das políticas públicas de educação de esclarecimento. Mais do que um ano, gente! Já dá para as pessoas saberem o que deve o que não deve fazer; como se comportar para conter o vírus; mas não é falta de esclarecimento. Isso vai muito do âmbito pessoal de cada um. “Eu sei que não posso aglomerar, mas eu vou aglomerar”, “eu sei que eu tenho que usar a máscara, mas eu não vou usar máscara”.

Eu acho que falo também a nível individual, não é? Encontrar o eu é o compromisso de cada um no enfrentamento desse processo. Mas é

claro que se as políticas públicas estão mais esclarecedoras, porque elas já são, tem de potencializar mais essa questão. Eu acho que nós devemos partir para um processo de conscientização da população, Marcelo, porque eu acho que as pessoas já têm informação do que fazer, mas esses mecanismos – pelo menos, eu consigo ver dessa forma – estão dominantes nesse grupo populacional que se nega a aceitar essas medidas de enfrentamento e o que a ciência já mostrou.

Quais são as medidas? Infectologistas a todo momento falam quais são as medidas. Eu não sou infectologista, então, eu vou analisar pelo viés daquilo que eu entendo um pouco. Então, eu acho que nesse processo de enfrentamento, de conter que as pessoas morram, eu acho que deve partir para um maior engajamento, nesse sentido de políticas que possam ter mais conscientizadores, educacionais, para o comportamento das pessoas. Pelo menos é o que eu penso sobre isso.

MEDIADOR MARCELO NERES

Ok!

Obrigado, professora Priscilla. Mais uma pergunta aqui. Pessoal, pode continuar enviando as perguntas que a gente passa, por participante. Temos aqui a do João Kléber, que pergunta aqui se as medidas de *lockdown* são a única forma de controle da pandemia?

PROFESSORA PRISCILLA BELLARD

Tá bom! Então, posso contar aqui uma hora e pouquinho discutindo assuntos muito importantes que suscitaram muitas reflexões. Eu estou acompanhando aqui meus alunos da turma de Pedagogia, colegas de trabalho, pessoas que eu não conheço, mas tenho certeza que estão aqui

porque se interessaram pelo debate. E, mais uma vez, eu levanto aqui essa reflexão de que nós estamos, sim, passando por uma pandemia. Que medidas têm que ser tomadas? Mas também temos que nos lembrar que as pessoas é que precisam de cuidados, além de cuidar dos contágios com vírus.

Mas nós precisamos cuidar da nossa saúde emocional. Esses dias, eu atendi uma pessoa pelo nosso projeto lá da Universidade Federal do Pará, e ela me trouxe uma fala que eu fiquei muito tocada, por ser uma pessoa jovem. Ela disse assim: “Professora, eu tô sem esperança. A palavra que me traduz é desesperança”. Uma jovem recém-ingressa na universidade, que com toda a expectativa de começar a frequentar, finalmente, uma universidade, viu esse sonho ser interrompido e, agora. Ou seja, está tendo ensino remoto. Não está tendo a oportunidade, nesse início de vida acadêmica, de ter esse contato mais próximo, que é tão salutar para nossa saúde emocional e para o engajamento da pessoa dentro da universidade, para vida universitária e, assim, como em outras situações, os colegas trouxeram fatores. É um dos temas que merecem ser debatidos com muita profundidade, mesmo que, ao mesmo tempo, nos levanta aspectos que mais uma vez eu chamo atenção são fatores tão importantes.

E, como Rozinaldo falou, parece que há um complô. A palavra correta. Essa questão que está envolta a esse contexto, toda essa política acabou numa questão de saúde pública. Virou política e está todo mundo nesse barco. E nós não estamos conseguindo visualizar uma saída segura a não ser essa questão de tentativa e erro, que nós estamos vivendo. Isso e todos os fatores de risco para nossa saúde emocional.

Eu estou tendo a oportunidade de ver alunos meus, que estavam disciplinas anteriores, não se matricularem nessas novas disciplinas

que estão iniciando agora, porque adoeceram de covid-19 e estão se recuperando das consequências da covid-19. Ou, então, adoeceram emocionalmente e estão sem condições de enfrentar mais um semestre por esse processo virtual que nós estamos atravessando.

E são muitos elementos, muitos fatores que estão aí e eu trago como essa minha impressão, então, negativa de tudo isso que está acontecendo. E aí eu chamo a atenção, novamente, para quem quiser, percebendo que está se sentindo emocionalmente diferente; que não espere isso se agravar. Procure logo um atendimento profissional, aconselhamento profissional. Vá em busca, se você tiver alguém do seu lado que está diferente no comportamento, ou que está tomando atitudes diferentes. Isso já pode ser reflexo, gente, de todo esse processo de adoecimento emocional. Então, ajude essa pessoa. Leva essa pessoa em busca de um cuidado. Isso tudo é importante para que, quando essa pandemia passar, como eu falei no início da sala, a pandemia vai passar e o que é que vai ficar de saldo disso tudo? E o que é que nós vamos fazer se, se Deus quiser, sobrevivermos à pandemia?

Mas nós teremos um saldo para dar conta, porque uma das possíveis consequências da pandemia será essa desestruturação emocional, além da desestruturação econômica, além da desestruturação de vários âmbitos. É uma pirâmide sistêmica. Isso tudo vai virando uma bola de neve. Nós temos que cuidar disso, além de cuidar da pandemia, nós temos que pensar para além da pandemia.

MEDIADOR MACELO NERES

Obrigado, Vitoriano. Passo ao professor Rozinaldo. Agora, não foi bem uma pergunta, mas um comentário da Paloma Menezes. O

professor poderia comentar em cima desse comentário dela? Ela fala aqui que “o pior é que tinha muitos estão perdendo os empregos e, também, estão sem ter o que comer”. Poderia fazer uma rápida argumentação nos comentários da nossa ouvinte?

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Olha só! Esse é o questionamento da Paloma Paloma é o questionamento que nós vivemos no dia a dia, não é? É aquela questão de que nós estamos cercados nessa discussão entendeu? Nós estamos nessa discussão de agora, Paloma, desde que começou a pandemia no Brasil. Sabe que nós não conseguimos avançar? É por isso que, às vezes, eu desconfio é de que há uma trama para que nós fiquemos nessa confusão. Vai chegar a um ponto em que nós terminamos a pandemia, todo o mundo se vacina, e nós estamos aqui ainda discutindo isso. A Paloma não está errada... é a questão que aparece. Olha, as pessoas ainda estão perdendo seus empregos e você tem que comer. Então, agora, qual é a questão que nós queremos levantar?

Esse questionamento precisa ser substituído não pela exclusão dele. Nós vamos dizer que [ela esteja] perguntando porque é uma coisa que nunca foi resolvida. É como um cálculo de Matemática. O professor Vitoriano sabe que, quando nós vamos fazer uma prova de Matemática, existem aquelas questões que são mais difíceis mas precisamos resolver, e elas ficam voltando. E, se você não consegue resolver, você fica de recuperação. Parece que nós estamos de recuperação. Todo mês nós vamos voltar a essas questões de novo. Ela foi criada – essa discussão – para nós ficarmos nela e é preciso superar porque, se não, vamos voltar de novo daqui a um mês.

Os empresários vão ter quer ficar querendo abrir a loja e não tem nada para o trabalhador. E os trabalhadores vão querer sair para rua para procurar as coisas. Quantos anos nós vamos ficar nessa questão, não é, Paloma? Te pergunto, quando é que nós vamos sair dessa questão? Eu acho que nós temos que sair, avançar nessa questão. Eu não tenho, por exemplo, o menor interesse em ficar nele sempre.

Mas estamos aqui no dia dois de abril de 2021. Quando estivermos no mês de julho, nós realizaremos uma outra *live* aqui. Aí, eu chamo novamente a professora Priscilla, o Marcelo e o Vitoriano e a Paloma, nossa convidada. Ela vai dizer “olha, o pior é que muitos estão perdendo o emprego”. E, então, fica essa reflexão... Parece que nós somos aquelas crianças que fingem que não conseguem resolver um problema. Saber que ninguém nos ajudará, que nós estamos sozinhos no mundo...

Parece aquela história que contam pra gente: nossa bandeira tem o verde, que significa riqueza, a riqueza das nossas matas; o amarelo, do nosso ouro. Que mentira é essa, então? Que história é essa que você tá falando? Olha! Vivemos em um país rico? Então, nós temos que colocar esse nosso país que tem riqueza... é preciso ir buscar essa riqueza, porque na eleição da presidência da câmara do Senado o negócio correu foi solto. Parece que nós estamos assim: algumas pessoas, que também são muito muito apegadas ao governo federal, principalmente aqui em Altamira, não tem coragem de chegar para ele (o presidente Jair Bolsonaro) e dizer “sim, meu amigo. Tá certo! Tá bom! Mas, e aí? Vai mandar alguma coisa para gente aqui? Para o empresário aqui? Porque a polícia tá aqui na porta. Como é que tá, meu amigo?

O trabalhador, que também votou no presidente Jair Bolsonaro, tem que passar lá no *Twitter* dele, lá no *Facebook* dele, para ele mandar um dinheirinho aqui para o você: “vai mandar alguma coisa para mim

aqui? Porque, aqui, o patrão está me chamando para o meio da rua e a gente tá morrendo e eu não sei se eu vou; não sei se fico”. Então, é uma confusão que nós temos. O estado tem que ser apresentado, ou nós vamos ficar igual aquela história do jacaré/crocodilo na água:

“ – mas não tem água aqui perto. A água que tem está longe.

–Aí, terá que beber aqui mesmo.

– Vou beber aqui mesmo”

... e o bicho me pega, pega um parente meu. Vamos ficar nessa?

Já encerrando essa questão, agora, eu gostaria de externar nossa admiração pelas pessoas que estão em uma busca de solução, porque se não vai se tornando algo que, quando nós menos observarmos, vamos começar a ficar doidos também: “Olha, é meio-dia no Brasil. Não está morrendo ninguém. É mentira! Ninguém está passando fome no Brasil. É mentira! Não tem empresário quebrando, não tem nada de errado. Você tem que ir para rua, porque você não vai morrer. Você pode ir que eu garanto”. E quando nós vemos que as pessoas estão morrendo, ficamos sem graça.

As pessoas que defendiam essas coisas todas estão mais à frente. Inclusive, quem está fazendo o processo para garantir que o cidadão não se vacine. Então, nós vamos fazer o quê, agora? Sim, as pessoas que estão aqui mas diziam que “não pega o vírus. Isso não pega. Isso não pega. Isso não mata”. Todas elas estão só morrendo.

Eu agradeço muito por poder falar. É uma questão que vamos ter que superar e avançar.

PROFESSOR VITORIANO BILL

Considero que essa pergunta é muito pertinente, porque justamente, o que suscita debate e acalora as emoções é essa palavra *lockdown*. Eu estava vendo agora pouco aqui, enquanto o professor Rozinaldo estava falando, exatamente há um ano, um dos setores lá do exército publicou algumas medidas de enfrentamento ao coronavírus, Isso, o exército. Essa medida era o confinamento, que logo depois se convencionou a chamar *lockdown*. Nós estrangeiramos, americanizamos, o termo e se convencionou chamar *lockdown*. Mas, o próprio Exército, no início, apontou várias medidas e uma dessas medidas era o confinamento. Por que eu estou usando o exército como parâmetro aqui? Porque quem politizou a doença, quem politizou o vírus, é apaixonado pelo Exército. Tem esse fetiche de que o exército é a resposta para todos os males.

Alguns dias depois que o presidente da República se posicionou contra as medidas do chamado *lockdown*, do confinamento, o exército foi lá e retirou do seu site as mesmas propostas. Retirou cinco dias depois. Isso faz um ano. Isso é um ponto importante. E até hoje nesse debate, o grande debate de como enfrentar, no alto contágio do coronavírus, quando chega no *lockdown* vira um *fla-flu*, vira torcida de futebol. Só não se pensa em salvar vidas.

Acho que eu estou numa tranquilidade de dizer que, do lado de cá, nós estamos muito preocupados em salvar as vidas. A gente não vai cair nessa nesse falso debate entre salvar CPF, CNPJ. Isso aí é coisa de idiotas, cúmplices de genocida. Não tenho nenhuma crise em falar esse termo. Então, é isso. Por que *lockdown* é muito importante? Se a gente for

observar Altamira hoje que está em *lockdown*, tem muita gente na rua ainda, a cidade ainda está se movimentando...

O *lockdown* é uma medida extrema. Acho que vale ressaltar, porque ninguém aplica um remédio amargo porque acha bonito. Se aplica um remédio amargo, é por necessidade. Então, o *lockdown* é uma medida extrema, João Kleber. É uma medida extrema e vai ser aplicado em último caso, que é o que nós estamos vivendo aqui em Altamira agora. Fechamos um mês de março com 58 mortes. É a situação do nosso gráfico de mortes, aqui em Altamira, durante o último período. A gente vai ver que no outro mês que a gente teve esse número de mortes foi em junho de 2020, em que chegamos a 49.

Daí, até novembro, a gente só foi caindo, 35 e 18 em agosto, 11 em Setembro, 5 em outubro, 13 novembro, 5 em dezembro. Aí voltou a subir, justamente, por conta das aglomerações de dezembro, em janeiro tivemos 16, em fevereiro 16 esses são números do grupo de monitoramento para isso, e essa informação vem do grupo de monitoramento epidemiológico na região, composto pela UFPA – pessoal da Medicina – que faz esse acompanhamento.

Então, isso é importante porque nós estamos no pior momento. Fechamos com 58. Estão fechando o comércio não-essencial. Só que não é fechar por fechar. O que nós defendemos como *lockdown*, eu quero reforçar aqui, não é o que está sendo aplicado aqui em Altamira, que inclusive eu quero abrir um enorme parêntese nesse debate. O prefeito de Altamira, Claudomiro Gomes, tem sido muito covarde, porque você pode observar qualquer publicação da prefeitura e não tem nada sobre o *lockdown*. Ele se exime da responsabilidade de prefeito ele joga a responsabilidade para o comitê. Só que aí piora mais um pouco, joga apenas para o comitê.

Esse comitê tem movimento social. Então, não foi a prefeitura. Mas aí, depois, não é o comitê. É a ala comunista desse comitê. É, porque, parece a politização da politização da politização, ou seja, o absurdo do absurdo, é o crime do crime. O prefeito tem que tomar as rédeas da administração disso. Nós precisamos de um “camisa 10” a nível nacional e, aqui, nível Municipal, de um “camisa 10” cujo time esteja perdendo, entre campo bata no peito e diga, manda a bola aqui eu vou resolver.

O prefeito tem sido covarde, com medo. Como ele foi eleito por alianças com gregos e troianos, não quer agora apanhar de ninguém. E está apanhando de todo mundo. Então, ele tem que entender que não resolve ficar no muro. Ou resolve salvar vidas ou vai continuar apanhando de todo mundo. Tem de ser democrático e importante, não é? Tem que ouvir os diversos segmentos da sociedade para ver que decisão tomar. Mas o cara tem que bater no peito assim e dizer “sou o prefeito dessa cidade. É *lockdown*”

Eu quero falar o seguinte: o *lockdown* que nós defendemos não é da forma como estamos vendo aqui. Aquela empresária que a gente viu numa crise emocional, gritando que paga imposto, ela tem o seu “Q” de razão. Ela tem dívidas para pagar. Os empresários têm dívidas para pagar. As duplicatas, imensas dívidas no final de mês. E fechar empresa ali gera consequências. Por isso que nós defendemos, sim, que aonde há um número de ocupação de leitos superior a 85%, nós defendemos, sim, o *lockdown*. Então o *lockdown* é um remédio amargo para quando não tem mais leitos, infelizmente. E a gente não pode ficar vendo as pessoas morrerem sem ter um leito para atender... Então, quando o sistema está prestes a colapsar, infelizmente, o remédio é esse. O *lockdown* é quando o Sistema Único de Saúde, o SUS, está prestes a colapsar. O remédio amargo é o *lockdown*. Então, o que nós temos defendido e o que os

cientistas têm dito, de um período de *lockdown* de 21 dias é que ele consegue conter a situação, Vide a experiência de Araraquara: lá, no início, estavam com 500 casos por dia. Depois, 15 dias de *lockdown* e diminuiu pra quase 250. Então, chegou a 85% dos leitos ocupados. É importante o *lockdown*.

Agora, estamos falando de serviços não-essenciais. Aquilo que é essencial, para a cidade, para as pessoas continuarem a viver. Agora não podemos rebaixar o debate, porque no final das contas as pessoas politizam tanto que vão rebaixando. “Todo serviço é essencial”. Claro, gente. O que a gente tá falando de essencial são as farmácias funcionarem, os supermercados, para salvar vidas.

Não podemos esculachar com o debate. Serve para salvar vidas. Então, temos que qualificar o debate... Agora, quando a gente fala que tem que fazer o *lockdown*, a gente tá dizendo o seguinte: tem que ter oferta de crédito para subsidiar os micros e pequenos empresários. Os grandes, é aquilo que o Rozinaldo falou, os grandes têm condições de usar a gordura que tem em caixa. Já os pequenos e médios, estes precisam ser socorridos nesse momento. E aí, para que haja de fato esse socorro aos pequenos e micros empreendedores, é importante que aquilo que foi aprovado lá atrás, que é o “teto dos gastos”, seja suspenso, que as metas fiscais primárias, a maldita “regra de ouro”, seja suspensa.

Então, o *lockdown* que a gente tá defendendo, Marcelo, é o *lockdown* para salvar vidas e salvar vidas sem entrar naquele falso debate de CPF e CNPJ. Tô falando às pessoas que estão em casa: as medidas tem que salvar a vida do trabalhador. Elas têm que salvar os pequenos e micro empresários. Os grandes têm gordura suficiente para queimar nesse intervalo de tempo.

Acho que isso é importante. Fechar o serviço essencial é extremo demais. Agora, sim, precisamos de um “camisa 10” na presidência da república e precisamos de “um camisa 10” aqui no município também. Ninguém aqui quer escolher entre se contaminar com o vírus ou morrer de fome. A gente quer é ficar vivo. Repito o que eu disse na minha primeira fala: é o auge da canalhice; é o ápice da falta de humanidade, nos colocar para escolher entre morrer de fome e entre ter que se contaminar com coronavírus.

Então, a nossa campanha no geral, Marcelo, tem que ser pela vacinação para todos. Falamos a mesma coisa que a Priscila, pela vacinação. A gente quer ver os empresários acamparem para a vacinação, começar a campanha pela vacinação. Não é só o trabalhador que tá adoecido psicologicamente. Agora, enquanto precisarmos desse remédio amargo, que os pequenos e médios empresários não precisem se preocupar porque eles vão ter uma ajuda financeira para eles, que o trabalhador desempregado tenha um auxílio emergencial não de 250 reais, e, sinceramente, só pelo SINTEP, a gente já doou diversas cestas básicas desde dezembro, na assistência a milhares de famílias.

A cesta básica está cada dia mais cara. Cada vez que a gente vai no mercado para fazer a feira, apenas daqui de casa, para comprar cesta básica. Então, 250 reais não dão pra nada. O auxílio emergencial precisa ser, no mínimo, o valor que estava antes, de 600 reais... Aqui, em Altamira, os empresários fizeram pressão para levar o trabalhador para rua. Se aproveitaram logo de um dia, inclusive, de comemoração da ditadura para fazer apologia à ditadura, crimes...

E aí, talvez, o decreto que vai sair seja flexibilizado. Agora começa o processo. Ouvi a imprensa dizendo que, talvez, vá ter um processo gradativo de abertura do comércio. Não vai ser em nove dias que esse

lockdown vai resolver. Isso não vai ter o efeito prático de um *lockdown*, que é 21 dias.

Aqui o governo Municipal não consegue dar às famílias carentes da cidade uma ajuda financeira verdadeira. Vai esmola. Ninguém quer viver de esmolas. São trabalhadores e trabalhadoras precisando de viver com dignidade. Não pode ceder à pressão dos empresários. A gente precisa pensar em salvar a vida de maneira coerente e de maneira séria. O *lockdown*, quando a ocupação dos leitos estiver superior a 85%, é de 21 dias, com ajuda financeira a todo mundo que precisa.

MEDIADOR MARCELO NERES

Tá bom! Obrigado ao Rozinaldo, Obrigado, Vitoriano Bill. Obrigado, Priscila Bellard. Encerramos, nesse momento, as perguntas. Vamos abrir, agora, para as considerações finais. A gente pode começar pela professora Priscilla.

PROFESSORA PRISCILLA BELLARD

Essa é minha contribuição. Eu agradeço mais uma vez ao Rozinaldo, pelo convite. Parabéns pelo projeto. Espero voltar aqui. Já estou me convidando para as próximas vezes. Eu agradeço ao Marcelo. Obrigada, professor Vitoriano Bill. Foi um prazer estar dividindo esse momento com você. E obrigada a todos que estão aqui nos ouvindo. Acho que foi um momento de muito aprendizado e espero que isso reverbere para as nossas vidas como um todo, porque essa é a proposta, não é, Rozinaldo? Obrigada, boa tarde.

MEDIADOR MARCELLO NERES

Obrigado a professora Priscilla. O espaço é para o professor Vitoriano Bill fazer suas considerações finais, agora.

PROFESSOR VITORIANO BILL

Agradeço, então, mais uma vez pelo convite e pelo debate, que eu acho que foi muito importante. Não só as nossas falas aqui, mas também os comentários de quem está acompanhando a *live* aqui, nesse momento. Acho que um comentário super pertinente da Nádía (ela comentou aqui, estou observando os comentários) é que tem que ser visto, nesse momento, a criação da oposição à ciência, e isso não é exclusividade desse momento pandêmico. Aqui, acho que vale ressaltar isso também. Não com exclusividade, nesse momento. Antes já se vinha discutindo “se a terra era redonda ou não”. Um debate que já se tinha vencido – não sei nem precisar quanto tempo porque, para mim, não fazia sentido esse debate – hoje em dia, já está em voga que a Terra é redonda. Acho que, então, a ciência passou a ser questionada, se, antes, os cientistas tocavam um dado, todo o resto do mundo se curvava àquele dado. Não por subserviência, mas porque aquilo era verdade e aquilo norteava os rumos da sociedade.

Hoje, qualquer um que leu uma mensagem do *WhatsApp*, derruba aquela ciência. É impressionante como é isso. Muito danoso e assassino. Acho que é importante destacar quantas pessoas morreram por acreditar nas informações de redes sociais do *WhatsApp* que são totalmente o contrário da construção científica, que é o que salva vidas. Acho que isso é importante. A gente ressaltar, nesse momento. Por isso, é louvável

essa mesa de debate aqui, porque nós fazemos de maneira virtual, logicamente.

Para terminar, eu quero dizer o seguinte: nós precisamos não politizar o enfrentamento ao coronavírus. Mas nós precisamos ter coragem para olhar, olho no olho de quem quer que seja e dizer que, por mais duro que seja a medida, por mais *lockdown* que precise, que a gente tome as medidas corretas para salvar vidas. Não é possível que a gente feche o mês de abril como número maior de morte do que nós tivemos em março. O enfrentamento ao coronavírus tem que ser feito de maneira solidária, de maneira fraterna e isso, e a política, deve estar a serviço da vida.

Eu espero que na decisão do próximo de decreto, aqui em Altamira, vendo aqueles comentários novamente da Nádia, que o perfeito tenha coragem de seguir não a pressão do capital, mas que ele tenha coragem de seguir aquilo que dizem os indicativos estatísticos e matemáticos para preservar a vida da população altamirense, que a gente não se preocupe em mais quantos cemitérios teremos que abrir... mas que a gente pegue o orçamento da prefeitura, do estado, do governo federal e construa mais leitos para a população, que a gente pegue o orçamento público para salvar vidas e, no mais, é esse o sentimento que a gente precisa alimentar dentro de nós, o de solidariedade, nós temos que tirar desse campo de debate as paixões e acima de tudo colocar em primeiro lugar as medidas que preservem a minha, a sua e a vida da sua família porque não podemos esperar, porque vai o seu tio e o seu irmão, a sua mãe e seu pai, seus avós, para você depois acreditar que esse vírus ele é letal, que esse vírus mata.

Essa é a mensagem: devemos estar de mãos dadas, ainda que à distância para fazer esse enfrentamento, um abraço para todos. Muita paz no coração.

MEDIADOR MARCELLO NERES

Ok!

Obrigado Vitoriano Bill, a palavra vai para o professor Rozinaldo para suas considerações ações finais.

PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO

Vocês sabem de uma coisa, este vírus fez uma aposta em algum lugar, que se ele comesse matando os idosos, os jovens não iriam prestar atenção e iriam aglomerar, iriam dizer “pode matar só idoso... e só “quatromilzinho”, e o vírus primeiro começou a matar os idosos e, depois, ele começa o trabalho com a matança de jovens e crianças.

Eu estava observando aqui que quando o problema de contágio e morte atingia os idosos, os jovens pareciam não se importar. Agora ninguém se importa tanto com os jovens. E eu acho que o papel do prefeito municipal é ser amigo no sentido real, como diz o cantor Roberto Carlos, que age e fala com seus amigos, como um “irmão camarada”, o amigo é aquele que chega nos momentos difíceis e diz “Olha, presta atenção na situação”, mesmo que a pessoa fique com raiva de você, naquele momento, porque ninguém vai aceitar um amigo na sua casa se soubesse que é seu filho ia morrer, que a sua mãe ia morrer, que seu irmão ia morrer, que sua filha ia morrer e ele não tomou providências porque a pessoa não concordava. Do tipo “eu queria te ajudar, mas tu ficavas

dizendo que tu não querias que eu fechasse a cidade”. Ninguém vai aceitar isso...

Todo mundo vai dizer que você poderia ter feito alguma coisa, tomar uma decisão séria. Mas não é assistir, também não vai fazer isso sozinho, vai ter que vai fazer em conjunto com a comunidade, eu espero, e esse é o primeiro *lockdown* é também primeira experiência, que as avaliações serão feitas para que sejam tomadas as melhores decisões, e ainda falando com a Paloma, nós vamos ter que superar essa questão do emprego e das pessoas ficarem sem comer.

Se for para reunir conselhos e não conseguir atingir objetivos, com em agosto, setembro e novembro, o natal nós estaremos aqui de novo, discutindo porque até aqui as pessoas estão perdendo o emprego ou se estão ficando em casa... Vi um vídeo sobre distribuição cestas básicas, eu quero até parabenizar o pessoal do Xingu Vivo, tem gente Altamira que não tá só conversando fiado e sim estão colocando comida para as pessoas, ajudando. Não adianta nós fazermos estas *lives* e também não contribuir. Eu acredito que cada um de nós estamos que participando aqui, também pode ser feito contato para gente poder doar algumas coisas.

Eu, pelo menos, tenho tentado fazer um pouco de contribuição na minha família. Eu acho que o Respira Xingu está correto quando faz um vídeo. Senão, fica de um jeito que você entrega as coisas, e também tem por trás dizendo que não foi você. Que foi autoridade tal que mandou ou que você só fez aquilo porque ele mandou podem não estar realmente contribuindo. Acredito que esse primeiro *lockdown* vai servir de experiência. Nosso principal objetivo é colocar comida na panela do trabalhador, esse negócio de dizer que o trabalhador ficar em casa e não dá nada de comida para ele, isso é muito complicado.

E também tem que ajudar os pequenos empresários que pagou seus impostos para poder se socorrido nesses momentos. Infelizmente, não estamos aqui para falar só as coisas agradáveis. Amigo são para nos alertar sobre os perigos.

MEDIADOR MARCELO NERES

Obrigado, Rozinaldo Ribeiro. Quero novamente agradecer, aí a presença de todos. E assim a gente encerra mais essa *live*, a sexta *live*.

5

LIVE 5: UM ANO DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CAMPUS DE ALTAMIRA/UFPA - RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Anderson Borges Serra ¹

Djair Alves Moreira ²

Fernando Jorge dos Santos ³

Jose Queiroz de Miranda Neto ⁴

Luís Antônio Loureiro Maués ⁵

Miguel Alves Junior ⁶

Ráirys Cravo Herrera ⁷

Carla Giovana Souza Rocha ⁸

Gizelia Maria da Silva Freitas ⁹

¹ Graduado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, Mestre em Agricultura Familiar pela Universidade Federal do Pará e Embrapa Amazônia Oriental e Doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Freiburg, Alemanha. Professor da Faculdade de Engenharia Florestal no Camus de Altamira da Universidade Federal do Pará.

² Doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente da Faculdade de Engenharia Agrônômica do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará

³ Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Curso de Letras Português da Universidade Federal do Pará Campus de Altamira.

⁴ Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará Campus de Altamira.

⁵ Doutorado em Neurociências e Biologia Celular pela Universidade Federal do Pará. Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Pará Campus de Altamira.

⁶ Doutor em Fitopatologia (UFV)-Professor da Faculdade de Eng. Agrônômica (UFPA)- Coordenador de projetos de ensino e pesquisa:

⁷ Docente da Faculdade de Ciências Biológicas (FCB) e do Programa de Pós Graduação em Biodiversidade e Conservação (PPGBC)

⁸ Docente da Faculdade de Etnodiversidade Campus de Altamira.

⁹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Pará. Professora do Curso de Letras do Campus de Altamira. Vice Coordenadora da Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA:

Boa noite!

A todos os nossos convidados, professores do campus universitário de Altamira.

Para nosso público online de hoje eu queria dizer para vocês que esta não é uma *live* como as outras que nós fazemos aqui no projeto mesa virtual, geralmente com debates, entrevistas. Essa *live* é de relatos. Portanto, os participantes relatarão as suas experiências profissionais durante este último ano de 2021

Eu, da minha parte, já começando aqui, gostaria de dizer para vocês que foi deste lugar aqui, que eu estou, com este quadro negro aqui no fundo e com este computador, e esse telefone, que eu trabalhei durante um ano nesse remoto. Não houve nenhuma compra de objetos. Nenhuma doação por parte de ninguém. Mas nós encaramos este desafio aqui.

Professora Raírys, professor Anderson, professor Miguel e professora Carla, nós passamos este ano trabalhando. O ambiente foi este aqui mesmo. Foi no espaço da nossa casa. E, em um certo momento, eu estava esses dias conversando com a minha esposa, que também é professora, que e os nossos filhos também estavam no ensino remoto nas escolas e a nossa casa parecia, num certo instante, uma pequena feira, uma pequena casa de abelhas. Para todo lado era telefone, era o computador.

Foi neste ambiente aqui que se deu esta experiência. Uma experiência, de certa forma, não tão pequena. Então há uma trajetória e, dessa trajetória, eu selecionei alguns pontos positivos. Eu já fazia algumas atividades com os meus alunos do ensino regular presencial. Eu já usava vídeos, muitos filmes. Às vezes meus alunos já apresentavam trabalhos

por meio de vídeos gravados em entrevistas que eles faziam. Mas nunca pensei que nós chegaríamos a este ponto, de já ter que assumir completamente a área de mídias.

E então, acredito que, do ponto de vista positivo, uma das coisas que mais contribui para mim, foi esse aprendizado de poder participar pela internet, de poder ter a certeza de concluir disciplinas, de orientar e participar de bancas de TCC, de reuniões de faculdade, de reuniões de professores, neste ambiente virtual.

Do ponto de vista negativo, eu diria para vocês que talvez se nós tivéssemos uma internet um pouco melhor... Por vezes, nossos alunos também não tiveram o acesso. Por exemplo, eu tenho algumas situações aqui, em que os alunos estudam no interior, turmas de Porto de Moz, de Anapu, de diversos locais que não estavam preparados para esse momento. Eu me lembro de uma aluna que disse que passou uma mensagem para mim e eu demorei para responder. Aí, quando ela viu que o barco ia sair, ela pegou o barco e já ia no meio. O sinal estava caindo e eu respondi, aí ela pegou o barco e voltou para a beirada e nós conversamos para poder fazer o trabalho.

Nem todos os alunos têm acesso à internet. Alguns têm acesso à internet em uma parte do dia e só naquele horário é que faz aquele contato.

Para não me alongar muito também, eu diria para vocês que talvez um dos pontos negativos também seja a saudade, sabe?! Que ficou dos meus companheiros de trabalho. Estou vendo aqui, dos que estão aqui comigo, aqui agora, mas que eu não vejo talvez a algum tempo já. Há muito tempo que eu não vejo, a mais de ano. E outros eu vi muito rápido, de uma atividade às vezes na própria da Universidade, às vezes na rua. Uma experiência que me deixou um pouco interessado por essa questão

é de que eu trabalhei com pessoas conhecidas. Essas pessoas conhecidas informaram que estão trabalhando com turmas e pessoas totalmente desconhecidas. É um fato para mim que eu nunca constatei na minha história como professor.

Esse distanciamento acredito não me fez muito bem, mas eu consegui desenvolver essas atividades. Eu lamento. Queria até registrar também aqui, na minha parte do relato, a perda de muitas pessoas conhecidas minhas, inclusive professores. Professores da UFPA que eu encontrei em outros *campi*, trabalhando, em outro momento e que eu não vou vê-los mais. Então, é um pouco nesse sentido, da minha perspectiva que estou amadurecendo uma ideia: eu não conseguiria mais trabalhar hoje no formato presencial puro sem usar a tecnologia, sem o uso deste recurso às vezes para resolver algo.

E dando, novamente, as boas-vindas eu vou passar agora então para ouvir os relatos da professora Raírys Herrera.

PROFESSORA RAÍRYS CRAVO HERRERA

Olá! Boa noite!

Muito obrigada pelo convite para participar desse momento de socialização das nossas experiências. Eu acho que é um canal muito importante para a gente conversar a respeito e tirar o lado ruim, o lado negativo, como o professor Rozinaldo comentou.

Muito obrigada, professor Rozinaldo por essa iniciativa do projeto de extensão que o senhor coordena. É muito importante esse tipo de iniciativa. E, aproveitando o gancho do que você falou, eu vou então colocar o lado positivo que eu observei.

Então esse é o meu parecer!

Como o professor Rozinaldo falou, esse é o meu lado, a minha visão. Eu percebi que o lado positivo foi que esse formato do ERE (Ensino Remoto Emergencial) permitiu que a gente se reciclasse. Os docentes buscaram uma certa atualização das tecnologias. Isso é fantástico. Acaba que tira o docente desse comodismo, daquela sala de aula do padrão. Então a gente se reinventou. Esse é o lado muito positivo.

O segundo lado positivo é que essa determinação para a gente ficar no ensino remoto foi importante para colaborar, para evitar a proliferação do vírus. Então essa colaboração, foi uma maneira que a universidade permitiu que a gente preservasse a nossa comunidade acadêmica, e ela deu subsídios para isso, porque ela forneceu, e fornece ainda, vários cursos para capacitação docente. Então, tem cursos para você confirmar uma aula, utilizar vários outros aplicativos para você gravar uma aula e disponibilizar. Como é que você usa a plataforma do *G-Suite*. Nós tivemos oportunidade de fazer também essa atualização. E proporcionou isso, principalmente via a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Então, eu queria destacar esses dois pontos e os colegas com certeza vão apontar outros pontos. Então isso foi uma forma de colaborar com a sociedade, e de frear essa pandemia, até dar tempo de a vacina fazer a sua parte, da imunização.

E os pontos negativos que o professor também comentou é que, realmente, os alunos sentiam falta, tanto dos professores, que eu percebia isso nas constantes mensagens de *WhatsApp*. As vezes não é uma dúvida relacionada a disciplina. Eu percebi o fato de ter atenção, de estar conversando com o docente e ainda sentir aquele lado do pertencimento da universidade. Isso eu percebi por causa da quantidade de mensagens que a gente recebia – eu, no caso – e tentava atender. Mesmo que no tardar da hora, a gente também tentava responder.

E entrando já no outro ponto, eu gostaria de chamar atenção como foi importante a política também de projetos de programas da PROEG (Pró-Reitoria de Ensino de Graduação) para monitoria.

Então, aproveitando que eu sou do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Conservação, e também ministro aula na graduação, gostaria de juntar os aspectos que serão os seguintes: O programa de estágio de docência, vinculada ao MEC (Ministério da Educação) e o programa da PROEG-UFGA de monitoria, foram essenciais para que eu tivesse o melhor desempenho. Proporcionasse que os alunos via ensino remoto, uma forma de amenizar as lacunas, de abordagens de conteúdos. Então, o olhar do aluno, do aluno monitor, ele foi muito importante para que a gente avaliasse a quantidade de avaliações e o nível de dificuldade para aqueles alunos que também tinha dificuldades de conexão, como o professor Rozinaldo chamou atenção.

Então as minhas alunas do mestrado, no caso da Diene e da Deusiane que acompanharam comigo o meu aluno de graduação, do curso de ciências biológicas, que é monitor, foi monitor nesse período em questão, que estamos tratando. Eles me acompanharam desde a construção do plano de ensino, inclusive também nas avaliações lá na sala virtual, no Classroom, e também eles me ajudavam em como ia ser aquela forma de avaliação.

Então, a gente tinha médias para avaliar esses alunos e tinha o olhar de discentes para entender como é que ia ser essa abordagem em sala de aula com esses alunos. Então isso foi muito importante, porque eu me sentia às vezes muito sozinha, muito responsável em atribuir uma nota sem ter um outro olhar e o olhar do aluno tanto de mestrado como de pós-graduação, foi muito importante para que não tivesse, vamos dizer assim, muitas discrepâncias.

Então eu queria chamar atenção para isso.

Para a gente conversar mais um pouquinho e avançar, eu gostaria também de chamar atenção que a partir dessas experiências nós publicamos dois resumos expandidos em eventos, em evento sobre práticas de ensino e até um vai virar um capítulo desses livros que futuramente a gente vai disponibilizar para a comunidade acadêmica. Então, eles foram baseados nessa experiência que é título desta mesa virtual. Só pra aproveitar, os títulos foram: “Metodologias ativas e monitoria no ensino remoto de bioquímica”, que é uma disciplina que eu ministro lá na Engenharia Florestal. E o “Ensino remoto emergencial em cenário de pandemia: relato de experiência de estágio docência em fisiologia vegetal”, que também é ministrada tanto na Engenharia Florestal como na Biologia.

Então eu tenho contato com os alunos dessas duas faculdades, eu fico muito feliz por ter essa oportunidade, de ter um contato com o maior número possível de alunos, e na medida do possível, sempre me coloco à disposição para poder ajudar.

E esse foi um fator que me chamou muita atenção, os alunos se esforçaram muito durante o ERE. Então, quando eu pedi a apresentação, que é tão ruim você dá aula e o pessoal com aquelas câmeras fechadas, no último momento eu pedi para eles abrirem as câmeras para dizer como é que foi a experiência na disciplina, e um deles me chamou muita atenção, se destacou. Ele estava lá no Assurini e relatava que sempre buscava uma posição, um lugar que ele pudesse conectar para que ele pudesse enviar as atividades que eram solicitadas. Então, o esforço dele me deixou muito comovida, ou seja, ele estava fazendo a parte dele e eu acho que muitos de nós fizemos a nossa, nos dedicando para que o ensino remoto fosse o mais tranquilo possível.

Possível de ser executar devido às dificuldades de conexão que nós temos aqui na região, nós sabemos disso, nós passamos por isso.

No mais eu gostaria de enfatizar que é super importante esses programas de monitoria e de estágio em docência, principalmente para o aluno também perceber o quanto é difícil para nós docentes, elaborarmos e nos adequarmos ao ensino remoto. e futuramente ao ensino híbrido, que eu acho também que é uma tendência, não dá para a gente retroceder isso. É daqui para frente, essa é minha opinião. Então eu acho que esse olhar dele ajuda muito a entender o processo de ensino-aprendizado. No mais, muito obrigada pela atenção de vocês e vamos em frente. Obrigada professor Rozinaldo e aos demais colegas. É uma honra estar aqui com vocês.

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA

Professor Miguel, nosso convidado, tem a palavra.

PROFESSOR MIGUEL ALVES JUNIOR

Muito obrigado, primeiramente, ao professor Rozinaldo e ao pessoal aqui que elaborou essa sala, esse projeto de excelência, para a gente poder divulgar esse nosso um ano do ensino remoto no Campus de Altamira e na UFPA como um todo.

Vocês estão de parabéns pela iniciativa. Eu acho que o ambiente virtual enriquece também muito, porque ele chega em locais que o ambiente físico não chega. Então, aí enriquece muito a questão de espalhar conhecimento, que é o que nós estamos fazendo aqui nesse momento nos nossos relatos de experiências.

Quero primeiramente agradecer.

Olá a todos que estão participando aqui conosco nesse momento aqui, a quem está aí assistindo a *live* também.

Saber que nós passamos, e infelizmente alguns colegas nossos não passou, mas nós passamos por uma tribulação muito grande e nós temos que agradecer a Deus por estarmos aqui.

Agradeço todo dia por estar aqui, ter conseguido as duas doses da vacina graças a ciência, e a gente já tá voltando de certa forma ao ensino presencial que eu vejo também, concordo com a Raírys, eu vejo que não vai ser mais como era antes, o físico, o físico. Então, nós aprendemos que realmente dá para explorar outras oportunidades.

Bem, como a questão dos pontos positivos, eu gosto de chamar de experiências exitosas que nós aprendemos nesse período conturbado. E aí eu faço uma menção de agradecimento também à UFPA. A UFPA se empenhou ao máximo, paralisou as atividades com responsabilidade. Afinal de contas é uma pandemia. Nós passamos por uma pandemia, estamos vivendo ainda essa pandemia.

Altamira não está tranquilo ainda. Quem pensa que já pode sair sem máscara aí, não está tranquilo.

Então assim eu agradeço muito ao olhar que a UFPA teve com a comunidade em geral. Quando eu falo comunidade em geral, não são apenas os professores, os técnicos, seus familiares, os alunos e os familiares dos alunos, porque a UFPA soube paralisar as atividades no momento adequado. E soube reiniciar as atividades de uma forma totalmente diferente.

A nossa universidade apesar de ter vários campos, ser uma universidade já diferenciada, atende campos que estão muito longe, distante da capital e nunca tinha vivido a experiência de todos os campos estarem tendo que fazer atividades online, atividades em ambientes virtuais.

Então, a universidade, ela desempenha um papel, principalmente, na capacitação e no treinamento de docentes e de técnicos, de alunos. Teve um programa que eu achei muito exitoso, que foi o compartilhamento de chip, da ferramenta para aqueles alunos que não tinham condição de ter um computador, celular para assistir suas aulas. Então, acho que isso também foi uma política muito exitosa da nossa querida UFPA e que tratando de experiências exitosas de certa forma eu já tinha um conhecimento com os ambientes virtuais de aprendizagem. Apesar de ser das áreas agrárias, de ser um curso de bacharelado e ser professor da faculdade de engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, eu tenho um curso de licenciatura também eu sou formado em licenciatura. E aí, um ambiente virtual sempre me atraiu tanto é que eu já fui convidado né professor Rozinaldo para ministrar a disciplina de Tecnologia da comunicação e da informação, tanto pelo PARFOR (Programa de Formação de Professores), como também pela própria faculdade de Pedagogia.

E assim, desde aquela época, eu lembro que o PARFOR lá em Porto de Móz, o pessoal pensou que ia aprender sobre computador, e eu cheguei lá com esse conceito, nada de computador, nada de *Power Point* e nem de *Word*. O conceito é um ambiente virtual de aprendizagem, ou seja, vocês podem aprender na tela de um celular. E parece que a gente já estava adivinhando que ia passar por todo esse processo. Então, assim, o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas), eu já utilizava. Para quem não conhece, ele é a nossa plataforma interna, é um ambiente virtual interno da UFPA, que assim, faz coisas maravilhosas. Você pode colocar seu plano de aula lá, pode colocar atividades, fazer chamada virtual, conversar com aluno. Só que a grande maioria dos professores, usava só trinta a quarenta por cento do seu potencial.

E assim, a UFPA veio com os treinamentos, com as capacitações. E eu vou falar por mim, eu mesmo tendo um certo relacionamento próximo com o ambiente virtual de aprendizagem como o SIGAA, eu já usava antes da pandemia nas minhas disciplinas. Mas eu caí dentro! Como se diz aí os jovens.

Das capacitações e dos treinamentos que a UFPA, então foram vários treinamentos, principalmente com *G-Suite*, com a plataforma do *Google Meet*, plataformas em gerais: o *Google meet*, aprendemos diversas maneiras de ter uma turma virtual. Isso é importantíssimo, bem como outras plataformas, plataformas de ligação assim como o *Zoom*. Isso enriqueceu muito o conteúdo dos professores, nós podemos nos qualificar.

E foi um desafio!

Aqui, por exemplo, na nossa na nossa região, nós temos professores que não tinham essa proximidade com esses ambientes que foram ofertados, então tinham realmente que fazer cursos e treinamentos, inclusive os próprios professores que achavam que iam bem em algumas ferramentas, aprenderam muitas coisas nos cursos.

Eu aprendi muitas coisas nos treinamentos: como montar uma sala virtual, como utilizar os recursos de forma apropriada, isso foi muito importante e alavancou também a questão de você ir atrás de aplicativos. Hoje eu trabalho, por exemplo, com o *Spin*, o *Movavi Screen*, que aí eu gravo minhas aulas, eu faço a edição das aulas.

Então, de certa forma, comecei a ler coisas sobre roteirismo. Esse ano de atividade remota fez com que a gente estudasse por cinco anos em um ano, porque a gente começou a ler material, a pesquisar aplicativos. Por exemplo, eu adquiri esse *Movavi Screen*, para gravar aula, e aí faz toda a edição da aula, tira um momento que não ficou legal, você pode inserir um momento legal.

Aí eu comecei a ler sobre roteiro e eu estou pensando já no ano de 2022. Como falei com o pessoal lá do programa do LABINFRA (Laboratórios de Ensino de Graduação e da Educação Básica, Técnica e Tecnológica) do Programa Monitoria. Para o ano tô pensando em fazer um roteiro para utilizar um documentário que nasceu mediante esses estudos que nós buscamos nesse momento de atividade remota.

Então, um ponto positivo para mim na minha pessoa que ficou é justamente a questão da melhoria da qualidade das aulas. Justamente por conta dos treinamentos e das capacitações que nós conseguimos ter via Universidade Federal do Pará. Então, são muitos conhecimentos e de diversas formas isso trouxe experiências, assim, prazerosas, por que eu não estava lendo sobre o roteiro. Hoje eu estou lendo sobre o roteiro porque eu quero fazer um documentário, quem quer fazer um documentário tem que saber como é que vai ser o roteiro desse documentário, graças a esse momento, de ensino remoto que nós estamos vivendo.

Mas nós temos toda essa parte positiva, que foi prazeroso trabalhar, apesar de ter sido muito mais trabalho. Porque, por exemplo, as minhas aulas estão aqui na minha cabeça, com uma canetinha, no quadro eu faço todas as minhas aulas praticamente, e aí eu tive que ter o trabalho dobrado para fazer o material de excelência para os alunos, e isso foi importante, foi positivo. Porém, nós tivemos também alguns percalços, alguns desafios e alguns deles são eminentes da região onde nós estamos. E aí eu acho que todo professor que falar hoje aqui, ele vai falar da qualidade de internet no município de Altamira. Então, por mais que a gente tenha um provedor famoso, por mais que a gente tenha uma assinatura de uma de uma empresa de telefonia famosa, e vocês sabem, os alunos sabem, eles não entregam a quantidade de internet

que nós pagamos. Eu pago lá cinco megas, aí vem um mega, entendeu? Então, assim, a qualidade da internet realmente foi um desafio nesse momento de atividade remota, porque o que mais nós precisávamos era a internet. E aí muitas vezes acontecia de travar na aula do aluno ficar cortando para o aluno, às vezes também a internet lá do aluno.

Nós fizemos aula para aluno que estava no travessão, estava distante, quilômetros aqui da sede do município de Altamira, que realmente tendo que procurar uma antena rural, para você poder ter sinal de celular. Então, a questão da internet realmente deixou a desejar.

Eu tenho um relato, não meu mais de colegas que iniciou uma aula e a internet caiu e os alunos não avisaram e a professora ou professor fez a aula todinha para ele só. Então, ele teve que regravar a aula e mandar para os alunos.

Então a internet realmente prejudicou muito, e aí a gente teve que correr atrás, como é que resolve? Aí eu não vou aparecer na câmera, eu vou diminuir a resolução...

Então nós tivemos também que aprender isso, buscar soluções alternativas para você ter uma internet que não é de boa qualidade e você conseguir passar o conteúdo, você vai ler como é que eu não posso aparecer na imagem, eu tenho que deixar uma resolução X. Tudo isso a gente teve que buscar para aprender

O trabalho também, eu digo assim, foi prazeroso, mas é cansativo. Porque uma aula como eu faço uma aula que você já tem pronta você agora teve que fazer a aula, você teve que gravar a aula, teve que editar a aula, tem que atender os alunos. E nesse momento remoto o atendimento de aluno não teve um horário específico. Professora Raírys, eu acho que comentou também.

Eu recebi WhatsApp do aluno no final de semana, às 11 horas da noite. E de certa forma pessoal, eu atendi, e apesar de ser uma a privacidade eu sempre atendi os alunos. Porque eu pensava assim: será que ele só tá tendo condição de ter internet nesse momento da noite? Que ele chegava e foi visitar um parente, que pegou a internet da casa do parente. Então, nós estávamos nos travessões, nós estávamos nos municípios que às vezes para chegar precisa de barco, por isso, eu sempre atendi os alunos em qualquer que fosse o horário, mas isso de certa forma nos deixou mais cansados.

Eu vou falar de um ponto negativo porque ele é muito inerente aos cursos de bacharelado, vamos supor, por exemplo, Engenharia Florestal, Engenharia Agrônômica. Talvez os cursos de licenciatura não tenham tido esses problemas.

Nós temos disciplinas que são estritamente técnicas, ou seja, a disciplina, ela versa muitas aulas teóricas e práticas. E essas práticas têm que ser realizadas de forma física. Então, muitas disciplinas no nosso curso não foram ofertadas por conta dessa característica.

Eu tenho disciplina que eu tenho aula que tem que levar os alunos a campo, aula que tem que ser feito em laboratório. E para o aluno ter a competência, habilidade naquela disciplina, ele precisa deste tipo de recurso. Por mais que você faça online, para a Agronomia, Engenharia Florestal, não foi possível fazer essas disciplinas. Até porque nós defendemos, que alguns cursos não podem ser no formato EAD, Educação a Distância. Nosso conselho de classe, ele fala isso também, versa isso: Não pode ser educação a distância! Por conta que são disciplinas estritamente técnicas.

O último, realmente, ponto negativo, para finalizar, seria que você prepara uma aula com todo carinho e com todo amor; grava, mas aí, na

hora da aula, a turma não aparece por completo. Nós entendemos que nem todos os alunos vão ter acesso naquele momento da aula, mas às vezes frustra o professor, que prepara uma aula tão bonita e quando vai ver a sala, poucos alunos, e a gente entende o lado dos alunos, mas é como se um artista quando abre a lona do teatro lá e você vê 4 ou 5 espectadores lá no teatro,

Então, eu tive essa frustração, eu sei que vários dos nossos colegas que também tiveram, mas nós entendemos. Às vezes, o aluno não tá podendo acessar naquele momento.

Era essa minha parte de contribuição e eu espero que esse momento sirva de lição para a gente melhorar mais e mais e qualificar mais as nossas aulas e os nossos alunos.

Agradeço a participação. Um abraço para todos e muito obrigado.

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA:

Obrigado, professor Miguel. Agora nós vamos ouvir o relato de experiência da professora Carla Giovana.

PROFESSORA CARLA GIOVANA SOUZA ROCHA

Obrigada!

Boa noite!

Boa noite, Rozinaldo.

Obrigada professor pelo convite, para poder compartilhar um pouco a minha experiência.

Sou Carla Rocha, professora do curso de educação do Campo na faculdade de Etnodiversidade.

Então, no discurso vou falar um pouco mais sobre a parte do ensino mesmo. Não vou me referir a pesquisa na extensão, em outras atividades que a gente também desenvolveu ao longo desse período.

Então! Nós partimos de um diagnóstico feito, conduzido pela coordenação do curso sobre as situações estruturais dos estudantes do curso de educação do campo para participar e ter o ensino remoto. Imagine que numa turma nós temos pessoas de dez municípios diferentes da região, pessoas que estão em reservas extrativistas, em aldeias, em áreas de reassentamentos rurais e vicinais em cidades, que não seja Altamira, vilas.

Quem participou desse diagnóstico já mostrou um pouco a dificuldade que a gente teria para chegar, para acessar as pessoas que estão em uma situação geográfica mais distante.

Participou desse diagnóstico basicamente as pessoas que estavam na cidade, que tinham um acesso melhor a internet, e esse diagnóstico prévio sobre a situação dos estudantes, evidenciou a precariedade de acesso: A maioria tinha acesso à internet via rádio ou dados móveis. Trinta e oito por cento usava a internet de terceiros, não tinha internet própria, precisava usar a internet de terceiros. A falta de equipamentos, a maioria absoluta, só tinha um celular. Não tinha uma boa internet, mesmo nas áreas indígenas, aldeias, que tem a internet, tem algum sistema de internet. É muito ruim a qualidade, péssima. Então, dá ali para usar o *WhatsApp* e trocar ali algumas mensagens.

Se nós estamos reclamando da internet aqui na cidade em Altamira, imagina em outras áreas.

Então, foi mostrado também nesse diagnóstico que os estudantes, eles não tinham um ambiente próprio, individual para estudo em casa.

Era o quarto, às vezes compartilhado com outros, e não tinha um ambiente de poder parar para estudar e se concentrar.

Também noventa e cinco por cento, não conhecia as ferramentas de videoconferência, nunca utilizaram o *Google Meet*, mesmo vocês sabem que a gente a gente foi aprender também ao longo do caminho, quando a gente começou a participar de reuniões e tudo mais.

Eles também pouco usavam o SIGAA, pouco uso. Muitas vezes para fazer a matrícula, fazer o histórico, mudar os dados cadastrais. Tem que saber que nós tínhamos nossas três turmas de Educação do campo, duas eram turma de calouros, além dessas, 3 turmas eram de formandos, que estavam no TCC.

Todos nós visualizamos também outras questões sociais, que se mostraram muito importantes para essa questão, da qualidade do ensino remoto, por exemplo, o tempo que tivemos que dedicar ao trabalho. Boa parte deles estavam trabalhando, começaram a trabalhar. Eles se organizavam para vir para a sala de aula naquele período intervalar negociando com seus empregadores. E no caso, a gente estava fazendo o período letivo ao longo do ano, porque não tinha como a gente poder colocar no período só, até porque a gente precisava de mais tempo, não dava para pensar na disciplina de uma semana de duas semanas. O ensino remoto significa você dá mais tempo para as pessoas também nesse processo de aprendizado, de ensino.

Então a gente viu que essa questão da dedicação ao estudo é também um fator preocupante. As mulheres principalmente, que precisavam estar cuidando dos seus filhos em casa, e outra questão: as doenças, muitos casos de doenças dos próprios estudantes, doenças na família, doenças com parentes, que acabam também fragilizando as

pessoas. Eu também acho que vocês tiveram contato com a pesquisa que fizeram nesse ensino remoto.

Eles colocaram a questão de como os docentes estavam se sentindo nessa sensação de uma maior necessidade de trabalho dedicado, a necessidade de planejamento, de preparação do trabalho dedicado e a criação também do ambiente em casa. Então todos nós tivemos que criar esse ambiente em casa. Como foi colocado aqui pelo professor Roinaldo, até mesmo de aquisição das condições para poder estar em casa. Eu também fiz muitos cursos.

No primeiro ano, eu fiquei extremamente preocupada em me preparar e me qualificar, então todos esses cursos oferecidos pela PROEG, pela PROGEP (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação), pela CAPACIT (Site da Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal), eu fiz.

Uma sensação de ansiedade mesmo!

E então me preparei com essas plataformas que tiveram de conferência, gravação e todas as ferramentas no *G-Suite*. Eu vi que no final era melhor eu ser o mais simples possível e ter a maior parte do tempo disponível para os estudos. Então, eu acabei me dedicando a utilizar de metodologias mais simples com ferramentas mais simples e que os estudantes tivessem um domínio melhor e dedicar mais tempo. Por exemplo, eu, trabalhei em conjunto com outros professores, as nossas disciplinas eram compartilhadas, e com isso a gente também ajudava a ter mais tempo de dedicação dos alunos, com as aulas mais curtas, geralmente à noite, o cronograma discutido pelos estudantes, não temos aulas todos os dias, a gente passava as atividades dia sim e dia não, as aulas gravadas e disponibilizadas no *YouTube*.

Então eu tive meu canal no *YouTube*, tem um canal que eu vejo da professora Maristela, materiais disponibilizados no *WhatsApp*, uso do *Google Drive*, eu achei uma ferramenta muito interessante.

Agente usa enquete para ajudar na interação dos alunos, usando o *Google formulário*, usando *Quiz*, eu achei uma forma de quebrar o gelo e facilitar essa participação. O *WhatsApp* é o uso maior, é o que os estudantes têm possibilidade de acesso maior. É menos pesado, baixa os documentos e tudo mais. O *Google Meet*, também com a presença de sessenta por cento regularmente, cinquenta por cento. Então você imagina a dificuldade dos estudantes estarem ali durante uma hora, uma hora e meia no *Meet*. A gente não conseguia segurar a internet, saía, então utilizei também a gravação de vídeo aulas mais curtas, disponibilizadas pelo link no *YouTube*.

Eu vi que era bastante usado, algumas aulas “bombavam” mais do que outras, mas depois a gente via lá quantas visualizações e via que o pessoal estava olhando ou não.

Em termos de aprendizado, eu acho que a busca foi buscar ferramentas, possibilidades de interação. Quanto maior a interação a gente conseguir com os estudantes, maior a aproximação e maior o aprendizado.

Então, eu acho que assim, a empatia.

Eu trabalhando com duas turmas de calouros que não me conheciam, a gente tem que gerar empatia com as pessoas. Então gerando isso, as pessoas também buscam a gente pelo *WhatsApp*: “-Olha professora aconteceu isso, aconteceu aquilo. Dá para alterar esse prazo?”

Então isso é um pouco de empatia também, que a gente conseguiu lidar com os alunos.

Outro termo de aprendizagem, a palavra flexibilização.

Flexibilizar avaliações, flexibilizar cronograma, flexibilizar o plano de aula. Então é isso que a gente fez numa forma geral. É lógico que a sensibilidade do docente que a gente com a nossa experiência, a gente sabe, cada um sabe, dessa necessidade, o reconhecimento também da diferença, dos tempos dos nossos estudantes. É uma diferença imensa, na sala de aula presencial a gente nota o remoto é mais difícil de notar essas diferenças, necessidade de tempo que cada um tem para entender, para o aprendizado. Então, dificultou bastante.

Aprendi muito em relação às avaliações também, os tipos de avaliações que seriam mais interessantes. Corrigir os trabalhos e disponibilizar no *Google Drive*, para todo mundo poder ter acesso e olhar e inclusive no trabalho também, achei muito interessante.

Eu acho que uma outra palavra chave, gente, é autonomia.

É difícil a gente pensar em uma turma, por exemplo, de calouros, com metodologias ativas, a gente conseguir que eles tenham autonomia acadêmica e digital, tudo isso não foi construído em um ano, não é tão possível a gente conseguir, mas eu acho que essa era a perspectiva.

Em relação ao futuro no ensino remoto, nesse sentido para nós professores da educação diferenciada que nós temos, as condições de perfil de alunos da rede pública e nós temos da Educação do campo e no curso de Etnodesenvolvimento. Mas, eu acredito sim, que a gente descobriu, aprendeu muitas ferramentas interessantes, é para ajudar nessa interação é e para a contribuir no processo de ensino-aprendizagem, mas que o ensino retorne no presencial é isso que eu penso todos os dias, nós temos a possibilidade de lidar novamente, por nossos alunos em sala de aula, mas eu acho que tem que ser essas ferramentas, não para ser utilizada no ensino híbrido, mas para ser utilizada dentro das nossas metodologias em sala de aula presencial.

Bom, eu destaco o *Google Drive* como eu falei, acho que vídeos disponibilizados nas plataformas, uso das plataformas como o *YouTube* é realmente interessante. Enquetes para a interação. Essa discussão sobre metodologias ativas, eu acho que ela retoma de uma forma muito forte, eu acho que é um tema que a gente tem que avançar bastante no ensino presencial. O poder das *lives*, eu acho que as *lives* com convidados externos é também fantástico essa possibilidade de aproximação com pessoas que estão bem distantes que a gente não teria condições de estar juntos. Eu acho que a gente vai aprender, eu acho que é uma coisa que fica, que a gente precisa utilizar bastante.

Então é isso!

Obrigada, Rozinaldo.

Boa noite!

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA:

São os nossos percalços, professora.

Do mesmo modo a nossa *live* aqui, apesar de um ano, nós já temos alguns problemas pela internet, de vez em quando alguma interferência.

Eu transfiro agora a palavra ao professor Anderson Serra.

PROFESSOR ANDERSON SERRA

Oi!

Boa noite a todos e a todas!

É uma satisfação estar aqui compondo essa mesa virtual com esse grupo tão seleto de colegas professores. Alguns, conheço há muito tempo. Na verdade, eu já conheço todos há um bom tempo. A professora

Carla foi minha professora. Então ela tá nesse panteão das que eu conheço há mais tempo.

Parabenizar o professor Rozinaldo, pela iniciativa. Com certeza isso é resultado de um projeto de um time grande de colaboradores.

Os meus aprendizados, o que eu posso relatar, leva em conta aquilo que eu estive enquanto professor. Ministrei quatro disciplinas no período de ensino remoto, e também a experiência que tive enquanto diretor da Engenharia Florestal no período por todo o período de pandemia de ensino remoto, ensino híbrido também.

Isso me permite trazer avaliações daquilo que outros professores vivenciaram, que eu acho bastante relevante. O primeiro deles, é importante nós dizemos, é que o ensino remoto é ruim. Mas é melhor do que nada.

Nós tomamos a decisão de implantar aulas de forma remota, tendo a possibilidade de não implementá-las.

Isso demonstra a vontade, o esforço, a iniciativa dos docentes. O esforço que fizeram em se lançar para o mundo relativamente novo, desconhecido, com novas ferramentas, com dificuldades do dia a dia.

Envolvendo alunos que muitos tiveram perdas de renda, perdas familiares, perda de entes queridos. Então, a gente não pode perder de vista o contexto geral em que nós estávamos inseridos e mesmo assim tomamos a decisão de realizar aulas e de assistir aulas, porque as aulas, só são possíveis, logicamente, com docentes e com alunos e alunas. Então esse é um aspecto que é importante destacar.

A segunda questão, o segundo ponto, é que quando nós vamos nesse afã de realizar as aulas, nós encontramos muitas desigualdades, muitas assimetrias. Ainda que não se nivele todas as diferenças sociais, econômicas entre estudantes e entre estudantes e professores, quando

nós lançamos as aulas remotas essas diferenças ficaram evidentes. Alguns colegas tinham boa conexão de internet, o ambiente familiar, uma estrutura, uma cadeira daquelas de games de dois mil reais. Toda uma condição muito favorável para assistir às aulas, para ministrar as aulas. Outros não.

Alguns alunos residindo na cidade. Outros, por perdas de renda, precisaram voltar para áreas rurais, para territórios quilombolas, para comunidades extrativistas, comunidades que tinham mais dificuldade para acesso à internet. Então, no mundo de perspectiva, foi muito positivo, mas na realidade essas desigualdades se afloraram bastante.

O terceiro aspecto é que, nós pensamos em realizar as atividades usando as redes sociais, as ferramentas, nós nos deparamos é muito mais preparado para entretenimento, para diversão, para conexão entre pessoas, para troca de um tipo de informação, para um tipo de estímulo, que é bem diferente no ambiente de estudo, ambiente de ensino. Isso significa que se faz necessário uma reestruturação, uma definição, uma melhor seleção eu diria, até das ferramentas de conexão, de rede social, de entretenimento para, aquelas que são as ferramentas de ensino.

Eu me deparei, estando em aula com alunos pelo *Facebook* ou pelo *Instagram* e todas aquelas notícias do *WhatsApp* que chegam, e isso é contraproducente com o ambiente de ensino que demanda mais concentração, mais foco. Então, há a demanda por meios de comunicação que sejam verdadeiramente preparados para o uso dessas ferramentas para o ensino e aprendizado, que não é a mesma coisa de um ambiente de ferramentas de entretenimento.

O quarto ponto, que é muito claro, a necessidade de uma mudança de postura, de um maior engajamento, da necessidade de maior disciplina para se concentrar no tempo necessário para acompanhar as aulas

gravadas, acompanhar as *lives*, combinar o tempo em que o docente, de maior autonomia, de maior independência, que demanda maior disciplina, maior engajamento.

Para um contexto de sala de aula, que é o nosso mais convencional, é mais fácil você ter a gestão dessas condições, agora para um contexto que demanda uma disciplina que é muito individualizada quando você fala: Olha tá aqui a aula gravada, isso é um privilégio você assistir quando você tiver condições de assistir.

Essa é uma oportunidade, mas pode ser também uma cilada, porque o próprio discente pode não buscar a condição de assistir devidamente essa aula, ele simplesmente joga isso na sua agenda, nos seus compromissos familiares e profissionais e protela, simplesmente deixa para o terceiro, quarto plano de prioridade aquilo que é o conteúdo necessário para o seu desenvolvimento.

No quinto, eu entendo outros colegas falarem essas palavras, eu entendo que são palavras de ordem e simplicidade e foco no essencial. Eu também tive a experiência de preparar aulas grandiosas, muito bem organizadas com várias ferramentas, como o *PowerPoint* longo, com vários slides, e isso não se mostrou essencialmente produtivo. Sobretudo naqueles momentos de sincronia entre a conexão entre nós professores e professoras e os discentes. Demanda uma conexão de qualidade, um tempo de concentração.

Então, mais foco no essencial e simplicidade, porque nós devemos combinar o momento de interação com a oferta a entrega e a preparação dos meios complementares para que se promova o processo de ensino-aprendizagem, e isso no contexto em que esses alunos e alunas estarão engajados com a disciplina, com responsabilidade, para poder proceder dentro da sua agenda pessoal, individual, dentro do seu dia, na sua

agenda, ter a oportunidade de desenvolver, ou deixar o tempo para poder estudar.

Então simplicidade, foco no essencial, na preparação do conteúdo de nós docentes professores e professoras é muito importante.

O sexto ponto, já indo para os “finalmentes”, e que outros colegas falaram desta palavra-chave: “empatia” e manter uma permanente conexão, uma boa relação, claro que dentro daquilo que é razoável, dentro do limite de tempo, que o professor Miguel falou, de uma comunicação no final de semana. É claro que você pode, dentro do que é lógico, fazer uma destinação do melhor tempo possível para não incomodar, para que isso não comprometa a qualidade de vida e as demandas de ordem pessoal que cada um de nós tem.

Agora, estar disponível, eu vou até dizer assim: “olha, eu estou *online* para vocês dessa hora a essa hora, para que caso alguém tenha interesse em tirar alguma dúvida e fazer alguma comunicação. Por favor me acione”. Eu posso até fazer uma gravação de vídeo. A gente abre uma sala aqui no *Meet*. Isso funciona, porque é uma mensagem clara de empatia, de respeito, de consideração, dentro de um encaixe entre aquilo que é o tempo em que o professor é professor, a oferta da realização da disciplina, para poder manter esse bom relacionamento, essa empatia.

Por último, eu não tenho dúvidas de que aulas remotas são boas, se não forem a regra. É um novo contexto que veio para ficar, ele nos abre, nos permite um conjunto de possibilidades, que de novo já foram ditas pelos que me antecederam. Uma colaboração com quem tá tão distante e trazê-lo ou trazê-la, um pesquisador, professor o agricultor, no caso da Engenharia Florestal, o produtor, uma tal liderança que você do ponto de vista logístico teria dificuldades de viabilizar uma vinda para

uma sala de aula. Se organiza uma sala virtual como essa. Então essas possibilidades de cooperação elas jamais serão esquecidas. Elas serão exploradas. As *lives* vieram para ficar. As mesas virtuais, como essa, também. E, sem dúvida, não é uma condição de confusão entre ensino remoto e ensino à distância, são direções absolutamente diferentes.

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA:

Acho que travou o computador do professor.

Faz parte do nosso momento.

Assim que nós trabalhamos no dia a dia.

Eu vou passar a palavra para o professor Djair.

Boa noite, professor!

PROFESSOR DJAIR ALVES MOREIRA

Boa noite professor Rozinaldo. Boa noite, professora Carla, professor Miguel, professora Raírys.

Obrigado pelo convite. Parabéns pelo seu trabalho, pela sua proposta.

Acho que é um momento importante de fazer essa avaliação. Infelizmente eu não consegui entrar no início porque justamente é a plataforma que eu não conhecia, eu só consegui acessar, porque a professora Simone conseguiu para mim. Eu já estava nervoso aqui. Não estava conseguindo acessar de maneira alguma. Mas, de certa forma, foi importante porque eu fiquei por último. Não consegui ouvir toda a fala da professora Raírys. Da mesma forma a do professor Miguel não consegui ouvir.

Eu ministrei apenas uma disciplina no ano passado, e foi bastante difícil, porque eu mesmo tenho muita dificuldade com tecnologia. É uma questão mesmo pessoal.

Digo para vocês que eu trabalho para não me bloquear. Mas eu tenho muita dificuldade. Eu perdi várias reuniões importantes até eu conseguir entrar, porque são plataformas diferentes. Mas nessa disciplina eu tive muita dificuldade, porque como foi falado, os nossos alunos estão distantes. Como a professora Carla falou dos alunos da Educação do campo, da mesma forma no Etnodesenvolvimento, os alunos estão muito distantes e em ambientes onde eles não têm acesso a uma internet de qualidade.

Nós, que estamos em Altamira, temos dificuldade e vejo que nós temos uma internet que é uma das melhores dos *campi* do interior da UFPA. E veja que, nós estamos em Altamira e temos dificuldade.

Nessa disciplina que eu ministrei ainda no ERE, tinha vinte e nove alunos e iniciamos com menos de 20 participando em sala, e depois do meio para o final da disciplina, três alunos foram até o final. Disponibilizava as aulas, os questionários, a lista de exercícios e respondia pelo *WhatsApp* as perguntas. Os questionamentos dos alunos, como professor Miguel falou, no final de semana em horários que não era o nosso horário de atendimento, mas nós atendemos, por entender a dificuldade que os nossos alunos têm por estarem distantes.

Esse é um problema do acesso à internet que dificulta a vida dos nossos alunos e, mesmo se os alunos estivessem nas cidades, eles teriam dificuldade, porque o aluno que está em Placas, em Uruará, Porto de Móz, eles também têm dificuldade de acesso à internet nesses municípios. Ficava bastante difícil!

Eu concordo com o que foi dito sobre a questão, do que veio para ficar dessa experiência que nós ainda estamos passando, que é o uso dessas plataformas digitais para melhorar a qualidade do ensino. A Universidade Federal do Pará, assim como as universidades federais públicas estaduais também preferem e defendem o ensino presencial, não são favoráveis ao ensino EAD, tanto é que a UFPA nunca tratou ele como ensino EAD, alguns colegas utilizaram, mas a UFPA não.

Por que eu digo isso? Porque eu já vi algumas pessoas falarem que elas estão trabalhando no ensino EAD. Nós não trabalhamos com EAD, nós trabalhamos no ensino remoto emergencial, numa perspectiva para que nós atendêssemos os nossos alunos, os nossos mais de 40 mil alunos, com o mínimo possível de disciplina. Isso comprometeu bastante a nossa vida, e quando nós recebemos um relatório, a coordenação recebe um relatório, as direções de faculdades também, de como está hoje, e de como esteve a participação dos alunos nas comunidades acadêmicas e principalmente nos campus, vê-se que há uma grande quantidade de alunos que não participam.

Como eu sou coordenador do campus, como tenho dificuldades e o rendimento não era tão favorável, eu preferia não ofertar a disciplina, até porque tem professor na Agronomia que ministra as disciplinas que eu ministro também. Então fiz essa opção pela minha própria dificuldade e por eu também de certa forma tem o meu PIT (Plano Individual de Trabalho), voltado para a gestão, mas não é o que eu queria, eu sempre quis ficar com disciplina para não ficar afastado da faculdade, dos alunos.

E falando aqui mais para vocês o que eu ouvi dos colegas e como coordenador do campus, eu digo para vocês que esse momento é de aprendizado, ele veio para ficar mesmo.

Eu participei e tive a oportunidade de participar de vários programas, de lives realizadas por colegas da faculdade de Agronomia, com professores que estão em Piracicaba, com professores que estão em várias universidades, várias instituições Brasil afora, é muito importante esse processo. Hoje nós temos no Campus uma estrutura que permite que nós passamos isso de uma forma bem mais tranquila que era o *layout* de um projeto do professor Ferreira, que temos atendido como nós havíamos solicitado várias emendas parlamentares para este ano. Nós recebemos um recurso de cento e trinta e seis mil reais. Mas quando é pouco recurso, o que é que nós vamos fazer com isso? Vamos procurar desenvolver algumas ações que vão atender a toda a comunidade acadêmica. Pouco dinheiro, mas sendo bem utilizado.

Nós avaliamos, na coordenação do campus, que resolveria boa parte do nosso problema.

Para informar para vocês, um deles foi sobre a questão da vigilância, de câmeras que vão atender a toda a demanda do nosso *campus*, dos dois lados, área um e área dois. E outro, foi aquisição mais tardia de sistemas que é o LEDTAN (Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais na Amazônia). Nós já fizemos várias reuniões, com presença do Reitor, com presença de pró-reitores, com vários colegas da gestão superior em Belém.

E por que nós fizemos isso?

Justamente para que nós possamos atender a esta demanda com uma quantidade maior de possibilidades de ofertas. Para que o professor Léo Zenha, possa conseguir uma aula de um professor lá da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), lá de Minas Gerais.

Enfim, estou citando o professor Léo Zenha, porque eu tô vendo ele aqui, ele é lá de Minas.

É uma possibilidade que nós temos com essas ferramentas, de melhorar a qualidade do nosso ensino, de trazer pessoas de fora com grande conhecimento e contribuir. Então, nessa perspectiva, do que fica, é trabalhar com nossos alunos com várias outras possibilidades. Eu acho que isso é bastante importante para nós. Buscar o máximo de parceria externa para contribuir com a qualidade do nosso ensino. Sei que todos os professores tiveram dificuldades. Por mais que seja um professor que tem maior facilidade com tecnologia, mas a internet, ela é desenforme para a comunidade acadêmica

E agora para finalizar, a recomendação da educação superior é que nós nos unamos para buscar os nossos alunos, para trazer o máximo de alunos, para que nós não venhamos a perder uma grande quantidade de alunos. Abraçar esses alunos, a empatia como professora Carla falou, trazer esses alunos para a universidade, para os nossos cursos. Estimular nossos alunos, e dar toda atenção que eles precisam. Tá bom?!

Muito obrigado.

Espero que eu tenha contribuído e um bom trabalho a todos

MEDIADOR PROFESSOR ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA:

Olha pessoal, eu quero muito agradecer as contribuições aqui dos professores que estiveram conosco aqui no primeiro bloco.

Professora Raírys, professor Miguel Alves Júnior, professora Carla Giovana, professor Anderson e Djair, que estiveram conosco aqui para o nosso primeiro bloco, e eu quero já passar a palavra para o meu amigo, companheiro de faculdade e de projeto mesa virtual, professor Renato, que vai dar prosseguimento ao segundo bloco.

A partir deste momento, eu e o professor Djair e os outros professores que participaram do primeiro, vamos ficar *offline*, continuar assistindo as contribuições dos professores que são do segundo bloco.

Boa noite a todos.

Um abraço!

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Obrigado, professor Rozinaldo!

Boa noite a todos a todas que estão nos assistindo e também aos professores e professoras que estão participando desta *live*. Esse aqui é um momento muito importante para que nós possamos também externar um pouco das nossas experiências. Por isso, nós quisemos trazer os professores que estão nas faculdades, na graduação, na pós-graduação, para que relatem um pouco de como foi este um ano de aula nesse modelo virtual, remoto. Para que nós, da comunidade acadêmica, também possamos verificar daqui quais são as experiências positivas e quais são também as situações negativas. Que nós possamos estar melhorando, para no futuro tirar algum proveito de toda essa situação que não foi fácil, não está sendo fácil ainda, pois, o país passa por uma tragédia imensa de mais de 600 mil mortes pela Covid, nós tivemos que reorientar toda a nossa vida e também a nossa condição de trabalho. Mas, mesmo assim estamos conseguindo fazer as nossas atividades, de uma forma que possa atender minimamente, mas possa corresponder ao trabalho da universidade.

Agora nesse segundo bloco, nós vamos ter a presença do professor Luís da Faculdade de Medicina, professora Gizélia, da Faculdade de Letras, Professor Fernando Farias da Faculdade de letras, o professor José

Neto da Faculdade de Geografia e o professor Leonardo Zenha da Faculdade de Educação.

Nós procuramos diversificar ao máximo, os professores de todas as faculdades, para que nós pudéssemos dar a voz ao formato que cada um vem trabalhando.

Então, neste momento eu gostaria de passar a palavra para a professora Gizelia, para que ela possa contar um pouco da sua experiência, falar um pouco para nós, como é que foi este momento de trabalho remoto.

PROFESSORA GIZÉLIA FREITAS DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR:

Boa noite gente!

Boa noite, professor Renato!

Boa noite aos demais professores.

Obrigado pelo convite para participar desse momento em que a gente passa a relatar as nossas experiências desse último ano, em meio a essa pandemia. Aqui, a gente percebe que as situações são muito semelhantes. A gente está, como dizem, não no mesmo barco, mas na mesma tempestade.

Então, eu vou falar a partir de algumas categorias. Eu separei por capacidade de adaptação, por gestão do ambiente, pela preparação docente, pelas estratégias de avaliação, pelas estratégias de ensino pelos e pelas questões emocionais, para a gente poder chegar nesses 10 minutos de fala.

Então, nesse um ano de trabalho... primeiro que, quando a UFPA suspendeu as atividades presenciais, eu como muitos colegas, estava no meio de uma disciplina. Então, quando foi preciso retornar, a gente teve

de entrar em acordo com a turma para verificar se seria possível continuar de onde paramos. Desde o momento de retomada do que foi trabalhado em sala de aula, esse momento foi muito proveitoso, porque em sala de aula era um momento muito prático, era aquilo que a gente estava precisando mesmo. E quando voltamos, tivemos essa primeira conversa, e os alunos aceitaram. Acharam melhor que a gente continuasse de onde tinha parado e seguisse adiante. Para mim, foi um momento de preparação para iniciar uma nova disciplina que viria depois dessa.

Então, tivemos esses momentos de capacitação. Eu precisei ainda passar por essa capacidade de adaptação que é referente aos aprendizados que a gente traz. Apesar dos docentes que vêm dessa adaptação de comportamento e de metodologias, numa mesma disciplina. Em um momento eu estava de forma presencial, usando todo o corpo para poder dar aula, porque a gente trabalha com expressões faciais, com muito movimento corporal e com a operacionalização de voz, para que a gente possa trabalhar essa disciplina que é fonética e fonologia. E aí vem para um ambiente que a gente passa a trabalhar mediado por uma tecnologia, por um ambiente diferenciado, à distância, algo que não foi previamente combinado, mas que a gente passou a se adaptar.

Assim como a professora Carla falou no bloco anterior, esse primeiro momento, essa primeira parte em que a gente teve a suspensão das aulas, até o momento de retomada, foi todo de preparação. Desde Webinários oferecidos pela UFPA – até hoje eles acontecem a todo momento – até os cursos, oficinas que são ministradas por outras instituições. Nisso eu tive a oportunidade de participar de disciplinas em outras Universidades, em programas de pós-graduação de outras universidades e aqui eu tive a oportunidade de me preparar com

Webinários ofertados pela UFMG, pela UFRJ (Universidade do Rio de Janeiro). Como a professora falou, realmente, eu só me dediquei a essa preparação, para ver como seria quando chegasse o meu momento.

Passando para outro ponto, que é a gestão de ambiente, que é referente à organização do ambiente de trabalho e a conciliação com as demandas domésticas. A gente está utilizando um ambiente que não foi feito para fins didáticos, formais. Então aqui a gente tem, em alguns momentos, três quartos que se dividem em três salas de aulas diferentes. A gente tem quartos transformados em salas de aula. Ao mesmo tempo que a gente tem acesso ao ambiente do aluno, o aluno também tem um acesso ao nosso ambiente. Ele estava participando e acaba tendo contato, por exemplo, com os nossos filhos que de vez em quando abrem a porta e aparecem na câmera e querem conversar com quem tá ali; eles têm acesso ao latido do cachorro, às discussões sobre qual é o nome do cachorro e quantos bichos tem aí.

E ao mesmo tempo a gente precisa se desdobrar entre preparar a aula nesse ambiente, ministrar aula nesse ambiente, auxiliar os filhos também nesse ambiente – porque eles também estão tendo aula em ambientes virtuais. A gente precisa se desdobrar entre isso e ainda preparar as refeições, fazer as refeições e cuidar desse ambiente, que é a nossa casa, é o nosso lar, e passou a ser usado como espaço profissional.

Isso foi com todo mundo, mas ele se reflete mais, infelizmente, para quem é mãe, para quem é mulher e tem que lidar com todo esse aspecto. Aqui a gente ainda tem essa divisão de tarefas. Mas em muitos ambientes a gente sabe que isso não é uma realidade e sobra tudo para o lado feminino.

Além dessa gestão de ambiente que a gente teve que adaptar, eu também tive que adaptar as estratégias de ensino, de estratégias de avaliação, coisas que eu utilizava em sala de aula e que eu não pude utilizar mais. Como eu falei ainda pouco, há disciplinas em que a gente usa de tudo, do corpo, de aspectos físicos para facilitar o entendimento em sala de aula, a gente vai no quadro, desenha, faz uma coisa diferente, mas nesse ambiente aqui, no primeiro momento, o impacto veio assim: eu não posso usar, como é que eu vou fazer? E ao mesmo tempo que eu tive que adaptar as minhas estratégias de ensino, eu também tive que adaptar as estratégias de avaliação. E como é que eu vou passar uma prova? Ah! Mas vai muito da consciência do aluno. Ele vai “colar”? A gente sabe que ele vai “colar”? Será que ele vai “colar”? Eu não tenho como afirmar. Não tem como verificar se ele vai “colar” ou não.

Então, a gente tem que lançar mão de estratégias que vão além de uma prova escrita, por exemplo, onde eu utilizava duas plataformas diferentes para fins de precaução: utilizava a plataforma do Google e a do SIGAA, que é própria da UFPA. As duas plataformas têm como você limitar o tempo e a quantidade de tentativas do aluno. Os alunos acabaram se adaptando nessa questão. Se for uma prova escrita, a gente tem consciência de como fazer essa prova escrita. E uma forma que melhorou isso foi trabalhar atividades avaliativas por meio do *Meet* mesmo, por essa plataforma que a gente está trabalhando as aulas.

Se a gente mudou do presencial para online, então a gente também pode adaptar uma outra forma de avaliação, outra forma de avaliar o aluno, utilizando vídeos e daí surgiram vídeos maravilhosos, quase que profissionais, enviados pelos alunos, de acordo com o que a gente estava ministrando.

Nesse período, administrei uma média de 12 disciplina. Eu estou indo para a minha 13ª disciplina, nesse momento. Além disso a gente tem envolvida as questões emocionais, e nesse contexto de aulas remotas que são os aspectos que se relacionam a própria doença Covid-19, as tecnologias e as relações interpessoais. Muitos alunos adoeceram ou tiveram parentes que adoeceram, e muitos alunos apresentaram dificuldades básicas como o uso do próprio aparelho celular, utilizar os dados de internet, muitos não sabiam como fazer isso, e aí a gente teve que voltar e fazer uma espécie de passo a passo, um tutorial de como assistir às aulas online, como acompanhar as aulas assíncronas, também, todo o caminho para chegar ao *Google Classroom*, para ir a um canal no *YouTube*, para ir para um *Webinário* que você encontrou, achou interessante.

Então a gente teve que fazer um acompanhamento que desse autonomia para que aquele aluno pudesse seguir adiante para acompanhar as disciplinas. A gente teve também alunos que começaram a trabalhar no meio da disciplina, no meio da pandemia. Muitos estavam ali e em atendimento, porque trabalhavam no balcão de atendimento com fone no ouvido, ouvindo a aula, acompanhando a aula, fazendo tudo que podiam para acompanhar.

Só que isso a gente só pode saber, eu só pude saber, perguntando, porque eram alunos que não participavam muito, porque só ficava aquela bolinha lá na janela do *Google*, ou porque estava com dificuldade, não tinham entregue o trabalho, não tinham feito determinada atividade. E a gente pergunta: mas Fulano, tá acontecendo alguma coisa? Tá precisando de alguma ajuda? E aí eles vêm explicar.

Então, nessa pandemia, a gente precisa exercitar muito a nossa empatia com os nossos colegas, com os nossos alunos, principalmente,

porque a gente chegou a ter aula... eu tive aula em que o aluno estava numa casa que só tinha um cômodo, e havia cerca de 10 pessoas naquele mesmo cômodo e ele estava no cantinho assistindo aula. Ele veio me explicar: Professora, não tenho como abrir a câmera nesse momento por causa “disso e disso”. No finalzinho da aula ele mostrou, fez um *tour* pelo ambiente, mostrou para todo mundo como era que ele estava assistindo aula, acompanhando as aulas.

Então, o importante, eu acho, para o futuro, a para agora, é que a gente pôde exercitar, a gente pôde demonstrar e procurar exercitar esse nosso lado mais empático. Exercitar a compreensão de que o aluno que vem para nossa aula presencial, ele tem um universo inteiro ali dentro dele. A gente não tem conhecimento disso e a gente só sabe no momento de dificuldade, como foi esse momento que a gente pôde acompanhar. Então do meu relato, da minha experiência, o que eu tenho para passar para vocês é isso, no momento

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Professora, agradeço a sua contribuição, o seu relato de experiência que com certeza ajuda a clarear um pouco mais as nossas compreensões sobre este momento que acho as disciplinas, os professores estão tentando se adaptar ao ensino remoto.

Eu vou passar para o professor Luiz, da Faculdade de Medicina, vice-diretor do Campus de Altamira, para que ele também possa falar um pouco dessa experiência, de como foi trabalhar durante esse ano no ensino remoto.

PROF. DR. LUÍS MAUÉS-PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA E VICE-COORDENADOR DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA DA UFPA:

Boa noite, professor Renato!

Gostaria de agradecer ao professor Rozinaldo pelo convite de poder estar aqui essa noite, nesse evento, que é muito importante.

Agradecer também a todos os colegas presentes que se propuseram a fazer relato de experiência e a todos que estão assistindo.

Então, o professor Renato já falou, eu sou professor da Faculdade de Medicina e vou falar um pouco como foi essa experiência. Primeiro temos que falar que a pandemia veio para modificar todo mundo, ela veio para mudar. Se perguntarem: Luís, tu achavas que a pandemia ia tomar essa proporção? Não!

Eu lembro que, em fevereiro do ano passado, quando me falaram que estava havendo uma situação na China, que viria uma pandemia muito grande, eu até duvidei, pelo fato de que imaginava, falei assim, houve uma época que falaram do H1N1, muitos ficaram preocupados, mas conseguiram controlar, consegui ter uma solução, não foi uma situação tão grande. E aí em março, quando íamos iniciar a aula, tivemos duas semanas de aula e logo em seguida a UFPA paralisou.

Primeiro pensamos que essa paralisação ia ser breve e que logo iríamos poder retornar à aula no modo que conhecíamos, e aí veio uma nova resolução, interrompendo as aulas, que ficou até outubro sem aula. E nesse período ficou uma expectativa muito grande de como seria esse retorno, porque era repassado para todos que deveríamos fazer um planejamento de formas possíveis, essas formas poderiam ser tanto presencial completo, uma forma híbrida e uma forma remota. E como

houve um agravo muito grande, veio a pior situação, que seria adotar um remoto e ter que compreender toda a faculdade.

Eu falo pela Faculdade de Medicina, mas também pelo Campus, que tiveram que se adaptar e entender que o ensino remoto não é a mesma coisa que o ensino a distância. Ensino a distância ele é todo preparado, já moldado para dar um suporte adequado que é para educação a distância, então, no momento que iria ter o ensino remoto, a UFPA deu apoio, houveram muitas oficinas e formação de capacitação para que pudesse ter o uso de ferramentas, essas ferramentas podem ser utilizadas como apoio para o ensino remoto, porém, sabia que a grande dificuldade ia ser o acesso, que nem todos os nossos alunos tem um bom acesso à internet, para que pudesse fazer um acompanhamento.

Falar na medicina, pode-se entender que o curso é baseado em metodologia ativa, então por ser baseado em metodologia ativa, ele praticamente é ofertado cada semestre, do 1º ao 8º semestre, que é antes do aluno ir para o internato, ele passa quatro componentes como semestre. Desses quatro componentes, um componente, a gente chama de “Habilidade Médica”, é um componente prático, então não podia ser ofertado. E o outro componente que a gente chama de “PIESC”, que é Prática e Educação a Serviço da Comunidade, que é feito na unidade básica de saúde, toda semana o aluno vai lá vivenciar uma oportunidade prática presencial também não podia ser ofertado. E o terceiro componente, é um componente que chama “Concepção, Formação, Ciclo de vida do Ser Humano”, mas que ele engloba todas aquelas disciplinas básicas que normalmente, no passado, a gente entendia como anatomia, fisiologia, histologia, bioquímica, genética e imunologia, só que trabalhado em metodologia ativa, é um componente grande, de 270 horas, e normalmente esse componente, ele tem uma parte teórica, e essa parte

teórica é conferência, então a adaptação dessa parte foi muito fácil, porque já era feito conferência teórica, só que mudou para ser feita através de remoto principalmente, com o uso do *Meet*.

E uma outra parte que a gente chama de “PBL”, que é uma Aprendizagem Baseada em Problemas, onde também ainda dentro desse componente, que por ser metodologia ativa também pode ser adaptado de forma bem fácil. No primeiro encontro temos uma abertura do problema e tem um segundo encontro que após o aluno desenvolver o estudo de fase do fechamento do problema. Porém, eu não atuo como tutor nessa metodologia, eu atuo na parte que é de laboratório mesmo, na parte que é componente prático, mas que para que o aluno da medicina não fique sem ter aula, por causa que outros dois componentes não podiam de forma alguma ser ofertados, por que são componentes práticos, que de qualquer forma não tinha como ser trabalhado. Esse componente, que é o maior, 200 a 250 horas, tinha que ser adaptado.

Foi isso que a faculdade fez, primeiro, é claro, com toda a responsabilidade, com todo o programa, com a PROEG, mostrando como que seria feito, como seria tratado, para poder adaptar algo que tinha prática. Tinha prática que era de laboratório, mas que tinha que ser ofertado, porque senão não ia ser ofertado nada ao aluno, porque o quarto componente, é um componente que é estudo autônomo que é um horário que o aluno tem conta no currículo, mas que é um horário para desenvolvimento do estudo durante a semana. Então, essa primeira adaptação pôde ser feita, mas eu não sabia que ia ter um prejuízo para o aluno grande.

Grande por quê?

O aluno estava numa situação antes, tendo aula em um laboratório, o professor está presente, o professor está acompanhando, vendo a

realidade da dificuldade que o aluno está tendo. Nesse componente, a gente trabalha com roteiros, então, antes da aula, passamos o roteiro de estudo para o aluno, e aí o roteiro de estudo ele ajuda o aluno desenvolver o seu estudo próprio, fala na metodologia ativa, a capacidade de aprender, o rápido, e por conta disso, já facilitava, porque já trabalhamos com roteiro, então vamos entregar o roteiro, o aluno desenvolve, só que eu teria que fazer com o aluno o desenvolvimento, que antes era feito em um laboratório, mas agora é através de um encontro virtual. Então claro, tem prejuízo, mas é possível, foi possível ser feito no encontro, marcar o horário para tirar dúvidas, e daí ficava à disposição, deixava *WhatsApp* para os alunos, para que eles pudessem fazer contato e trazer as dúvidas.

Então entender principalmente que o aluno ia trazer as dúvidas e poder em um encontro, num momento que era de esclarecimento das dúvidas.

Houveram dificuldades na questão de avaliação?

Sim! Houveram!

Vou dar o exemplo, como eu falei, como é um componente que não participa somente um professor, então não era somente eu, dividia o componente com outros professores, a principal avaliação que ficou sendo feita foi o PBL, já estava ali sendo avaliado. Porém, na minha parte ela contava menos, e por contar menos a avaliação, como era que eu poderia fazer essa avaliação?

Ver o estudo que ele desenvolveu do roteiro. Então o roteiro às vezes tinham perguntas, que o aluno ia responder, ou então o aluno poderia desenvolver um mapa mental e ele me repassava por e-mail como foi o desenvolvimento daqueles estudos durante a semana, para que eu pudesse visualizar se o aluno desenvolveu aquela proposta de

competência que deveria atingir na semana. Também fazia testes através de projeção. Projetava uma imagem ou uma questão para que o aluno respondesse rapidamente pelo *WhatsApp*, uma estratégia de poder avaliar o aluno, não como questão de nota, mas poder acompanhar e entender se o aluno estava conseguindo ter uma boa compreensão, se o aluno estava tendo dificuldade, ou não.

O ponto negativo da questão da metodologia no remoto, como falei, nem todos tinham a mesma qualidade de conexão da internet, então, o aluno logo dizia: Professor, eu não posso manter minha câmera aberta porque a conexão é ruim, era justificativa.

Antes da pandemia, por trabalharmos com metodologia ativam a gente acaba conhecendo muito o aluno, conhecendo o aluno que tem dificuldade, e poder fazer uma estratégia para aquele aluno que está tendo dificuldades, para que ele possa melhorar, mas nessa situação que o aluno estava com câmera desligada e que não se pronuncia, então é uma forma mais difícil de compreender quem é aquele aluno. Então, esse foi um ponto que eu senti muito, não conhecer a turma completamente, não vivenciar aquela experiência completamente, porque, muitos acabavam se negando a abrir a câmera para que pudesse ter um contato visual, isso também ocorreu.

Então, eu falei que isso pode ser feito esse trabalho, em parte muito por conta de poder ter esse apoio de uma equipe, aquela metodologia não era somente do professor Luís trabalhando com aquela turma, mas dentro daquela turma, eu tinha outros colegas que podemos ter também esse recolhimento, pudesse ter essa atenção ao aluno. Depois a UFPA, em outro momento, também forneceu os *chips*, para aquele aluno que não tinha um computador poder ter um acesso e poder acompanhar, mas que foi uma grande preocupação. Mas como consequência, claro,

não pôde ser ofertado tudo, por conta disso temos uma situação em que praticamente todas as turmas estão com atraso de um semestre. Então não no caso da Medicina, agora, praticamente com esse retorno, mais a possibilidade de ter o híbrido regularizar de forma que o aluno pudesse voltar no que seria um planejado normal do curso dele, então, tá com esse atraso, que é de um semestre para todas as turmas.

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Agradeço a sua contribuição, sua exposição também, muito esclarecedora. Acredito que todos os cursos estão tendo também essa compreensão de como está se dando também para o curso de medicina, que não está sendo fácil. É um curso que tem uma metodologia diferenciada, uma dinâmica própria, diferente das outras faculdades no processo de ensino e também da condução da disciplina.

Eu vou passar a palavra para o professor Fernando que é da Faculdade de Letras, para que ele possa nos contar um pouco como foi trabalhado esse período de pandemia, nesse processo de ensino remoto

PROFESSOR FERNANDO FARIAS

Gente, boa noite!

Obrigado!

Boa noite!

Agradeço o convite do Renato, ao Rozinaldo, que fez o convite; também ao Marcelo que está no nosso apoio, e aos colegas aqui dividindo esse debate bem interessante nesse relato que acaba nos colocando numa reflexão da nossa profissão frente a nossa atuação especial na UFPA Altamira.

O que eu trago, o reflexo, uma reflexão de 4 atuações que eu tive no ensino remoto, um pouco da reflexão, quando digo reflexão, é porque é um pouco das observações que eu venho colhendo acerca da atuação dos colegas e dos alunos também. Então, eu vou dividir essa fala em dois momentos, e tentar atingir os 10 minutinhos, vou fazer esse esforço.

Ora, eu vou tratar um pouquinho algumas questões dos professores de Letras-Português, da nossa faculdade, hora algumas questões dos alunos. Isso tudo como eu falei, espelhado em quatro disciplinas que eu penso que é bom destacar porque elas trazem movimento diferente. Por exemplo, psicologia da educação, turma PARFOR. A gente sabe que é uma outra cadência, uma outra conjuntura, e aí, eu peguei didática geral, letras noite 2019, uma turma de quase 35, 40 alunos, e outras duas disciplinas Filosofia e História, com turmas de manhã.

Então são possibilidades que acabam se movendo no presencial e no ensino remoto ganharam outras dimensões. Tratando do primeiro enfoque, do bloco professores, eu acho que é possível relatar e é interessante, e acaba concordando com o que a maioria já nos apresentou aqui.

No Letras-Português, a nossa primeira dificuldade foi entender o que era o ensino remoto, eu acho que até hoje a gente faz esse esforço para entender ali na vivência o que é o ensino remoto, mas paralelo a isso, conjugado a isso. Da nossa categoria, da nossa faculdade, dos professores, eu percebi também muito esforço para conjugar isso com a condição emocional, grande parte de todos nós, muitos abalados, muito receosos com toda essa catástrofe, essa pandemia. Então eu percebi, em algum momento uma dificuldade nesse sentido. E além disso, muitos de nós perdemos parentes, perdemos familiares, conhecidos, amigos, como tantos outros brasileiros, mas quando a estatística é na nossa casa,

nossa família a coisa fica extremamente mais aguda. Então, é manter a cabeça erguida e vamos continuar o ensino remoto.

Eu percebi isso com os professores do Letras-Português, foi muito intenso.

O segundo ponto, que eu destacaria dos nossos professores, foi o que eu chamo, de uma dificuldade tecnológica. Primeiro, esse material de trabalho foi necessário para nós nos readaptarmos, adquirir, em alguma medida, compra um som do microfone melhor, compra uma câmera, uma luminária para não ficar muito só um vulto aparecendo um efeito no fundo. Então, foi uma atividade não só que a gente teve que adquirir, mas também saber utilizar, manusear. Todos nós eu acho que vivemos um pouco isso, uma estruturação de você. Eu estou aqui, mas, por exemplo, nas minhas aulas da manhã, quase sempre meu filho vem, entra e aí a turma também já tem uma interação com ele, e ele vem, pergunta: Quem são? O que fazem?

Então foram outras possibilidades, enquanto professor, a gente saber contornar, e ainda nessa dimensão professoral, esse malabarismo síncrono assíncrono, eu tive que fazer com a mãe dele, a professora Roseane que é professora da UFPA. Então a gente teve que também saber montar um cronograma familiar, profissional, para poder conseguir trabalhar e ter a nossa convivência, nossa família, ainda em funcionamento como deve ser, cuidando de uma criança de 4 anos. Então, essa dimensão da dificuldade tecnológica, a aquisição.

O terceiro ponto que eu considero desse momento do ensino remoto, que eu julgo ser muito proveitoso, foi que em uma medida nós nos apresentamos e conhecemos o mundo, que até então não era tão explorado. Aí eu falo, com um certo receio, mas colocando aqui. Enquanto professor de didática geral, eu lembro que um colega nosso, professor

Itamar, questão de seis meses antes da pandemia, me procurou e informou sobre uma ferramenta muito boa, e aí ele falou no *Google Classroom*, aí ele me explicou, mas eu só que eu falei, assim, isso daí é besteira, quer dar uma inovada. Pensei, somente!

Ele me deu uma aula e entendi, daí disse, mas vou guardar, não vou meter isso na didática que não vai ser preciso. Passaram-se seis meses, estoura a pandemia e eu me vi na iminência de estudar o Google Sala de Aula e colocar em prática, ajudar os colegas que era necessário. Alguns colegas tiveram muita resistência, muita dificuldade, então o e-mail virou único canal, *WhatsApp* virou o único canal, alguns colegas que tiveram que criar o *WhatsApp*, inclusive teve alguma resistência, de muitos poucos, mas havia.

Então, mas nisso tudo, eu vejo proveito, que tivemos no curso de letras, foi aquisição de curso, por exemplo, alguns colegas, inclusive, conseguiram fazer curso na própria UFPA, cursos de formação relacionado ao ensino remoto e cursos também para qualificação profissional, eu cheguei a fazer cursos na Universidade de São Paulo, na UFRJ (Universidade do Rio de Janeiro). Fiz os cursos, inclusive ainda estou fazendo alguns, no sentido de qualificar, ampliando um pouco esses horizontes formativos.

Olhando agora pelo espectro dos alunos, não querendo falar pelos alunos, mas falando a partir do que observo acerca dos alunos, eu destacarei que o primeiro que trouxe o abalo para os alunos, foi a compreensão também do que veio a ser esse ensino remoto. E ao compreender, ou estar nesse movimento de compreensão, do que foi ensinar remoto aos nossos alunos de Letras-Português, aqueles que eu observo e que também venho conversando com alguns outros, eles em algum momento viram, um espaço que era prazeroso, o espaço que era

extremamente de grande descontração, que era a internet, as redes sociais, apareceu um intruso, alguém se instalou agora e vai tratar no nosso ambiente uma dimensão séria. Então além do Instagram, além do Facebook, além do WhatsApp, agora nós temos o Google Sala de Aula, e a isso em algum momento tornou a internet enfadonha, tornou o mundo virtual um pouco rígido, um pouco áspero, para, claro, os alunos que tinham acesso, muitos alunos na zona rural não tiveram acesso, por exemplo.

E algo que é curioso nesse sentido, e eu destacaria como um ponto em particular, é muitos movimentos de desdobramento, quando eu destaquei inicialmente dos alunos do PARFOR regular noite, manhã, os alunos do PARFOR, por exemplo, de Porto de Moz são os alunos que já tenham uma vontade de vencer, de concluir é um sonho entrar na UFPA. Teve alunos que ele vem uma vez na semana na cidade, aí o outro colega entregava todas as aulas, anota tudo, então entrega um pen drive, entrega o CD e volta para a localidade dele para estudar.

Esse movimento eu considerarei muito rico, muito interessante. Acho que a professora Carla comentava ainda a pouco, esse esforço de professores e alunos em continuar o vínculo, continuar os estudos, continuar o trabalho. E ainda que as dificuldades surgiram, e as dificuldades continuaram, permaneceram.

Pontos positivos que eu vi nesse novo contexto, nessa nova configuração, foi um dos fatos que eu destacaria, são as produções dos alunos. Acho que a colega enfatizou, a professora Gizélia, os alunos inclusive fizeram oficinas profissionais com o professor Léo Zenha, sobre fazer *podcast*, então agora é alunos que já traz um *podcast* com locução, uma coisa toda bem elaborada, bem bacana. É uma ferramenta que eu acho que vai ficar, e certamente fica para o nosso presencial. Isso é só

um exemplo, tanto do regular, quanto do PARFOR, dos alunos que se apropriaram e levaram isso a cabo.

Outro ponto que eu destacaria, em alguma medida, foi um ponto positivo, alguns alunos nessa possibilidade que a universidade inclusive a UFPA apresentou, eles conseguiram ampliar os seus acessos, conseguiram chip, conseguiram um computador, conseguir isso e aquilo, e aí eles acabaram não só se inserindo no mundo virtual, alguns inclusive, começaram a utilizar o computador a partir dessa pandemia, mas eles conseguiram fazer o uso da internet. “Ah professor nem tinha *wi-fi*, agora eu tenho um chip”. É algo que eu considerei expressivo, considerei relevante, ainda que a fração seja, não nosso desejado, mas enquanto Universidade, enquanto Faculdade de Letras-Português, considero que foi ponto bem legal.

Por fim, algo que me preocupa, e eu apresento isso como um registro e acho que tem que debater isso: Grande parte dos nossos alunos, eu observei isso em Letras-Português, foram capturados pelo trabalho.

Então, colocaram na balança, entre o sonho e entre o trabalho, entre a sobrevivência, muitos deles. Eu acho que de uma turma de trinta, cerca de 10 a 12 apontando para os 15, eles optaram pelo trabalho, os demais desses 15 restante, 5 fazem algo simultâneo de tá no balcão enquanto está tendo aula, mas se tornou preocupante. Eu ouvi a fala do professor Djair anteriormente, a gente tem que empreender uma nova reconquista desse aluno, reconquista dos nossos alunos e reconquista dele com o seu sonho, com suas possibilidades de formação para ele e por conseguinte o impacto que traz para a região. Acho que o fator trabalho foi um elemento surpresa.

Agradeço e concluo por aqui.

E agradeço a todos vocês.

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Obrigado, professor Fernando, pela sua colocação, sua exposição também sobre trabalho docente nesse momento de pandemia é muito relevante para que entendamos como é a dinâmica, como é que se deu para todos nós, professores, também pudéssemos estar presentes, embora de uma certa distância, pelo *home office*, mas presente no dia a dia da sala de aula, no dia a dia da Universidade, junto com os nossos acadêmicos, fazendo os trabalhos acadêmicos.

Eu vou passar para o professor José para que também ele possa contar um pouco da sua experiência, um pouco da experiência da Faculdade de Geografia, como é que vem se dando esse momento do ensino remoto.

Boa noite!

PROFESSOR JOSÉ QUEIROZ DE MIRANDA NETO

Oi!

Boa noite a todos e a todas!

Primeiro gostaria de agradecer o convite que feito pelo professor Rozinaldo, e também para o professor Renato da Faculdade de Educação, é um projeto muito interessante que tem como uma de suas metas explicar esse momento que nós vivemos atualmente causado pela pandemia, que é da universidade voltada ao ensino remoto.

Então, parabenizar pelo trabalho, eu acho que ele tá acontecendo no momento correto que é um momento que a gente passou aí, quase todos os professores passaram a trabalhar com esta modalidade, e agora é o momento de falar das experiências, porque apesar do problema que é pandemia, das pedras de tudo o que aconteceu, que é algo que com

toda certeza ninguém quer repetir no mundo, a gente precisa entender enquanto humanidade, esse processo enquanto cientistas, enquanto educadores. Até porque nós não estamos livres de outras mudanças que podem acontecer no futuro.

Então, parabéns!

Então, falar desse momento, que foi um momento de incerteza, de angústia, todos nós perdemos pessoas queridas, amigos e parentes e foi um momento de crise, e por ser um momento de crise, ele também é um momento de mudanças. Não podemos deixar de dizer, também de certos aprendizados.

A UFPA como foi falado aqui, por vários professores, ela teve que se adaptar a esse contexto, e de fato, a UFPA, ela não tem de forma generalizada esse modelo dessa prática a distância. Nós temos sim alguns cursos atividades a distância, mas enquanto prática para toda a universidade conseguir fazer isso, no tempo que nos foi dado, realmente foi algo muito difícil.

Como o professor Luís falou, o remoto é uma coisa, ensino a distância é outra e nós não temos a prática com ensino a distância e ainda não temos esta prática, ainda temos que lidar com essa novidade que foi o ensino remoto. Então, isso deixou um monte de professores e alunos preocupados e apreensivos. Tiveram que se adaptar. E aí surgiu o ensino remoto emergencial, o ERE e toda essa quantidade, como disse o professor Fernando, toda essa parafernália que a gente passou a aprender a usar, e todos esses recursos tecnológicos, os botões das configurações. Dificilmente agora a gente vai ter dificuldade para configurar os nossos microfones, porque oh coisa para dar problema, e ainda dá.

Então a gente vai aprendendo com isso e quando chegou o ERE, nós não tínhamos uma plataforma padrão de ensino, e como eu disse, não é

ensino a distância, onde você tem uma plataforma que o aluno é conduzido metodologicamente, é como se fosse uma forma de autogestão. E, aí cada professor teve que encontrar sua solução, e muito embora houvesse conversas, reuniões e orientações, com certeza foi algo que cada professor teve que encontrar o seu caminho.

Então vou falar um pouco do caminho que foi utilizado por mim. Em primeiro lugar, eu quero dizer que foram várias experimentações, todos nós fizemos nossas experimentações para ver em princípio qual era a forma que seria mais adequado, por exemplo o SIGAA que mudou muito nossa forma de trabalhar, com um registro de informações, das nossas informações, mas não seria muito bem uma plataforma muito amigável para conduzir as atividades do ensino, tem o desafio das senhas, tem os meandros, até o aluno chegar no ambiente de ensino é muito difícil. Então, fazer vários tutoriais até o aluno chegar nesse ambiente seria complicado.

O *Classroom* também mudou bastante, ele foi um sistema do *Google* que se adaptou durante a pandemia, ele foi acrescentando recursos. Como eu não consegui utilizar ele no início, também não consegui utilizar depois, então eu pensei nas redes sociais, porque as redes sociais já são utilizadas pelos alunos, então esse é um caminho. O uso do *WhatsApp*, eu acho que todos os professores tiveram que usar na possibilidade de trabalhar com esses sistemas, esses modos mais amigáveis, mais próximos da realidade do aluno.

Eu tinha um site do meu laboratório, e é pago, o site <https://www.lepurb.com.br/>. Ele tem um recurso de fórum que é muito semelhante às redes sociais como o *Facebook*. Aí você coloca umas postagens, os alunos vão, na sequência, comentando e você pode responder

ao comentário, e ajudou bastante. Assim como o *YouTube*, o *WhatsApp* ajudou bastante a conduzir as atividades.

Eu vou falar um pouco mais sobre como eu fiz, qual a metodologia que, para mim deu mais certo, lembrando que tudo isso depende muito e não vai ser um padrão, isso porque eu já tive professor que as atividades são mais práticas, têm as atividades que são mais teóricas.

Como as minhas disciplinas eram as teóricas, eu tive melhor facilidade com certas práticas, as aulas síncronas, para o meu caso, elas não funcionaram muito bem. Eu posso até estender isso e dizer para os meus colegas mais próximos, que também estavam com algo muito semelhante em relação à Geografia. As pessoas, em geral, não conseguiam acessar.

Por exemplo, chegava o dia da aula síncrona, eu abria o meu *WhatsApp* para conversar com os alunos, e às vezes tinha mais justificativas que não poderiam participar do que alunos durante a aula participando. Então, essa foi a maior dificuldade durante a atividade da aula síncrona. E para os que conseguiram participar ainda teve aqui o fator que foi falado por vários de vocês, que é o fator solidão. Você conversa com vários avatares e aí vai falando, vai falando, e tem a hora que você diz: Estão ouvindo? Tem alguém aí? Porque é uma solidão incrível.

Então, não podíamos também desconfiar, desconsiderar a dificuldade do aluno, porque se o aluno diz: “Professor, não posso abrir a câmera”. Eu não vou forçar ele a abrir, e aí eu não sei o que está por trás dele, então é uma situação difícil. Por isso, foi necessário pensar em medidas alternativas. Uma das principais alternativas utilizadas foi a aula gravada e, quando se fala em aula gravada, pensa que é só ligar a câmera e falar. Não é! Você fala. Você erra. Você para e tem alguém atrapalhando. Você cancela, você volta e faz. E aí, quando vai ver, não tá bom

e tem que editar. E você tem que se transformar em um vídeo *maker*, que é um editor de vídeo.

No meu caso, como eu já tenho um computador um pouco melhor para essa atividade, eu até fui adaptando antes da pandemia para poder fazer isso tanto que tá meio que engasgando, deu para me virar. Consegui fazer as aulas e tornar essas aulas um pouco mais agradáveis. Acrescentei *memes* durante as aulas e isso gerou uma descontração. Os primeiros vídeos não foram muito bons e depois fui evoluindo e isso melhorou com o tempo. Hoje, posso dizer que a prática melhorou bastante. As aulas gravadas são bem melhores do que as primeiras e tudo isso por conta desse momento de aprendizado de muitos tutoriais no *YouTube*, enfim.

Então o que eu fazia? Eu pegava essa aula gravada e colocava nesse fórum que é uma página que eu tenho que é daquele site *wix.com*, e aí os alunos faziam comentários e foi assim, continua sendo, porque a gente ainda tá no remoto. Uma experiência maravilhosa, porque fica um acervo de comentários e alunos comentando e comentando sobre o comentário de outro, e ficou assim bem legal.

No caso das avaliações, elas variavam. Mas como falei, eu sempre gostei muito da ideia do fórum, que pode ser utilizado com outras plataformas gratuitas também e até no *Classroom* eu vi que tem essa possibilidade. O fórum foi muito essencial e eu comecei a avaliar os comentários do fórum, porque é uma forma de resposta do aluno em relação ao vídeo. E, acho que foi o Anderson que falou aqui, que ele, quando passava o vídeo, não conseguia ter esse *feedback*. Essa ideia do fórum dava um pouco esse *feedback*.

Finalmente concluindo, posso dizer o seguinte: as maiores dificuldades foram a indisponibilidade dos alunos e acesso à internet para as

aulas simples. Isso aí não tem contestação e, por isso, o uso de plataformas e metodologias mais presentes no modo assíncrono, para o meu caso, se fizeram mais vantajosas.

Isso diz muito também sobre o contato de termos agora, hoje, esse contato com metodologia de ensino a distância. Aprendemos, de fato, a entender como é que funciona isso em sua concepção. E dizer que, apesar das dificuldades, vencemos! Conseguimos deixar as nossas turmas de geografia ajustadas. Claro que ficou muita gente no caminho. Houve muita evasão, como disse o Fernando. Eles foram em busca de trabalho e acabaram deixando a universidade em segundo plano. Não por decisão deles, mas por motivos de força maior. E agora o desafio é resgatar quem evadiu, e voltarmos ao trilho no pós-pandemia, sem esquecer, é claro, das boas experiências que tivemos nesse período. Muita coisa vai ficar para sempre.

Então é isso gente!

Obrigado!

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

Obrigado José Neto!

Muito bom esses esclarecimentos sobre as metodologias, as plataformas, o site, foram muito interessantes. Parabens-o pelo trabalho.

Quero convidar agora, o professor Leonardo Zenha, da faculdade de Educação para falar um pouco também sobre as suas experiências, ele que trabalha mais diretamente com a Tecnologia Educacional, para que possa falar e nos contar como é que foi esse momento de trabalho durante a pandemia.

PROFESSOR LEONARDO ZENHA CORDEIRO

Olá!

Boa noite colegas de trabalho!

Boa noite a todos, a todas, a todes.

É um prazer estar presente com vocês.

Eu também faço parte do projeto Mesa Virtual. A gente vem dialogando e as tecnologias também, em um campo de pesquisa. Tenho aí um projeto de extensão envolvendo as tecnologias e a gente já atuou muito durante a pandemia.

E o projeto de pesquisa, inclusive, tem essa *live* como fonte, e isso é muito interessante a gente fazer essa reflexão, e ver os colegas trazerem tantas análises e reflexões sobre as suas práticas, os seus fazeres, os seus saberes. Eu acho isso muito importante.

Para começar, eu acho que primeiro a gente fazer essa reflexão, até mesmo do lado nosso, do afeto humano, tanto de vida que a gente perdeu durante essa pandemia, que não tem jeito da gente não dizer, eu acho que essas questões foram uma tragédia. Além do contexto brasileiro, diante de um governo que ataca as Universidades; que na educação, nos deixou desamparados, não teve uma política efetiva no ponto de vista do Ministério da Educação. Então, eu acho que é o ponto de a gente pensar.

E eu queria começar assim, pensando assim. Parabenizar também os professores, que durante esse período a gente viu milhares de inventividades, para não perder o contato com os seus alunos, da Educação Básica e do ensino superior. E parabenizar também todos os professores da Universidade, o esforço que a universidade tentou fazer para não perder esse vínculo. E, por mais que a gente tenha passado por vários

entraves e dificuldades, eu acho que nós saímos, pode-se dizer, vencedores desse processo, porque a gente conseguiu manter nossas atividades. Conseguimos conversar com os alunos. Conseguimos desenvolver nossos projetos de ensino de pesquisa e conseguimos sair desse lugar comum, que no caso, as tecnologias, e os problemas sócio digitais, a exclusão sócio digitais, elas estavam presentes antes da pandemia, e a pandemia ela só colocou isso na cena. A falta de políticas públicas em relação à inclusão digital e aos projetos de inserção dessas tecnologias, dos sujeitos, dos professores, dos estudantes, nas casas, elas já estavam postas. Então, a gente passou por várias dificuldades, e isso é um primeiro ponto.

E, se a gente for falar de alguma coisa de bom, um dos primeiros pontos é que essa exclusão digital está posta hoje para nós, enquanto universidades, e para nós enquanto cidadãos desse país. Essa é uma bandeira de luta que estava lá atrás. Eu lembro de projetos como o PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), que foi extinto, isso já estava posto. Então acho que isso é o primeiro ponto, que é necessário a gente continuar a pensar sobre isso.

E para continuar a prosa, eu acho que outro ponto importante da gente pensar, é que muitas vezes quando estava no presencial, a gente não conhecia de fato esses alunos. A gente conhecia aquele aluno que ia lá na sala de aula e ia embora e, de repente, usava o computador da faculdade. A gente começou a perceber que muitos alunos não têm acesso à internet, mas também não têm acesso a outras questões, como um lugar, um ambiente saudável nas suas casas. E isso é uma coisa que a gente começou a entrar nessas casas. O Neto falou de a gente conversar com o *avatar*. Eu lembro que eu comecei a fazer algumas brincadeiras com os nossos alunos, deles trocaram esses avatares. Então cada dia eles

trocavam suas fotos para a gente entender um pouco essas coisas deles, de não abrir a câmera. Muitas vezes, é que só tinha um cômodo na casa, ou o local de estudo dele na casa é na cozinha. Então entender esse íntimo, essa perspectiva da intimidade nos nossos alunos, é uma questão que eu acho que é uma reflexão importante que a gente não pode perder de vista.

E aí, até outras questões. Quais são as fontes de financiamento? Ou até mesmo a questão da inclusão digital do aluno para poder comprar um computador, tão importante para ele estudar, para ele escrever. São questões que estão postas para nós diante desse processo que eu acho que é multireferencial. As pessoas são multireferenciais. É que passamos, diante desse caos da Covid, a ficar dentro de casa e começamos a perceber isso.

Como eu digo, a gente que pesquisava isso antes, hoje em dia eu fico pensando assim: eu estou trabalhando cada vez mais para entender e, ao mesmo tempo, suprir algumas necessidades. A gente deu muitas oficinas e aí, o professor Fernando falou do *podcast*. A gente acabou chegando no *podcast*. Foi uma das práticas que veio de um curso de formação que nós demos pela rede social *Facebook*. A gente utilizou também diversas plataformas. Mais à frente eu vou entrar na problemática da plataforma, que eu acho que é outro problema que a gente tem que entrar. Mas a questão de usar o *podcast*, foi porque o áudio, de certa forma no *podcast*, é bem mais leve, no ponto de vista da memória do celular, a gente acabou entrando nesse debate: a memória do seu celular.

Então a gente teve muito debate com os alunos para ensinar para eles como levantar alguns dados para a nuvem, para tentar liberar espaço dentro dos celulares, para conseguir, porque muitos alunos ou

quase a maioria deles não tem computador, e isso é uma característica da região norte que já estava posta lá atrás. A desigualdade do ponto de vista de acesso a equipamento, é gritante na região norte, com relação ao computador, ou seja, poucas famílias e poucos estudantes tem computador, mas todos eles têm o celular.

O celular é hoje, a gente não gosta nem de chamar de ferramenta – porque aí, a gente pensa o celular pela perspectiva da cultura. Isso daqui tem vida e a ferramenta é como se fosse algo distante de nós. O celular, pode olhar muitos autores – Nelson Preto, Edméa Santos, André Lemos – se tornou cada vez mais um prato cheio e já estava posto, que está presente nesse cotidiano. Então, o celular está presente no cotidiano, mas a gente tem que pensar quais são as formas de estudo que a gente pode potencializar com o celular, e como que a gente pode pensar essa inclusão sóciodigital, inclusive, com políticas públicas para ultrapassar isso. Eles têm que ter celular, mas tem que ter um computador, tem que ter uma câmera boa, tem que ter um microfone. Aí algumas pessoas falaram que tem a questão do uma iluminação melhor.

E aí, diante dessa questão existe uma problemática muito grande, que foi: nós, enquanto professores, como é que nós nos viramos para isso? E aí a falta também de políticas públicas para nos incorporar nesse processo de tentar comprar um computador. Eu tenho certeza que muitos de nós tivemos que gastar dinheiro para comprar e, com o dólar no preço que tá, os computadores estão cada vez mais caros. Então, tem essas questões de fundo.

E uma das questões que é importante a gente não perder de vista: a gente tá fazendo uma pesquisa. Inclusive já faço propaganda do livro que a gente publicou – *Ensino remoto na pandemia do coronavírus* (SOUZA, ZENHA, BELLARD, 2021) –, vários colegas aí escreveram. Tem

colegas do Brasil todo. E uma coisa importante também: os alunos. O tanto que os alunos, nesse processo da pandemia, aprenderam com as questões das *lives*. Tem estudante que ouviu *live* do Brasil, de Portugal e de outros espaços. Tiveram aula, inclusive, ouviram bancas que nunca tinham ouvido. Banca de mestrado, banca de doutorado, discussões de pesquisas, ou seja, a potência do ponto de vista de conhecer outros espaços.

A gente sabe que nem os alunos nem nós estamos tendo dinheiro para viajar para ver seminário. Nem nós estamos tendo dinheiro para viajar diante dessa questão do caos no Brasil do efeito Bolsonaro. Claro que tem a questão do cansaço e, aí, a Gizélia colocou o ponto que é essa desigualdade de gênero. Porque para as mães, para as mulheres, a dificuldade é: vai ter que dar aula, vai ter que olhar o filho, vai ter que arrumar a casa, vai ter que insistir. Essas questões foram acumulando.

Era isso! Boa noite!

MEDIADOR PROFESSOR RENATO PINHEIRO DA COSTA

De antemão, eu quero agradecer imensamente em nome da coordenação do Projeto Mesa Virtual.

Quero agradecer a presença da professora Gizélia, do professor Luiz, professor Fernando, professor José Neto, que nos colocaram muitas questões relevantes, importantes para a condução do trabalho docente, para o processo ensino-aprendizagem no ensino superior, na pós-graduação e para também o trabalho na universidade.

Eu quero agradecer a oportunidade, agradecer também ao professor Leonardo Zenha, que infelizmente não teve condições de concluir, mas acredito que as colocações foram muito bem pontuais,

esclarecedores. Então boa noite a todos e a todas e nos encontramos na nossa próxima mesa virtual, em um outro momento que vamos estar divulgando. Muito obrigado.

Até a próxima!

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, E. P.. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. REVISTA EMREDE - REVISTA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, v. 7, p. 257-275, 2020. Acesso em: 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621/575>
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2016.
- BREVES, Prefeitura Municipal de Breves. Concurso Público nº 001/2020. EDITAL N.º 001/2020, DE 21 DE FEVEREIRO DE 2020. Disponível em: <https://www.acheconcursos.com.br/imagens/anexo/36243/edital-breves-pa-2020.pdf>. Acesso em 20/06/2020
- CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil. Panorama Setorial da Internet, 2016. Disponível em: http://cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf. Aceso em: 20/06/2020
- DOSTOIÉVSKI, F. Crime e castigo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001
- ESTADO DO PARÁ. Jornal de Propriedade de uma sociedade anônima, Belém, a. 1, edição 235, 1911. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800082&pasta=ano%20191&pesq=Altamira&pagfis=939>. Acessado em: 21 de maio de 2020.
- FGV. Mapa da Inclusão Digital. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012.
- INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. Direito a comunicação e internet: O empoderamento digital como garantia de direito no ambiente *online*. Brasília, s.e.: 2018. Disponível em: <https://intervozes.org.br/arquivos/interdoc023daciadc.pdf>. Acesso em: 15/06/2020
- NOVOA. Antônio. Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009

PARA. Conselho Estadual de Educação. **NOTA TÉCNICA CONJUNTA CEE/PA-SEDUC- Nº 02/2020.** Incorpora as manifestações do documento “Resposta do FPEC, Fóruns Regionais, Entidades e Instituições da Sociedade Civil ao CEE/PA”, de 03 de junho de 2020. Orientações para o retorno às aulas após suspensão das atividades em decorrência da pandemia da covid-19.-Educação indígena, do campo, quilombola e povos tradicionais. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1x07qcrKexhlnvb8dkSY-aKSVbscTg7NM/view>. Acesso em: 20/06/2020

SAFATLE, Vladimir.O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015

SILVEIRA, Wilson. Cientista que não produz vira professor, diz FHC. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 de novembro de 2001. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2811200103.htm>. Acesso em 20/06/2020

SOUSA, Raimundo. ZENHA, Leonardo. BELLARD, Priscila. Ensino remoto na pandemia do coronavírus: relatos, experiências e desafios na educação superior. Curitiba: CRV, 2021.

TV CULTURA. Educação Brasileira 142 - Otaviano Helene. Entrevista. 2013. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/35225_educacao-brasileira-142-otaviano-helene.html. Acesso em: 20/06/2020

UFPA. Estabelece medidas de caráter temporário visnado à adequação do funcionamento da Universidade Federal do Pará às determinações oficiais referentes à emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19). PORTARIA Nº 1206 de 8 de abril de 2020. Belém: UFPA, 2020. Disponível em: <https://progep.ufpa.br/progep/documentos/teletrabalho/Portaria-1260-2020.pdf>. Acesso em 26 abril 2021

OS AUTORES

ROZINALDO RIBEIRO DA SILVA



Graduado em Pedagogia. Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor efetivo da Universidade Federal do Pará-UFPA/Campus Universitário de Altamira/Faculdade de Educação na disciplina Política e Legislação da Educação entre outras. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Pará-GEPTE/UFPA. Grupo de Estudos e Pesquisas em Política, Planejamento e Gestão da Educação-GEPGED/UFPA. Coordenador do Projeto de Extensão Mesa Virtual no Campus de Altamira.

RENATO PINHEIRO DA COSTA



Pedagogo. Doutor em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa HISTEDBR/SECÇÃO ALTAMIRA-PA. Professor da Faculdade de Educação - Campus UFPA de Altamira/Pa, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-PROFHISTORIA/UFPA, Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/UFPA

LEONARDO ZENHA CORDEIRO



Professor Dedicção Exclusiva na Universidade Federal do Pará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/UFPA) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialização em Educação a Distância Senac -MG. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação (UFMG). Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Pesquisador na área de Educação, cultura digital e tecnologias no contexto da Cibercultura

MARCELO LEANDRO NERES



Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Políticas Educacionais e Saberes Docentes pela Universidade Federal do Pará. Curso técnico-profissionalizante em Técnico de Informática para Internet pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Atualmente é Técnico Administrativo da Universidade Federal do Pará.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org